

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

WESLEY BRUNO ARMSTRONG BIANCO

**MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS PARA OS CONCEITOS DE FAMÍLIA,
REALIZAÇÃO PROFISSIONAL E TRABALHO A PARTIR DE UM GRUPO DE
FALANTES CURITIBANOS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2013

WESLEY BRUNO ARMSTRONG BIANCO

**MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS PARA OS CONCEITOS DE FAMÍLIA,
REALIZAÇÃO PROFISSIONAL E TRABALHO A PARTIR DE UM GRUPO DE
FALANTES CURITIBANOS**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão (DACEX) e do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas (DALEM) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.
Orientador: Prof^o. Dr. Paulo Juarez Rueda Strogenski.

CURITIBA

2013



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Curitiba
Diretoria de Graduação e Educação Profissional – DIRGRAD
Coordenação de Letras
Licenciatura em Letras Português-Inglês



TERMO DE APROVAÇÃO

MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS PARA OS CONCEITOS DE FAMÍLIA, REALIZAÇÃO PROFISSIONAL E TRABALHO A PARTIR DE UM GRUPO DE FALANTES CURITIBANOS

por

WESLEY BRUNO ARMSTRONG BIANCO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 23 de setembro de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

(Paulo Juarez Rueda Strogenski)

Prof. Orientador

(Rossana Finau)

Membro titular

(Andreia Rutiquewiski Gomes)

Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

Acima de tudo, dedico esse trabalho ao Eterno, que tem me guiado em todos os momentos, sempre me mostrando as fontes de energia para conseguir superar os problemas, encontrar e ser a solução para os mesmos, assim como em conseguir ajudar as pessoas ao meu redor. Sou eternamente grato à tudo o que Senhor fez e faz em minha vida.

Também gostaria de dedicar esse trabalho, bem como a conclusão desse curso, à minha mãe, Rosana. Não tenho palavras para explicar o quanto a senhora foi e é importante em minha vida. Obrigado sempre ter me amado incondicionalmente.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao Eterno, por toda a sua ajuda, e por me estar comigo nas horas mais difíceis. Seus ensinamentos com as outras pessoas, bem como comigo mesmo me ajudam muito. Obrigado pelo dom da vida, e pelas minhas faculdades mentais. Obrigado pela oportunidade de sempre aprender muito com os seres humanos maravilhosos que o Senhor tem colocado em meu caminho. Obrigado por tudo.

Quero agradecer à instituição UTFPR por ter me proporcionado um incrível amadurecimento nesses quase 5 anos em que cursei Letras. Além disso, ter sido o lugar no qual conheci pessoas muito importantes na minha vida. Academicamente, também quero agradecer a todos os professores com quem tive aula nos departamentos DALEM e DACEX. O aprendizado acadêmico, e de vida, principalmente, que aprendi com vocês me fez amadurecer muito. Em especial, gostaria de agradecer à minha banca. Fico muito feliz em estar sendo avaliados por profissionais tão competentes. À Andreia Gomes, gostaria de agradecer toda a ajuda nas duas fases do TCC, à sua grande paciência e calma, o que fez esse processo muito menos dolorido. À Rossana Finau, agradecer todo o carinho comigo desde o começo do curso, sou muito grato por alguns ensinamentos que a senhora me passou e talvez nem mesmo saiba.

Ao Paulo Strogenski, agradeço por todos os ensinamentos sobre esse assunto da pesquisa desde o começo do curso. Sua paciência, sua perspicácia e principalmente sua grande ajuda nesse trabalho. Sem o senhor, o mesmo não seria possível. Tenho grande admiração pela sua pessoa. Gostaria também de agradecer muito aos ensinamentos do professor Zama Caixeta Nascentes. As suas aulas e suas lições de vida foram muito importantes para mim. Tenho grande orgulho em ter sido seu aluno e ter conhecido uma pessoa tão singular como o senhor.

A nível pessoal, gostaria de agradecer à minha mãe, Rosana, quem me amou e me educou desde sempre. Não apenas por ser minha mãe, mas por ser uma mulher guerreira que me ensina mais do que pensa. Suas atitudes, seus valores, sua forma de ver a vida tudo isso me encanta e me dá mais orgulho em ser seu filho. Também quero agradecer e dedicar esse trabalho aos meus irmãos Fernando e Felipe, saibam que apesar da distância, e do contato que poderia ser maior, amo muito vocês, sempre poderão contar comigo. Ao meu padrasto Atelir, meu verdadeiro pai, quem me criou, me educou e me ensinou a ser um homem com bons valores. Ao meu tio Alicardo, uma das pessoas mais maravilhosas que conheço, obrigado por toda a felicidade e força que consegue me passar, e por todos os conselhos.

Aos meus amigos. Principalmente, à Guilherme Lozano Lima, Thiago A. Govatski,, Joel Saalfeld, Andrius Felipe Roque e Cristina Keiko Yamaguti. Obrigado por toda a ajuda, vocês têm se tornado cada vez mais importantes na minha vida, verdadeiros irmãos, parte da minha família. Sou muito grato a todos os momentos compartilhados com vocês e por tudo o que vocês me ensinam, mesmo quando não querem ensinar.

Meus sinceros agradecimentos à Lourdes Knapik e a João Marcos de Souza, por toda ajuda quando mais precisei, quando boa parte da minha própria família não me ajudou.

Sempre terei muito admiração e carinho por vocês, que o Eterno sempre abençoe muito a sua família, que é maravilhosa, e principalmente o pequeno Moisés.

À Bhering Advogados, pela estrutura proporcionada que foi fundamental para o término desse trabalho, bem como à Rúbia, Francine, Juliana, Pedro, Augusto, Gabriela, Angelita, Rafael, Gislaine, Priscila e Jiuliano, pelo companheirismo e risadas, o que foi muito importante nessa reta final.

A todos que, de alguma forma, me ajudaram nessa caminhada. Sou grato a muito mais pessoas do que pude citar nesse pequeno texto. Tenho boas lembranças de todos os meus colegas de turma, e de muitos colegas de curso, no geral. Espero que esse humilde agradecimento seja apreciado por muitos, e que se lembrem que sou realmente grato a muitas pessoas que me ajudaram a trilhar esse caminho.

RESUMO

BIANCO, Wesley B.A. Análise dos modelos cognitivos idealizados sobre os conceitos de FAMÍLIA, REALIZAÇÃO PROFISSIONAL e TRABALHO a partir de um grupo de habitantes nativos da cidade de Curitiba. 2013. 90f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Esta pesquisa analisa quais são os Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), a partir de Metáforas Conceituais utilizadas para a construção dos Modelos Conceituais FAMÍLIA, TRABALHO e REALIZAÇÃO PROFISSIONAL de um grupo de falantes nativos de Curitiba. Para tanto, o *corpus* é constituído por meio de entrevistas com seis curitibanos. Os fenômenos linguísticos averiguados segundo as metáforas encontradas têm como base de referência os trabalhos de Lakoff e Johnson (2002) e Lakoff (1987), formuladores desse conceito. O objetivo do trabalho é a investigação de quais modelos culturalmente formulados influenciam nas construções desses modelos cognitivos. Nesse aspecto, foi utilizado o trabalho de Feltes (2007) como base para a análise dos Modelos Culturais (MC). O grupo de entrevistados foi dividido em três faixas etárias e, portanto, abrange universos de visões diversificadas sobre as categorias semânticas. A partir das análises, os resultados constatados indicam que os papéis sociais dos informantes são determinantes na maneira pela qual eles vivenciam as metáforas. E, em relação aos modelos cognitivos pesquisados, o conceito de FAMÍLIA é observado como fundamental para essa comunidade curitibana, uma vez que influencia muitas construções metafóricas dos outros conceitos. Além disso, observa-se que o ingresso no mercado de trabalho também é um fator determinante na mudança da consideração do conceito TRABALHO e, como consequência, de REALIZAÇÃO PROFISSIONAL.

Palavras-chave: Semântica Cognitiva. Modelos Cognitivos Idealizados. Modelos Culturais. Categorias Conceituais.

ABSTRACT

BIANCO, Wesley B.A. Analysis of Idealized Cognitive Models about the concepts of FAMILY, PROFESSIONAL REALIZATION and WORK from a group of native inhabitants of Curitiba. 2013. 90f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) – Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão e Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas, Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

This project analyzes which are the Idealized Cognitive Models (ICM), from Conceptual Metaphors used for the construction of Conceptual Models FAMILY, WORK and PROFESSIONAL REALIZATION of a group of native speakers of Curitiba. Thus, the *corpus* consists of interviews with six native speakers. The linguistic phenomena investigated according to the detected metaphors are based on the reference work of Lakoff and Johnson (2002) and Lakoff (1987), formulators of this concept. Nevertheless, the objective of the work is the investigation of which culturally formulated models influence the construction of these cognitive models. In this aspect, the work used is Feltes (2007) as basis for the analysis of Cultural Models (CM). The group of respondents is divided into three age groups and therefore encompasses universes of diverse views about the categories. From the analysis, the results indicate that the social roles of the informants are crucial in the way they experience the metaphors. And in relation to cognitive models surveyed, the concept of FAMILY is seen as fundamental to this community since that influences many metaphorical constructions of other concepts. Nevertheless, it is observed that the entry into the labor market is also an important factor in the consideration of changing of the concept WORK, and as a consequence, in the PROFESSIONAL REALIZATION.

Keywords: Cognitive Semantics. Idealized Cognitive Models. Cultural Models. Conceptual Categories.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
3.1 COLETA DE <i>CORPUS</i>	30
3.2 GRUPOS ANALISADOS.....	32
3.3 ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS.....	33
3.4 FORMA DE ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	35
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	38
4.1 TRABALHO.....	38
4.2 REALIZAÇÃO PROFISSIONAL.....	48
4.3 FAMÍLIA.....	59
5 ANÁLISE DOS MODELOS COGNITIVOS A PARTIR DOS GRUPOS DE INFORMANTES.....	75
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
7 REFERÊNCIAS.....	85
ANEXOS.....	87

1 INTRODUÇÃO

Os estudos no campo da Semântica Cognitiva têm como base de pesquisa diversos processos de significações que se adéquam ao pensamento dos falantes. As investigações dessa área de estudo visam analisar de que forma os usos das línguas humanas estão assentadas no sistema de cognição das pessoas, bem como as influências que essas linguagens têm nos seus pensamentos e esses, sobre essas linguagens. Além de ser bastante vasta, essa área da semântica apresenta algumas vertentes bastante estudadas. Dentre elas, destaca-se a dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), a qual tem é destacada por conta da grande quantidade de pesquisas que muitos autores têm realizado sobre esses modelos para maior entendimento sobre variados conceitos vividos pelas pessoas.

Esses modelos, por sua vez, são estruturas constituídas através da cognição das pessoas, e são construídos com base nas suas experiências cotidianas com o mundo ao redor. Além disso, eles têm o papel de auxiliar os falantes a formularem novas construções em seus sistemas cognitivos.

Além disso, elementos culturalmente formulados também apresentam grande influência nas construções linguísticas que os falantes utilizam, uma vez que aspectos estruturados pela cultura local são internalizados por esses indivíduos e podem ser inferidos com os usos desses MCI (que, nessa pesquisa, serão obtidos através das análises de Metáforas Conceituais). Além disso, os Modelos Cognitivos Idealizados organizam as categorias conceituais, as quais abarcam aspectos comuns da vida dessas pessoas e são social e culturalmente formulados. Vale a observação de que esses tipos de pesquisa, portanto, tratam tanto das questões experienciais (as quais invocam os Modelos Cognitivos), bem como as experiências culturais que, por meio dos padrões em que são vivenciados, criam novos modelos cognitivos para as pessoas. Nesse caso, denominam-se esses representantes sociais de Modelos Culturais.

As pesquisas com foco de análise nas falas, tomando como partida esses dois grandes grupos de modelos cognitivos (MCI, representados pelas Metáforas Conceituais, e Modelos Culturais), portanto, podem revelar ao pesquisador de que maneira os falantes de um determinado local pensam sobre determinadas categorias. É muito importante, mais uma vez, destacar que as categorias são influenciadas pelas metáforas que os indivíduos realizam e que essas, por sua vez, são delimitadas pelas suas experiências em conjunto com a cultura local que molda a sua forma de atuar e viver no mundo.

A partir dessa base de modelos cognitivos centrados nas Metáforas Conceituais e Modelos Culturais, esse trabalho buscou analisar os Modelos Cognitivos Idealizados que são utilizados para as construções de algumas categorias conceituais em um grupo de falantes de Curitiba. Para tanto, o *corpus* de análise foi construído por meio das seleções dos usos linguísticos das entrevistas desses curitibanos.

Em um segundo momento, após a análise em busca de investigar os MCI (por meio das metáforas conceituais) utilizados, a pesquisa se debruçou sobre as investigações dos Modelos Culturais, tendo em vista que eles também serão verificados no *corpus*, e ajudarão na compreensão de quais elementos da cultura são utilizados para que as construções dessas categorias sejam realizadas, das formas como foram, pelos entrevistados.

Em relação ao sistema cognitivo, os MCI são uma das formas de se conceber a maneira pela qual as línguas interferem na cognição humana. Ao se focar neles, é importante destacar que são estruturas mais simples que comportam derivadas significações pelo fato de terem como base modelos que são comumente usados pelas pessoas. Dessa forma, os indivíduos obtêm as devidas significações através das utilizações desses modelos. Portanto, tais modelos seriam partes menores de um conjunto que comportaria o grande assentamento da língua no sistema cognitivo das pessoas (MCCAULEY, 1987, p.292).

Esses modelos, por sua vez, são

construtos idealizados, porque, em primeiro lugar, não precisam se ajustar necessária e perfeitamente ao mundo. Isso se justifica pelo fato de que, sendo resultados da interação do aparato cognitivo humano (altamente corporalizado) e a realidade –via experiência-, o que consta num modelo cognitivo é determinado por necessidades, propósitos, valores, crenças, etc. Em segundo lugar, podem-se construir diferentes modelos para o entendimento de uma mesma situação, e esses modelos podem ser, inclusive, contraditórios entre si. Os modelos, portanto, são o resultado da atividade humana, cognitivo-experencialmente determinada, são o resultado da capacidade de categorização humana (FELTES, 2007, p.89).

A partir deles, de acordo com o uso das metáforas conceituais encontradas, essa pesquisa buscou analisar, por inferência dos usos linguísticos dos falantes, de que forma estão construídos os Modelos Conceituais FAMÍLIA, TRABALHO e REALIZAÇÃO PROFSSIONAL (R.P.), no *corpus* dessa pequena comunidade da cidade de Curitiba. Por meio disso, também são observados quais os elementos culturalmente formulados que contribuem para as construções que essas categorias apresentam nas falas desse grupo. Os entrevistados, dessa forma, se caracterizam por serem nativos (ou naturalizados), e sempre (ou desde que se mudaram para Curitiba, na qual a IF3 começou a morar com 4 e o IM3 com 3 anos, no caso dos naturalizados) terem residido nessa cidade.

Para tanto, o enfoque teórico foi construído a partir dos estudos de semântica cognitiva de Lakoff e Johnson (2002) e Lakoff (1987), os quais são os formuladores dos conceitos de Modelos Cognitivos Idealizados. Eles atribuem grande destaque aos modelos cognitivos metonímicos e metafóricos, ricos em significações e bastante utilizados na linguagem oral. Além deles, foi utilizado o trabalho de Feltes (2007), a qual aborda o assunto dos Modelos Culturais. Em relação a estes últimos modelos, é importante esclarecer que esses “não são estruturas meramente ‘internas’, devendo, antes, ser tomados no sentido estrito de ‘modelos’, esquematizações **coletivas**, intersubjetivas, como propriedades de grupos, não de indivíduos, à medida que são conhecimentos compartilhados” (FELTES, 2007, p.90).

Essa definição se torna deveras importante para que haja uma clara separação entre os MCI e os Modelos Culturais, posto que ambos serão abordados ao longo de todo o trabalho.

Nesse momento, é importante esclarecer de forma mais clara o conceito de cultura, muito difundido no senso comum, o que pode dificultar o entendimento proposto nessa obra. Segundo Ralph Linton (2000, p.279), a cultura “consiste na soma total e organização de ideias, reações emocionais condicionadas e padrões de comportamento habitual que seus membros adquiriram pela instrução ou pela imitação de que todos, em maior ou menor grau, participam”.

Além disso, o autor diz que as “culturas podem ser tratadas como se fossem realidades; que é possível estudá-las, analisá-las e tirar em relação a elas certas generalizações válidas” (RALPH LINTON, 2000, p.279). Estes excertos conseguem explicitar a maneira pela qual foi tratada a questão do conceito de cultura nessa pesquisa. É necessário se destacar que esse conceito foi estudado a partir das constatações dos resultados das análises dos modelos cognitivos aqui propostos e das suas metáforas conceituais constatadas. Ao se realizar uma análise que parte das línguas (as quais apresentam elevado grau de influência uma sobre as outras), utiliza-se também das ideias de Lévi-Strauss (1987) sobre a influência que as culturas dos povos apresentam uma sobre as outras. Esse aspecto é de extrema relevância, uma vez que as influências que as línguas apresentam em relações umas as outras parte da conexão cultural (contato) entre os povos que as utilizam.

As questões relativas às análises dos MCs, os quais estão relacionados a esse conceito de cultura aqui exposto, ficaram restritos à análise do trabalho da professora Feltes (2007). É importante destacar que ela faz a ponte entre os modelos conceituais e os aspectos culturais através desses Modelos Culturais. Sua pesquisa encontra demasiada relevância nessa obra justamente pela ligação entre esses modelos.

As análises se estenderam, em níveis mais detalhados, para as observações de quais os tipos de metáforas conceituais são mais utilizados por esses falantes, e que dessa forma acabam por estruturar os modelos conceituais pesquisados. A partir das análises mais aprofundadas dessas metáforas, verificou-se quais elementos culturais presentes nos fenômenos linguísticos, utilizados pelos falantes, possibilitarão inferir sob quais aspectos culturais (social e regionalmente marcados) estão construídas as categorias pesquisadas. As referências para as investigações desses elementos foram realizadas por meio da obra já citada de Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, a qual já traz trabalhos de outros pesquisadores que contribuem com seu projeto de examinação de conceitos nas comunidades rio-grandenses.

É importante destacar que os trabalhos da pesquisadora Heloísa Pedroso de Moraes Feltes são exceções dentro dessa área de pesquisa. A bibliografia brasileira sobre o tema carece de estudos que abordem os MCI e Modelos Culturais, de forma conjunta, presentes dentro de suas comunidades linguísticas. Os estudos de Linguística Cognitiva que trabalham com análises na área da Semântica Cognitiva enfocam, em grande parte das vezes, apenas as análises de Modelos Cognitivos Idealizados. Além disso, muitos executam trabalhos aprofundados nas categorias conceituais, contudo, a grande maioria não realiza essa ponte entre os MCI e os Modelos Culturais que lhes dão sustentação, os quais se apresentam através das recorrências linguísticas utilizadas para se referir sobre essas categorias.

Esse viés apresenta grande relevância, portanto, na necessidade de se desenvolver um estudo sobre os Modelos Culturais integrantes das categorias pesquisadas nesse trabalho. Esses modelos abarcaram, por sua vez, os elementos da cultura dessa comunidade. É necessário ter em vista, também, que essas relações de cultura vão além do espaço em que esse grupo se encontra, abrangendo elementos como, por exemplo, os das construções históricas e políticas do local.

Dessa forma, essa pesquisa levou em consideração também, como pano de fundo, as influências de elementos extralinguísticos (inferidos através de usos linguísticos) utilizados para se referirem aos modelos conceituais, utilizados em conjunto com os MCI (através das metáforas conceituais) de cunho universal. Essas construções extralinguísticas, condicionadas por fatores sociais e regionais (portanto, da vida cotidiana dessas pessoas), serão de extrema importância, pois elas atuam nos indivíduos para que eles formulem construções de conhecimento coletivo (determinada pela cultura local), como afirma Feltes (2007, p.90).

Quanto aos trabalhos já realizados que, efetivamente, pesquisam sobre essas categorias com o objetivo de captarem construções que possam demarcar os Modelos Culturais que influenciam nas construções das categorias pesquisadas, observa-se que estão

concentrados, em sua maior parte, no estado do Rio Grande do Sul. Além disso, observa-se que durante o levantamento da literatura nessa área de estudos, não foram encontrados trabalhos sobre categorias conceituais na comunidade linguística de Curitiba. Nesse momento, o estudo aqui apresentado toma caráter de inédito por ser o primeiro com esse tipo de pesquisa na capital paranaense e, também, pela combinação das categorias (modelos conceituais) escolhidas a serem analisadas, pois a mesma não foi evidenciada nos trabalhos já debruçados sobre as categorias conceituais. O tripé FAMÍLIA, TRABALHO e REALIZAÇÃO PROFISSIONAL será abordado pela primeira vez sob uma única análise.

As escolhas dessas categorias foram realizadas, primeiramente, por serem temas universais e estarem presentes nas preocupações de grande parte das pessoas desde sua juventude. Além disso, os trabalhos encontrados na revisão de literatura sobre o assunto já lidam com algumas dessas categorias, como são o exemplo do TRABALHO e da FAMÍLIA, os quais podem ajudar nas análises a serem feitas nessa pesquisa. A REALIZAÇÃO PROFISSIONAL, por sua vez, surge como uma extensão das preocupações que os falantes têm em relação ao sustento da família através do trabalho e de seus sentimentos/sonhos.

É importante lembrar que, para tanto, os Modelos Cognitivos Idealizados constatados através do uso de metáforas conceituais (as metonímias estão incluídas nessas metáforas), servem como meio (e não como fim) para a realização de inferências de usos que possam se caracterizar como tipicamente culturais nas construções das categorias analisadas desses falantes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Já foram explicitadas, anteriormente, as três principais obras que guiaram, e deram base, para as análises a serem aqui realizadas, as quais são Lakoff e Johnson (2002), Lakoff (1987) e Feltes (2007). Portanto, postuladas as obras, é importante se destacar de que forma os conceitos que permitem que a análise seja realizada dentro dessa pesquisa estão estruturados dentro delas..

A obra de Lakoff e Johnson (2002) tem sua grande contribuição ao fornecer a TMCI, Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados. Esses modelos têm suas bases de formação sedimentadas sobre dois grandes eixos, os de experiência sociais e corpóreas, da relação do corpo do ser humano, das pessoas enquanto espécie altamente dependente da sobrevivência pela união das pessoas em comunidades. Além disso, a completude dessas ferramentas cognitivas são realizadas através da experiência do imaginário humano pela maneira na qual captamos o mundo, o que faz com que ela se sedimente na cognição das pessoas, e, portanto na forma de como pensamos. É importante destacar que essas formas de se pensar são mostradas aos pesquisadores através da linguagem (estendendo-se para qualquer área cujo *corpus* venha de uma necessidade interior relacionada aos sentimentos, à mente da pessoa), porque, como afirma Lakoff e Johnson (2002, p.45), “já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de evidência de como é esse sistema”.

Com isso, surge o questionamento de que forma seria possível analisar essas construções que refletiriam as maneiras pelas quais as pessoas não apenas pensam, mas constroem os blocos maiores (e mais fundamentais) que dão base as suas construções cognitivas mais simples e universais, que acabam guiando todos os pensamentos desses falantes. Uma das formas que se tem acesso a essas construções cognitivas são realizadas pela figuras de linguagem, principalmente as da metáfora e metonímia.

Lakoff e Johnson (2002, p.45) afirma que

a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (p.45)

Esse trecho reafirma o que foi dito acima, e colabora no entendimento da questão da maneira pela qual a linguagem acaba por governar as atitudes das pessoas, uma vez que constroem suas formas de pensar. No entanto, a questão da figura da metáfora se torna complexa por conta da sistematicidade que ela apresenta dentro das cognições das pessoas.

Essa característica das metáforas se organizarem como sistema surge através das formas pelas quais os conceitos são vivenciados dentro da língua. É importante destacar que ao sistema conceptual humano, que é construído metaforicamente, é o que permite que haja realizações linguísticas metafóricas. A metáfora conceitual é, portanto, uma construção cognitiva das pessoas, ela faz parte do sistema em que os pensamentos dos indivíduos estão assentados. Uma vez que são construtoras dessas formas pelas quais os indivíduos pensam, as construções de metáforas que as pessoas realizam (as ditas realizações linguísticas), se remetem às metáforas conceituais que formam as bases dos pensamentos das pessoas. A partir dessa característica apresentada, pode-se destacar que as realizações linguísticas aqui analisadas permitiram descobrir essas metáforas conceituais, as quais poderão mostrar de forma mais concreta de que forma estão estruturados os modelos conceituais colocados em foco nesse estudo.

Um conceito, segundo essa teoria, seria um determinado domínio da vida de uma pessoa. Para exemplificar suas concretizações, usa-se o termo de DISCUSSÃO e da GUERRA, uma vez que é um dos quais é utilizado por Lakoff e Johnson (2002). Note-se que as letras maiúsculas são relacionadas a conceitos metafóricos, para diferenciar da palavra enquanto termo comum (quando não está sendo caracterizada por ter uma construção sistemática). Portanto, ao se visualizar o conceito GUERRA, o autor a exemplifica por meio de uma metáfora conceitual muito utilizada no cotidiano, DISCUSSÃO É GUERRA. Nos exemplos de metáforas que serão citados daqui por diante, dentro do trabalho, o “é” deve ser visto como uma abreviação para uma série de experiências nas quais a metáfora se baseia e em termos das quais nós a entendemos” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.69).

Com respeito a essa metáfora descrita acima, portanto, o elemento da DISCUSSÃO, por ser mais abstrato, é forçado a utilizar elementos do conceito de GUERRA (o qual é bem mais concreto, pois é uma vivência que se realiza com uma experiência física), para que seu sentido se torne mais compreensível para as pessoas. As maneiras de se colocar a DISCUSSÃO de forma que ela se pareça com uma batalha física surge com o uso de um vocabulário de guerra, como “atacar uma posição, indefensável, estratégia, (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.49)”, entre muitas outras utilizadas em construções como *perdi a discussão, sua argumentação não tem defesa, ele me atacou com palavras*, as quais são

orações muito utilizadas dentro da linguagem cotidiana, e que explicitam muito bem a maneira pela qual as posições relativas ao conceito de DISCUSSÃO estão assentadas na língua. Nesse sentido, GUERRA, e toda a extensão vocabular estendida dele, servem para tentar elucidar de forma mais clara a idéia de DISCUSSÃO.

O mesmo fenômeno ocorre quando se analisa a metáfora TEMPO É DINHEIRO. Esse trabalho de Lakoff e Johnson (2002), (embora realizada por eles, norte-americanos, em relação à língua inglesa falada e pensada nos EUA), traz muitas metáforas também utilizadas no português brasileiro, e essa última é uma delas. E, tanto em português, quanto em inglês, há bastantes metáforas lingüísticas usadas para definir essa metáfora conceitual, alguma delas são: “você está *desperdiçando* meu tempo; eu não *tenho* tempo para *perder com isso*; o seu tempo está se *esgotando*” (p.50). Essas construções também deixam clara a ideia de tempo como algo que pode ser dado, cedido, perdido, desperdiçado (assim como o conceito do DINHEIRO), e muitas características desse conceito mais concreto, portanto, acabam por dar fundamento aos usos dos elemento mais abstrato, o tempo.

Note-se que, em relação a essa última metáfora conceitual, há grande compartilhamento entre os usos tanto em língua inglesa quanto em portuguesa pelo fato da construção da cultura ocidental ter enquadrado a questão do tempo no universo do ganho financeiro, introduzindo a ideia de que quanto mais tempo se dedica a algum trabalho, mais dinheiro pode se obter com ele (ou quanto mais se trabalha, mais dinheiro é possível ganhar). Nesse momento, pode-se fazer uma prévia discussão (que mais à frente será retomada na questão das análises culturais) quanto à de que forma os aspectos culturais e sociais afetam no estabelecimento nas formas de pensar, o que é refletido nesses pensamentos (e muito transparente nas metáforas).

Os quatro conceitos aqui identificados por meio dessas duas metáforas conceituais: GUERRA, DISCUSSÃO, TEMPO e DINHEIRO, são definidos através de várias metáforas, essas, por sua vez, vão formulando suas características dentro da língua. Como construção de várias metáforas que há em língua inglesa, bem como em língua portuguesa, Lakoff e Johnson (2002) acabam identificando que “TEMPO É DINHEIRO, TEMPO É UM RECURSO LIMITADO e TEMPO É UM BEM VALIOSO são todos conceitos metafóricos”. Assim sendo, pode-se observar que esses conceitos ajudam a formular, de maneira mais clara, o conceito TEMPO. Da mesma forma que as várias realizações metafóricas da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA vão moldando (e clarificando, o conceito de GUERRA). Essa própria metáfora, bem como TEMPO É DINHEIRO, são conceitos, como já apresentado. Portanto, torna-se claro que as metáforas conceituais acabam por se mesclar dentro das

definições que acabam por prover os conceitos, por exemplo, da mesma forma que o conceito TEMPO pode ser definido como TEMPO É UM RECURSO LIMITADO, deve-se saber que ela só é passível de existência por que há realizações metafóricas que permitem sua realização e, nesse caso, alguma dessas metáforas que a torna possível é TEMPO É DINHEIRO, TEMPO É UM BEM VALIOSO.

O mesmo acontece nos termos da procura da definição de GUERRA, pois, além de ser algo mais concreto (e, embora muitas pessoas nas duas últimas gerações nunca tenham vivenciado uma guerra), as utilizações sobre esse conceito são realizadas porque as vivências de suas experiências são muito fortes no cotidiano das pessoas. Portanto, várias são as construções que marcam a configuração desses conceitos, e esses mesmos aspectos são verificados dentro das metáforas aqui propostas. É justamente por observar quais são as metáforas que mais os caracterizam, que se pode ter noções mais claras de que forma elas são construídas, e como são usadas na língua.

Essa característica de co-ocorrência/existência/formação está sedimentada na sistematicidade das metáforas, sobre esse aspecto, o autor comenta que “o conceito metafórico é sistemático, a linguagem usada para falarmos sobre aquele aspecto do conceito é sistemática” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.49), e isso é o que permite que possamos atribuir relações entre os conceitos, realizando as metáforas e construindo as noções de conceitos metafóricos. Esse conceito se mostra muito importante nas definições de construções metafóricas, porém, para se realizar uma construção de um determinado conceito por meio de outros que, cultural e socialmente, apareçam como mais relevantes para o uso. Muitas vezes, portanto, a própria questão da cultura, dos elementos da comunidade onde o falante está inserido, acaba por delimitar o horizonte de aplicação desses conceitos, “a própria sistematicidade que nos permite compreender um aspecto de um conceito em termos de outro necessariamente encobrirá outros aspectos desse conceito” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.53). Observa-se, por meio dos exemplos aqui demonstrados, que as escolhas inconscientes que os falantes fazem das metáforas estão muito condicionadas à sua cultura.

As construções metafóricas, portanto, têm, em suas origens, ramificações, constituindo-se em pelo menos três tipos diferentes de metáforas, *as estruturais*, *as ontológicas* e *as orientacionais*. As metáforas *estruturais*, como já definido no nome, são aquelas nos quais um conceito é estruturado, por meio de metáforas, **em termos de** outro (p.59, destaque realizado para maiores explicações nessa pesquisa). As metáforas DISCUSSÃO É GUERRA e TEMPO É DINHEIRO são dessa classe, uma vez que os primeiros conceitos de cada metáfora são definidos pelos dois últimos (o conceito da

DISCUSSÃO é estruturado em cima de elementos de GUERRA). Portanto, a estrutura de uma metáfora permite a construção de outra.

Já em relação às metáforas orientacionais, o que as caracteriza também está relacionado à organização de termos, nesse caso, todo um sistema de conceitos é “fundamentado **em relação** a um outro” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.59, destaque realizado para maiores explicações nessa pesquisa). Como está explícito no nome, o sistema que a fundamenta é o de orientação, as quais, por sua vez, são definidas através da forma dos corpos humanos (que as pessoas possuem enquanto seres dessa espécie). As vivências que as pessoas possuem com o mundo, através de sua forma física, permitem que os faça relacionar sensações com a postura corporal, por exemplo, quando as pessoas sentem felicidade, normalmente, arrumam sua postura, o que, inconscientemente faz com que relacionem esses dois elementos, e montem a metáfora (formada de maneira orientacional) FELIZ É PARA CIMA.

O antagonismo, por outro lado, também existe, permitindo a realização da metáfora TRISTE É PARA BAIXO. Portanto, se torna claro que as experiências que os seres humanos possuem determinam as realizações dessas metáforas. Há muitos exemplos de metáforas desse tipo dentro das realizações linguísticas cotidianas, bem como CONSCIENTE É PARA CIMA, INCONSCIENTE É PARA BAIXO; MAIS É PARA CIMA, MENOS É PARA BAIXO, esses são apenas alguns exemplos, e é importante destacar que “a maior parte dos nossos conceitos fundamentais são organizados em termos de uma ou mais metáforas de espacialização” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.65). Esse trecho revela a grande abrangência que essas metáforas apresentam dentro do sistema cognitivo, além disso, ainda entra-se no mérito, novamente da cultura, pois que o autor afirma que, embora as posições orientacionais humanas possam ser físicas por natureza (por exemplo, dentro-fora), as metáforas baseadas nessas orientações irão variar entre as culturas, o que significa que não haverá uma metáfora universal pelo simples fato de o uso das estruturas corporais humanas compartilharem de muitos elementos universais.

Dentro desse aspecto cultural, deve-se perceber outra característica importante, de que os padrões de moral e boas ações mudam de acordo com as sociedades. Uma vez que os parâmetros mudam, o julgamento será diferente, e uma determinada ação que é boa para um povo, pode ser considerada como punível para outro. Ao se adequar esses sentimentos às orientações físicas, por mais que essas últimas permanecessem com o mesmo uso, adequariam diferentes ações (com significados, e carga cultural, muitas vezes diversos) em suas estruturas de orientação. Nesse caso, entra-se na questão das metáforas de base social, as quais são,

também, parte da cultura, dessa forma, o ponto de vista da sociedade/pessoa acaba sendo determinante para a realização da metáfora como afirma Lakoff e Johnson (2002, p.64), os próprios autores afirmam que essas metáforas de espacialização (que guiam as metáforas do tipo orientacional), estão enraizadas na experiência física e cultural, elas não são construídas ao acaso Lakoff e Johnson (2002, p.65), esse tipo de metáfora apresenta, pois, grande relação com a cultura (assim como apresentam as metáforas estruturais).

As metáforas ontológicas, terceiro grupo de metáforas a ser classificado pelo autor, têm as suas bases construídas nas experiências que as pessoas têm com substâncias e objetos físicos. O próprio autor afirma que, apesar de abranger muitas construções metafóricas utilizadas, há muitas outras que necessitam de bases que vão além da orientação e/ou da simples estruturação por outra metáfora. Essas construções de bases ontológicas são tantas, e acontecem em quantidades tão grandes, que muitas vezes passam despercebidas e, além disso, o fato de usar essas características das entidades e substâncias, é possível fazer com que categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las, raciocinar sobre elas (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.76). O grande aspecto singular e demasiado importante dentro do uso desse grupo de metáforas é o fato de os seres humanos terem uma grande necessidade de demarcarem as entidades do mundo em termos de limites.

É necessário, “para apreender o mundo, de impor aos fenômenos físicos limites artificiais que os tornem tão discretos como nós, quer dizer, fazem deles entidades demarcadas por uma superfície” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p76). Essas delimitações são o que permitem que as pessoas consigam delimitar (e até mesmo conversar) sobre idéias, emoções, atividades (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.76). Um exemplo muito claro (porque, quando ocorre, é vivenciada sempre de maneira muito forte dentro do cotidiano das pessoas) é o da metáfora INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE. Inflação é um conceito altamente abstrato, não há uma representação viva que a represente, além disso, ela depende de muitos outros conceitos para variar, e ganhar a sua significação de acordo com a situação financeira que determinada comunidade vivencia. Além disso, a noção de entidade, ao longo das realizações metafóricas da língua, pode ganhar muitos status, o que, por sua vez, faz com que as metáforas construídas na língua se modifiquem. Outros exemplos, apontados e discutidos pelos autores (e que tornam mais clara a explicação, uma vez que esses são conceitos muito metaforizados, e, normalmente restringidos por meios ontológicos, e não são notados pelas pessoas): MENTE É UMA MÁQUINA, MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO.

Esse grupo de classificação apresenta alguns fins específicos, como: referência; quantificação; identificação de aspectos; identificação de causas; traçamento de objetivos e

motivação de ações, até mesmo com a personificação se encaixando nessa metáfora. Além disso, essas metáforas determinam as chamadas Zonas Territoriais, que são uma das ferramentas mais básicas dentro da categorização, uma vez que estão baseados na questão dentro-fora (parte inferior- parte exterior) dos nossos próprios corpos, por meio dessa transposição de limites do próprio corpo, transpondo a superfície que o delimita para outro objeto. Também atua nesse grupo, o chamado campo visual, metáfora muito natural (no sentido da natureza humana), uma vez que é delimitada pelo próprio campo de visão que se obtêm ao de um território quando se olha para ele, e, com já listado antes, há um grande uso dessas construções metafóricas para se delimitar os chamados eventos, ações, atividades e estados, nesses aspectos, contudo, torna-se importante que as atividades e estados (dois grandes campos que apresentam grande metaforização dentro das línguas), sejam compartilhadas como SUBSTÂNCIAS/RECIPIENTES.

Foi apresentado, também, anteriormente, que além das aparições metafóricas, havia os elementos do fenômeno da metonímia. Esses, bem como os primeiros, são muito utilizados no que se diz respeito às formas que as pessoas têm de passar o que está em seu sistema cognitivo para a fala. Essa figura de linguagem pode ser definida como sendo usada quando se usa uma “entidade para nos referirmos a outra que é relacionada a ela” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.92) . Torna-se importante destacar as diferenças entre as duas figuras de linguagem, tal que “a metáfora tem é principalmente um modo de conceber uma coisa em termo de outra, e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para *representar* outra” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.93), permitindo, dessa forma, que se possa esmiuçar mais aspectos específicos dos conceitos usados por meio dessa figura de linguagem.

Dá-se bastante destaque ao que se foi aqui escrito acima, pois há um senso comum em se pensar que a metonímia é simplesmente o fenômeno de se usar a parte pelo todo, uma vez que é o exemplo que mais se alastra (dentre as várias formas de se utilizar esse fenômeno de linguagem) nos usos das pessoas. Esse último fenômeno, o da caracterização da parte pelo todo, portanto, é chamado de **sinédoque**. Contudo, existe um grupo bastante variado de tipos metonímicos usados dentro da língua, as quais podem se destacar também, dentre outros: PRODUTOR PELO PRODUTO; OBJETO PELO USUÁRIO; CONTROLADOR PELO CONTROLADO; INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS; ROSTO PELA PESSOA. É muito importante destacar, dessas construções metonímicas, que elas também são bastante utilizadas no simbolismo cultural e religioso, sistemas metafóricos por natureza (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.98), as “metonímicas simbólicas, que são fundamentadas em nossas

experiências físicas, fornecem um recurso essencial para compreender os conceitos religiosos e culturais”(LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.98). Além disso, as metonímias, como cita Lakoff (1987), ainda guia casos de estruturas radiais, estereótipos sociais, ideais, modelos e exemplos salientes (uma vez que todos, nesses grupos, podem ser compreendidos como sendo modelos que representam os elementos de seu mesmo grupo, isso ocorre, por exemplo, nas questões relativas aos protótipos).

Ao se analisar os principais aspectos metonímicos e metafóricos, percebe-se que há grande uso desses nessa pesquisa, além disso, nota-se que as formas como as pessoas as utilizam na linguagem formam “sistemas coerentes com os quais conceptualizamos nossa experiência” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.99). As coerências surgem pelo modo como as experiências vivenciadas no cotidiano se refletem nos usos das metáforas e metonímias e, como as utilizações delas, por sua vez, conseguem montar estruturas coerentes. Quanto à essas, por sua vez, é preciso explicar que sempre trazem coerência em seus usos, mas isso não pressupõe uma consistência uniforme entre elas. Isso acontece de maneira muito comum dentro das construções de linguagem, principalmente as metafóricas. O próprio autor, para explicar as diferenciações desses dois tipos estruturais, utiliza como exemplo duas metáforas que versam sobre o tempo: TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO e TEMPO É UM OBJETO IMÓVEL E NÓS NOS MOVEMOS ATRAVÉS DELE, que são dois subcasos do da metáfora TEMPO PASSA POR NÓS.

Nesse caso, fica claro que a concepção de vivência que se experiência nas frases em que se usa o primeiro subcaso, as frases utilizam o tempo como figura que passa através de nossa vida, como se estivéssemos parados. O segundo subcaso já apresenta o oposto, nesse viés, o ponto de referência é o tempo, como se fosse uma entidade (como uma estrada) na qual os passageiros, as pessoas, caminham. O fato de que há duas visões diferentes para o mesmo conceito (TEMPO), cada uma com muitas utilizações dentro da linguagem cotidiana, não fazem com que elas tomem o status de incoerência. Há inconsistência, uma vez que elas não estabelecem uma única visão sobre o conceito, e essas subdivisões conceituais são muito comuns na fala. Além disso, a coerência existe pelo fato dos encaixes (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.104) que essas construções formam com o uso através das realizações linguísticas, nas quais a língua vai encontrando para os conceitos e seus subcasos, os papéis dentro da linguagem. Note-se aqui que a coerência existe em todos os conceitos da língua, por mais que não haja consistência, isso se reflete nos papéis representados para dar total significação do conceito.

Essa característica da coerência é demasiadamente importante dentro desse trabalho, pois é justamente a complementação entre os elementos do *corpus* que se fará presente dentro da análise cultural. É importante, desde já, destacar que as construções dos conceitos aqui analisados: TRABALHO, REALIZAÇÃO PROFISSIONAL E FAMÍLIA, podem mostrar subcasos com inconsistências. Porém, as coerências estruturais complementarão os aspectos desses conceitos e realizarão uma conexão nos seus usos culturais.

Essa adequação dos elementos em uma cadeia na qual a estruturação se assenta em bases que prezam pelas relações de coerência, apresenta uma base muito forte, defendida como premissa (e, ao mesmo tempo, elemento inovador da pesquisa), do experiencialismo. Na verdade, as escolas do objetivismo e do subjetivismo, cunhadas de “mitos” (bem como é cunhada a do experiencialismo) nesse trabalho, são rejeitadas, e um dos principais argumentos que faz com que os autores as derrubem e construam uma boa fundamentação para a defesa do mito estruturalista, é a fuga que essas duas vertentes tradicionais apresentam em relação a “separação do homem e seu meio” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.347). O mito pensado pelos escritores, o do experiencialismo, ao contrário dos outros, tem suas bases formadas nas vivências do ser humano, em suas **experiências sociais**.

Para os autores, (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.348)

o mito experiencialista considera o homem como parte do meio, não separado dele e focaliza a constante interação do homem com o ambiente físico e com as outras pessoas. Vê essa interação com o meio envolvendo a transformação mútua. Você não pode agir no meio sem transformá-lo ou sem ser transformado por ele (p.348)

Nesse mito, o entendimento das pessoas se faz através das várias experiências, e elas moldam continuamente os seus entendimentos. Aqui, o saber é relativo às experiências e está em plena mudança, e nesse momento torna-se importante destacar um termo que apresenta grande relevância na estruturação da cognição, as chamadas *gestalts*. Nesses casos, elas são chamadas *gestalts* experienciais, e são formadas por essa experiência cultural e física que os seres humanos possuem pelo fato de terem os corpos que têm.

Uma vez que as situações vividas são captadas através das experiências, elas formam as construções mais fundamentais do assentamento cognitivo, pois que é a partir dessas estruturas que as bases para as formações das metáforas são possíveis, pois é pelo todo da *gestalt* (que engloba diversas situações encobertas por uma idéia única) que permite a comparação entre elementos conceituais. Por meio disso, pode-se observar que o experiencialismo se desvencilhe de algumas características muito marcantes desses dois

mitos, como a da verdade absoluta do objetivismo, e imaginação sem restrição do subjetivismo, para colocar seus parâmetros em bases relacionadas às vivências cotidianas das pessoas.

Essas experiências sociais, como já enfatizado durante esse trabalho, têm extrema coerência com as realizações dessas figuras propostas para análise dentro dessa pesquisa, uma vez que são totalmente influenciadas pela cultura local. Os valores que as pessoas aprendem conceptualizam (também por meio de metáforas e metonímias) e passam as outras pessoas, estão dentro do que essa cultura defende, mesmo que haja algumas divergências. Algumas inconsistências, como existem nos níveis de metáforas, também acontecem nos níveis de valores que as subculturas vivem, na verdade, as questões das realizações metafóricas são reflexos dessas questões sociais.

As várias subculturas (de uma que é a dominante) compartilham valores básicos que as guiam e as unem como integrantes do mesmo todo, Além disso, é natural que as comunidades (que formam essas subculturas) tenham prioridades nos usos de alguns desses preceitos de vida ao invés de outros. As metáforas e metonímias, como já explicitadas, acompanharão os usos desses valores privilegiados. Muitas vezes, além de inconsistência entre as subculturas, é muito comum haver embate entre esse extrato cultural e a parte maior, porém, os elementos mais básicos (e os tipos de metáforas relacionadas com estruturas primárias do ser humano, como as orientacionais), o que apresenta um aspecto importante para a análise, de que muitos elementos podem ser analisados segundo aspectos de metáforas orientacionais, outros elementos mais básicos de outros tipos metafóricos, por exemplo, (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.74) a fim de que possam ter menos variação, uma vez que eles próprios têm estruturas mais estáveis dentro da mesma cultura.

A partir disso, o analista tem mais possibilidades de horizontes a fim de realizar uma análise das **Modelos Culturais**, que são “‘modelos’, esquematizações **coletivas**, intersubjetivas, como propriedades de grupos, não de indivíduos, à medida que são conhecimentos compartilhados “ (FELTES, 2007, p.90). Por meio disso, percebe-se a importância da comunidade nesse processo de construção desses MCs, estruturas muito internalizadas nas falas cotidianas das pessoas. Outro aspecto importante em relação a eles é retratado em seguida, assim, os modelos culturais só podem ser acessados (pelo analista) por inferência, sem a mediação de processos interpretativos. Para tanto, observam-se os comportamentos verbais e não verbais dos membros de um determinado grupo e a lógica do sistema que esses elementos implicam e, então, são construídas as representações chamadas modelos culturais” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p.90).

Esse trecho apresenta grande relevância nesse trabalho pelo fato de guiar a forma de analisar o *corpus*, por conta de que essa pesquisa foi composta da análise de entrevistas. Cabe ao pesquisador, portanto, abstrair essas estruturas, que são supersimplificadas (FELTES, 2007, p.90) buscando as informações que são relevantes e tenham alguma significação importante no discurso e comunidade em que o discurso está inserido. Tendo isso como visão do que é modelo cultural, também é importante lembrar que, como já citado, serão consideradas as questões relacionadas ao experiencialismo, defendido por Lakoff (que traz a noção de realismo corpóreo). Com relação a essa última noção relacionada à experiência, têm-se uma delas com um aspecto deveras importante dentro das análises da MCI, a questão relacionada à categorização, como explica Lakoff (1987, p.6):

Sem a habilidade para categorizar, nós não poderíamos funcionar em totalidade, tanto no mundo físico quanto na parte social e intelectual de nossas vidas. Um entendimento de como nós categorizamos é central para qualquer entendimento de como nós pesamos e funcionamos e, além disso, é central para um entendimento do que nos faz humanos (p.6)

Portanto, essa explicação torna clara a magnitude da importância que esse elemento apresenta em nossas formas de pensar. Essa categorização traz como importante elemento a característica das semelhanças de família, e apresentam Wittgenstein e Rosch como autores cruciais para seu entendimento. O primeiro pode ser considerado como o pioneiro na investigação das semelhanças de família. A pesquisa de Ludwig Wittgenstein começa a ser construída a partir de algumas características que ele percebeu e que não coincidiam com o que era apregoado pela teoria clássica. Enquanto essa tinha uma noção de grupo (quando classificados como família) definida por fronteiras claras e apresentando sempre algumas propriedades comuns entre todos os membros do grupo, as ideias desse autor negam esses pressupostos, defendendo que as fronteiras que delimitam as famílias não são claras, e também defende que não existe uma característica única e universal que rege as separações dos grupos.

Em relação ao seu trabalho, deve-se considerar que esse autor considera a linguagem como elemento social, portanto, integrado ao meio e com seu uso e significados moldado por eles. Posto isso, o autor explica que as interações da linguagem a partir das experiências humanas moldam continuamente as relações entre as famílias. Os objetos podem ser categorizados de diferentes maneiras dependendo da forma que são experienciados (e como cumpre seu papel) dentro daquela comunidade, naquele período de tempo.

Além disso, a noção de características compartilhadas se configura pelo fato de entre elas haver elementos que mantêm semelhanças com outros, essa grande teia de semelhanças, permite que as relações entre muitos aspectos possam ser entendidos de uma para outra família. A noção de membros centrais e não centrais (os quais também se caracterizam por ser um dos pilares fundamentais da Teoria Prototípica, a qual ajudou nesse trabalho) contribuem de grande maneira dentro da categorização dos elementos da língua. Para se entender mais facilmente esse conceito, realiza-se aqui a mesma comparação realizada por Wittgenstein em relação a categoria dos números (Lakoff, 1987, p.16). Para ele, os números inteiros são os centrais, e apresentam um status de números que os complexos e os transfinitos não apresentam. Essa é uma noção muito usada do “melhor exemplo”, que adéqua todas as categorias, e está presente nas categorizações. Os modelos mais centrais tendem a ser os protótipos, e servirão de base para a categorização (adequação ou não) de novos elementos dentro dessas categorias, de acordo com os seus membros mais centrais.

Todo esse sistema tem uma lógica muito grande de facilitar a colocação dos objetos dentro dessas categorias, e quanto mais fácil e prático for a forma de categorizar, mais fácil fica a sistematização de novos elementos dentro dessas categorias e, conseqüentemente, melhor será o entendimento dos falantes. Um dos aspectos que ajuda nessa sistematização da linguagem é questão do protótipo.

Sobre esse assunto, torna-se importante apresentar o trabalho de Rosch (1973), a qual desenvolveu a chamada Teoria Prototípica. Essa teoria tem como base de sustentação o fato (inicialmente defendido por Wittgenstein) de que há membros centrais e não-centrais dentro da categoria. Dentro dessas, Rosch (1973, p.112) parte da ideia de que as categorias são compostas de um significado nuclear que consiste dos casos mais claros (melhores exemplos) da categoria, circundados por outros membros de similaridade decrescente ao significado nuclear, aqui a noção de semelhanças de família seria muito clara, uma vez que a assimetria entre os membros da família ajudariam na compreensão de que nem todos os elementos compartilham das mesmas características, mas que estão encaixados em uma rede, na qual os elementos se ligam por características em um nível menor de identificação. Além disso, é importante citar que os protótipos, nesse sentido, são aqueles que possuem atributos em comum com outros membros estavam amplamente correlacionados com o grau em que eles eram considerados prototípicos (FELTES, 2007, p.112).

As relações prototípicas, como já explicado, fazem com as categorizações fiquem mais dinâmicas, ao relacionar características específicas que ligam os elementos, e não buscá-las como aquelas que realizam a união do grupo, para realizar a categorização. Além disso, é

importante lembrar que “a categorização é determinada não apenas pelo estado de coisas das ciências, mas também pelas exigências comunicativas e cognitivas da comunidade linguística” Geeraerts (1989, p.604-605). Isso faz com que, durante a análise a ser realizada, se leve em consideração a questão do que esse pequeno escopo da comunidade curitibana exige, escolhe como prototípico e categoriza em função desses. Esses protótipos podem ajudar muito o analista em relação a quais são os aspectos mais pensados sobre as categorias a serem analisadas.

Esses conceitos são partes das ferramentas a serem utilizadas para a análise dos MCI e MC. Nesse momento, destaca-se o fato de que os MCI são as fontes de formação para os grandes usos dos protótipos na língua, como a própria autora afirma, “o objetivo básico da TMCI é, justamente, descrever e explicar as variadas fontes de efeitos prototípicos” (FELTES, p. 126). Ou seja, o caminho da análise desses modelos pode ajudar a encontrar e entender os MCI, os modelos de FAMÍLIA, REALIZAÇÃO PROFISSIONAL E TRABALHO, portanto, podem trazer grande carga dessas figuras prototípicas. Eles são construídos por meio da cognição e dos aspectos sociais, portanto, não é exclusivo do meio externo ao ser humano, e sim são construções sociais que englobam aspectos da imaginação humana, como são as metáforas e metonímias (FELTES, 2007, p.127).

Essas estruturas são formadas por gestalts, estruturas maiores que, em conjunto, se tornam mais simples, e o próprio conjunto de modelos conceituais são formados por quatro princípios básicos estruturadores: “as estruturas de imagem-esquemática; as estruturas proposicionais, os mapeamentos metonímicos e os metafóricos” (FELTES, 2007, 128) (durante o presente trabalho, apenas os dois últimos princípios foram estudados, e que a análise levará em conta todas essas construções como metafóricas). Além desses dois grandes grupos de modelos cognitivos, há um caso especial, dentro do modelo metafórico, a ser analisado, o de Modelos Culturais.

Os Modelos Culturais (MC) são explicados por Quinn e Holand (1987, p.4) como “pressupostos, modelos de mundo aceitos que são amplamente compartilhados (embora não necessariamente com a exclusão de outros modelos alternativos) pelos membros de uma sociedade e que desempenham um papel enorme em seu entendimento do mundo e seus comportamentos nele”. Eles estão inseridos socialmente e se apresentam como já classificados dentro da própria estrutura da metáfora, podem, também, ser encontrados mediante essas figuras (bem como as metonímicas) pelo fato de fazer parte da cognição. Portanto, os MCs também entram no mesmo grupo em que estariam classificados os MCI (e na qual Lakoff e Johnson baseiam sua teoria), no do realismo corpóreo.

Há, portanto, uma estabilidade quanto aos padrões de estrutura que esses elementos apresentam, em relação a isso, pode-se focar nas relações desses MCs. Com relação ao significado cultural, Strauss e Quinn (1997, p.6) cita que seria a “interpretação de algum tipo de objeto ou evento evocado nas pessoas como resultado de suas experiências de vida similares”. A cultura é compartilhada, como anteriormente afirmado pela referência feita à Ralph Linton (2000), por meio de experiências e a linguagem faz parte disso. O que as diferencia dos MCI, portanto, seriam as suas experiências e grande aproximação dos conceitos de cultura (no viés adotado nesse trabalho) que “consiste de ocorrências regulares no mundo humanamente criado, nos esquemas que as pessoas compartilham, como decorrência dessas [ocorrências], e nas interações entre esses esquemas e o mundo” (STRAUSS E QUINN, 1997, p.7). A grande diferença, no caso desses dois conjuntos de modelos (MCI, através de metáforas conceituais e MC), será distinguir as relações que ocorrem em âmbitos mais relacionados com as experiências da comunidade enquanto vivência nas relações sociais que permanecem além da fala e do pensamento, se efetivando no modo de pensar (até esse ponto abrangendo o MCI) e se expandindo para um grande uso social compartilhado e tendo unidade por conta desses traços.

O MC, nesse caso, ultrapassa o alcance do social em relação ao MCI. Portanto, a partir da extração das metáforas conceituais dentro desses MCI analisados, realizou-se uma análise desses elementos que fazem parte da vivência e são característicos dessa população. Uma vez que a fala deixa transparecer um meio de vivência típico e adequado por meio dos hábitos criados por essa comunidade (linguística) de pessoas, as quais podem transparecer por meio dos usos mais recorrentes das estruturas usadas para designar os modelos conceituais analisados, bem como outros aspectos aqui já descritos.

Dentro desse grande grupo cultural, cabe ainda a explicação de alguns elementos que possuem grande relevância no ato de análise dos MCI. Deve-se ter em mente que a relação entre MC é muito grande em relação às metáforas, por conta disso, há algumas vertentes metafóricas que conseguem auxiliar na análise. O sistema da Metáfora Moral é um elemento muito importante dentro dos MC, pelo fato de que a questão da Moral é algo que guia todas as comunidades humanas e, conseqüentemente, os comportamentos dessas pessoas. Além disso, os próprios autores Lakoff e Johnson, na sua obra *Phylosophy in Flesh*, comentam que a Semântica Cognitiva fornece meios para se analisar as questões relativas as conceitos morais, e que “Virtualmente todos nossos conceitos morais são estruturados metaforicamente” (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p.290). Essas metáforas se constroem como MCI e, a partir delas, várias outras metáforas se formam.

Uma vez que as questões da moral de uma comunidade são elementos culturais, muitas das metáforas que se formam a partir dessas questões moralistas também possuem esse status. A moralidade atinge todas as áreas da vivência humana, portanto, vêm a formar e influenciar em praticamente todas as metáforas relacionadas com alguma relação cultural. Essas metáforas, que surgem a partir de uma figura central colocada por uma MCI em destaque, são construídas, em muitos casos, pela característica inerente à estrutura cognitiva, chamada de Radialidade. A estrutura radial se baseia em uma figura centro dentro de uma categoria (como é o caso de Deus, dentro da categoria da RELIGIÃO), e a partir desse centro, por meio de relações, outras figuras vão se formando (note-se que esses aspectos se combinam com as características das semelhanças de família citadas anteriormente).

Para ilustrar, pode-se exemplificar um pouco das imagens que formam na figura da categoria RELIGIÃO (de imigrantes italianos, de 1875 à década de 50, trabalho realizado por Feltes e Granzotto (2006)) (apud FELTES 2007, p. 347) a partir do centro (também chamado de centro prototípico) PAI, a qual fornece, entre outras, as relações com DEUS (que é o maior provedor), que por semelhança se liga a idéia de PAI GENITOR, PAI PROTETOR, PAI AUTORIDADE, esse último, por sua vez, liga essas imagens com a de Rei e Juiz, e assim por diante.

É necessário enfatizar, como já referido acima, que essa é mais uma confirmação da importância do uso dos protótipos dentro das análises, além disso, um conceito muito importante dentro das análises prototípicas surge por esses modelos de moral, uma vez que, como acontece na pesquisa de Feltes e Granzotto (2006) (apud FELTES 2007, p. 347), o modelo moral predominante será demonstrado por meio daquela que apresenta a estrutura radial mais rica (FELTES 2007, p.346). Nesse caso, em relação à estrutura mais rica apresentada (e vivenciada) pela comunidade analisada. Esses elementos são muito importantes nas investigações do MC, pois norteiam quase todas as suas realizações na linguagem.

Além do local, as metodologias dessas três pesquisas partem de construções de segmentos discursivos que foram realizados com indivíduos dessa comunidade, e buscam executar pesquisas de Modelos Cognitivos Culturais presentes nessas categorias por meio dos MCI. Portanto, através dos Modelos Cognitivos Idealizados que descobrem nessas construções linguísticas, as autoras fazem inferências sobre os modelos culturalmente formulados daquela comunidade, os quais, por sua vez, apresentam de que maneira aqueles indivíduos pensam e vivenciam essas categorias dentro de suas comunidades.

É também a partir dos MCI que Säge (2010) realiza uma pesquisa sobre a categoria *VIOLÊNCIA, nos meios rurais, urbanos e rurbanos da região de Caxias do Sul*. Além disso, essa pesquisa de Säge está mais próxima do trabalho aqui proposto, pelo fato de trabalhar com entrevistas. Os elementos culturais pesquisados também dão maior ênfase a modelos cognitivos metafóricos e metonímicos, por esses possuírem uma recorrência muito grande nas construções orais.

Portanto, para as análises dos MCs desse grupo de Curitibanos, as pesquisas realizadas acima podem ser úteis para o entendimento de aspectos relacionados à cultura, principalmente aqueles que executam a ponte entre as realizações linguísticas das metáforas conceituais e os elementos culturais.

3. Procedimentos metodológicos

3.1 COLETA DO *CORPUS*

A metodologia escolhida para a realização das investigações dos MCI utilizou o *corpus* construído com as entrevistas dos falantes que se caracterizam por serem nativos (ou naturalizados) da comunidade curitibana. Dessa forma, lida-se com o elemento da entrevista, ou seja, texto oral. A respeito dela, Kearney e Kaplan (apud FELTES, 2007) afirmam que as

entrevistas orientadas têm alguma vantagem como um método para avaliar modelos mentais, especificamente o fato de que os sujeitos são conduzidos pelo pesquisador. Entretanto, esse método não facilita a análise estatística dos resultados, toma tempo, e estes estão abertos para uma potencial tendenciosidade, superinterpretações e erros de julgamento da parte do pesquisador (apud FELTES, 2007, p.282).

Levando em consideração essas variantes, torna-se importante a focalização nos aspectos que possam facilitar e melhorar as análises. A fim de que haja maior verossimilhança com os dados provindos dos falantes, tentou-se adequar as entrevista de acordo com cada situação comunicativa vivida em cada entrevista. Dessa forma, pretende-se diminuir grandemente a mecanização do discurso pelos entrevistados, bem como o tom de formalidade da conversa. Por conta disso, usou-se a estratégia na qual se lida com as questões análogas, quando não havia entendimento da primeira questão proposta pelo entrevistador. A analogia é uma forma de colocar em palavras, ou de um jeito mais acessível, o assunto para o entrevistado. Isso implica uma maior abertura em seu horizonte para as suas possíveis respostas, uma vez que a analogia é uma forma de dar lugar à espontaneidade (FELTES, 2007, p.281). É muito válido o destaque de que esse é, além disso, um processo muito natural utilizado nas conversas cotidianas. Transpô-la para as entrevistas é saber utilizar de ferramentas comuns da fala a fim de se extrair as construções mais corriqueiras.

A análise do *corpus* é dividida, primeiramente, nas investigações dos modelos conceituais de maneira separada. Dentro desses modelos, são realizadas as pesquisas por faixas etárias, começando sempre do **Grupo 1** ao **Grupo 3**. Nas análises, são consideradas as metáforas conceituais (as quais são descritas em caixa alta), enquanto as realizações linguísticas que os falantes vão fornecer dessas metáforas são descritas com a caligrafia corrente. Tal forma de examinação é baseado na mesma que é feita por Lakoff e Johnson

(2002) ao longo de seus trabalhos sobre os tipos metafóricos. Essas realizações, portanto, são discursos diretos dos falantes. Além disso, a fim de tornar os estudos mais sintéticos, escolheu-se analisar as realizações metonímicas como integrantes às realizações metafóricas, uma vez que as realizações linguísticas metafóricas são muito mais recorrentes em comparação à essas realizações metonímicas. Além disso, essa escolha só tornará as investigações mais claras, uma vez que as metonímias serão destacadas quando ocorrerem, mas haverá prioridade aos elementos mais ricos para essa pesquisa, os metafóricos.

Essas transcrições foram realizadas de forma contextual, pois se preza pela sua forma natural de construção linguística, bem como em levar em consideração que o contexto se torna muito importante. Fauconnier (1999, p.97), ao falar sobre a análise de discursos, afirma que “é apenas em contextos ricos que vemos a força plena da construção criativa de significado *on-line* (que teria o sentido de ter o significado original no momento em que foi produzido)”. E, principalmente, levando-se em consideração o que afirmam as antropólogas Strauss e Quinn (1997, p.157), para as quais, “considerar metáforas fora do contexto de seu uso efetivo em discurso [...] significa que eles [os analistas] não estão em condições de verificar suas análises contra os detalhes reais de seu uso”.

Esse método de análise foi aqui escolhido pelo fato de torná-la mais dinâmica por procurar, de acordo com o pensamento prototípico, quais metáforas conceituais são as mais evocadas e podem, efetivamente, fazer referências mais claras ao pensamento cultural desses falantes. É importante destacar que as análises das metáforas (em suas realizações linguísticas) são feitas de maneira separada em relação às diferentes faixas etárias. Contudo, são analisadas de maneira conjunta em relação aos membros (internos) de cada uma dessas faixa etárias. Dessa forma, é importante deixar claro que as análises dos informantes masculinos e femininos do mesmo grupo terão suas realizações linguísticas analisadas conjuntamente, mas com as devidas identificações.

Após essa primeira etapa, as metáforas conceituais mais recorrentes durante a pesquisa (tendo como características as mais próximas de serem as prototípicas), em cada um dos grupos, serão comparadas, a fim de se observar quais as semelhanças entre as faixas etárias, e se essas realizações formam uma imagem que caracterize esses modelos conceituais analisados. Será destinado um capítulo para cada um dos modelos, e as mesmas etapas de análise serão aplicadas em todos eles.

Após as análises dos três modelos conceituais aqui dispostos, foi produzido um capítulo posterior em que os resultados obtidos são retomados e os três modelos conceituais são analisados de maneira horizontal dentro de cada faixa etária. Isso possibilita a observação

de como se constroem os três modelos dentro de cada grupo, aproximando-as da maneira como esses falantes formam suas próprias construções metafóricas específicas, por conta de fatores de idades e seus papéis sociais. Essa comparação possibilitará a visualização de quais aspectos culturais são mais recorrentes nos discursos dos grupos. Em seguida, foi realizada uma comparação entre todas essas características culturais apontadas dentro das metáforas conceituais dos grupos, a fim de que se pudessem verificar quais as semelhanças e estabilidades das mesmas podem formar o quadro de modelos culturais do grupo (dos curitibanos) mediante análise das metáforas conceituais encontradas nas entrevistas.

Quanto às análises específicas das metáforas, destaca-se que a realização de uma conversa de cunho mais informal pode levar à realização de metáforas espontâneas, ao contrário daquelas induzidas que, através das perguntas realizadas pelos entrevistadores, fazem com que o falante seja forçado a realizar uma metáfora. Embora ambas as formas sejam levadas em consideração (as induzidas e as espontâneas), o maior destaque será colocado naquelas cuja realização seja mais natural (espontâneas).

3.2 GRUPOS ANALISADOS

As entrevistas foram realizadas com 6 (seis) curitibanos, divididos em três faixas etárias, e cada uma dessas faixas é formada por 2 informantes, portanto, sendo um do sexo masculino e outro do sexo feminino. A primeira faixa etária é composta por estudantes, entre a idade de 17 a 19 anos que ainda não trabalham e que, na época da gravação, estudavam para ingressar na universidade. Esses falantes serão denominados como integrantes do **Grupo 1**. É importante destacar que a procura por informantes que estivessem preocupados com o ingresso acadêmico teve como propósito o de observar de que maneira o indivíduo, que ainda não está dentro do mercado de trabalho, pensa e faz escolhas profissionais.

Os outros dois grupos etários já apresentam falantes inseridos dentro do mercado de trabalho, portanto, com visões diferentes dos jovens. A segunda faixa etária abrange curitibanos de 25 a 35 anos, os quais possuem emprego estável, mas ainda não têm família constituída, denominado de **Grupo 2**. Já o último leva em consideração pessoas de 35 a 45 anos que já possuem emprego estável e família constituída, aqui denominado **Grupo 3**. Em relação a esse último grupo, a pesquisa tomou um rumo diferente do que fora pensado no início dessas entrevistas. Por conta de grande parte dos entrevistados dessa faixa etária (35 a

45 anos) serem filhos dos imigrantes que se estabeleceram na cidade no grande aumento populacional de 1960 a 1970 e, principalmente, de 1970 a 1980, eles se caracterizam por terem nascido em outras cidades, mas de serem trazidos para a capital paranaense ainda antes mesmo de começarem a falar. Por conta dessa verificação do processo de iniciação dos aprendizados de falas desses indivíduos, bem como pelo grande sucesso observado quanto à realização das entrevistas com eles, optou-se por utilizar as entrevistas desses naturalizados (uma vez que eles desde que vieram para a cidade, nunca mais se mudaram). Se houver diferenças nas falas desses indivíduos em relação às realizações metafóricas dos nativos, provavelmente não têm ligação com o fato da naturalização (questões da comunidade lingüística), mas sim por questões de cunho individual. Mais uma vez, pontua-se que os falantes naturalizados curitibanos só fazem parte do **Grupo 3**, os outros dois grupos são compostos por falantes nativos.

Cada faixa terá o número de 2 (dois) entrevistados, dos quais 1 (um) do sexo masculino e o outro do sexo feminino. Isso ocorre pelo fato de se procurar fazer um equilíbrio nas questões dos sexos dos falantes. Além disso, há diferenças na utilização das questões das prioridades sociais de homens e mulheres, ou seja, o *corpus* formado por apenas um desses gêneros (até mesmo com predominância de um deles), poderia fazer com que a pesquisa tendesse para a análise de modelos cognitivos com abordagens culturais que se aprofundem em um dos sexos.

3.3 ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

Para facilitar a realização das entrevistas, foram elaborados três diferentes questionários, um para cada faixa etária. A adequação se observou necessária por conta das diferentes formas de vida, incluindo as rotinas, que esses informantes apresentam por conta de suas diferentes responsabilidades sociais, e também pela mudança natural das pessoas, ou seja, da forma como os eventos ocorrem de acordo com a idade dos falantes. Dentro disso, coube ao entrevistador saber utilizar as perguntas de acordo com cada entrevista, e quais questões utilizar mediante o rumo que cada conversa apresentava. Dessa forma, os padrões de perguntas utilizados tiveram que ser adequados ao diferentes universos comunicativos de cada informante. As questões estão expostas nos anexos A, B e C (os quais se referem, respectivamente, aos **Grupos 1, 2 e 3**).

Em relação às denominações realizadas, optou-se em classificar como **IM1** (informante masculino do grupo 1) e **IF1** (informante feminino do grupo 1), **IM2** (informante masculino do grupo 2) e **IF2** (informante masculino do grupo 2) e **IM3** (informante masculino do grupo 3) e **IF3** (informante feminino do grupo 3). Essa forma de classificação tem como fim o de facilitar a localização dos falantes e suas faixas etárias tanto em relação à classificação das metáforas, bem como com nas suas realizações enquanto analisadas dentro dos grupos.

Com esses dados encontrados, foi possível ser realizada a ponte, anteriormente comentada, com os Modelos Culturais que puderam ser extraídos das construções das metáforas conceituais descobertas. Nesse momento, reiteram-se essas metáforas mais recorrentes, e se realiza uma transposição de como essas formas de se falar (e se pensar) os conceitos analisados são influenciados pela cultura do local.

A linha de análise acima disposta vai ao encontro da própria forma apregoada pela professora Heloísa Feltes utiliza, que afirma que, para a pesquisa ter mais sustentação,

não basta apenas identificar metáforas e seus entrecruzamentos; levantar proposições; derivar inferências; construir estruturas radiais ou revelar outras formas de organização cognitiva. Trata-se de identificar as formas de construção de conceitos e de categorias de conceitos como estruturas cognitivas, as quais permitem reconstruir modelos cognitivos-culturais compartilhados, os quais podem ser acessados, em diferentes graus de explicitude/implicitude, a partir do modo como os indivíduos expressam seus pontos de vista e experiência (FELTES, 2007. p.278).

A escolha da pesquisa de cunho qualitativo foi realizada pelo fato de ela não privilegiar nenhum paradigma próprio, como afirma Denzin e Lincoln (2006), isso dá mais liberdade para o analista realizar a pesquisa da forma que se sentir mais seguro. Além disso, os mesmos autores delineiam, em suas afirmações, características que se apresentam deveras importante nessa pesquisa, pois que eles afirmam que os “pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação” (DENZIN E LINCOLN, 2006, p. 279), justamente o que é apresentado nesse trabalho. Por fim, ainda abordam a pesquisa qualitativa como tendo “um caráter construtivo interpretativo do conhecimento” (DENZIN E LINCOLN, 2006, p. 279).

Para se adentrar nos estudos que enfocam os Modelos Culturais, portanto, trabalhou-se com Feltes (2007), a qual realiza um estudo mais aprofundado de como as construções sociais das comunidades influenciam nas maneiras das formações dos Modelos Cognitivos Idealizados nas falas de seus falantes. Além disso, por ser uma autora brasileira (a qual utiliza

como *corpus* de análise o português brasileiro, a partir dos MCI de George Lakoff e Mark Johnson), e por trabalhar com comunidades do Rio Grande do Sul, a sua obra poderá ajudar na identificação das metáforas conceituais e Modelos Culturais aqui constatados. Essa ajuda se efetiva pelo fato de que elementos culturais, por ela inferidos em trabalhos com as comunidades gaúchas, podem ter uso relevante para as análises de realizações lingüísticas do público paranaense pesquisado nesse trabalho, uma vez que são falantes que se encontram na mesma região do país, e que podem compartilhar de muitos aspectos culturais em comum por conta de sua localização geográfica.

3.4 FORMA DE ANÁLISE DO *CORPUS*

Os resultados das entrevistas (os textos orais) foram gravados e, em seguida, retomados para a verificação das metáforas conceituais nas falas desses entrevistados. Com essas gravações, houve um levantamento sobre como esses MCI, no geral, são trazidos ao nível do discurso através dessas construções marcadas por elementos típicos da cultura dessas pessoas.

Tal forma de análise, exposta no trabalho de Lakoff e Johnson (2002), é realizada, também, para facilitar o entendimento do uso desses elementos no discurso. Uma vez que as maneiras como esses elementos lingüísticos são realizadas podem gerar construções que tendem a usos mais universais (como nos casos das maiorias das metáforas primárias), ou mais regionais (como nos casos muitas metáforas mais complexas e metonímias de estereótipos sociais), eles são de grande importância para o reconhecimento dos elementos que estejam integrados nos aspectos culturais, no que diz respeito ao uso das categorias pesquisadas, desse grupo de indivíduos da cidade de Curitiba.

Com base nas teorias referidas acima, torna-se necessário, nesse momento, explicar a forma pela qual os textos orais produzidos pelos informantes foram analisados. Primeiramente, a análise foi separada pelas metáforas conceituais (as quais aparecem em relação ao modelo cognitivo abordado em cada capítulo), dentro das quais todas as faixas etárias foram analisadas. Depois que todas as metáforas conceituais compartilhadas por todos os grupos foram expostas, são realizadas as análises pontuais das metáforas conceituais prototípicas de cada grupo, sempre na direção do **Grupo 1** ao **Grupo 3**. Nesse momento, são descritas quais as particularidades apresentadas por cada grupo. Esse tipo de análise foi

escolhido para não haver repetição excessiva na análise da mesma metáfora conceitual em mais de um momento no texto e, também, para tornar as explicações de cada metáfora mais claras ao leitor, uma vez que haverá o panorama completo de todas as realizações dentro dos grupos.

Além disso, em cada excerto foi destacado o número da pergunta (de acordo com cada anexo) a que essa resposta se referiu. Por exemplo, o excerto que apresentar, antes do texto oral, a parte “p.1 (...)” deve ser entendido como se referindo à pergunta 1. E, ao final desses excertos é destacado, em negrito, qual informante formulou as metáforas analisadas.

Como essas realizações linguísticas foram transcritas de forma a cada trecho de fala corresponder à resposta a uma das perguntas do questionário como um todo, há muitos casos em que o mesmo trecho fará referência não apenas aos elementos de mais de uma categoria (como, por exemplo, as do TRABALHO e REALIZAÇÃO PROFISSIONAL), ou até mesmo às três. Por conta disso, para facilitar a compreensão, no começo dos excertos foram escritas as iniciais da realização linguística (R.L.), seguida do número do modelo conceitual que está em análise (TRABALHO=1; REALIZAÇÃO PROFISSIONAL=2; FAMÍLIA=3). Como última identificação, colocou-se o número do exemplo que está sendo pontuado dentro do capítulo, por exemplo, o quarto exemplo do capítulo que fala sobre TRABALHO será apresentado como R.L. 1.4.

Dessa forma, quando o excerto apresenta metáforas fazendo referência a mais de uma categoria analisada, são apenas consideradas as construções metafóricas relativas aos respectivos capítulos de análises, e só serão repetidas as frases referentes às construções metafóricas relevantes para cada modelo conceitual em análise, sendo citada (antes do texto oral) a realização linguística que contém o texto integral. No entanto, quando todo o excerto, de forma integral, for importante para a análise das metáforas ali recorrentes, não há referência às realizações linguísticas anteriores que possuem a resposta completa (esse fenômeno ocorre, principalmente, na análise do conceito FAMÍLIA).

Além disso, foram destacadas em itálico as palavras (principalmente os verbos) que expressam de forma mais clara as idéias das metáforas conceituais encontradas. Contudo, é importante destacar que nem sempre a metáfora foi deduzida a partir de frases explícitas. Houve, também, a análise das entrelinhas dos excertos e explicações dos acarretamentos, e pressuposições, realizados para se constatar as metáforas conceituais expostas, o que ocorreu apenas em casos muito implícitos, e cuja necessidade se mostrou indispensável. Além disso, quando o trecho apresenta mais de uma metáfora conceitual prototípica da categoria

analisada, as mesmas são destacadas depois das frases em que aparecem, a fim de deixar mais clara todas as realizações metafóricas.

Em relação às análises dos Modelos Culturais, é importante destacar que, uma vez que a linha cultural em que essa pesquisa se baseia trata da cultura como uma vivência de membros dentro de uma comunidade (os quais agem em conformidade com as atitudes dos outros integrantes comunitários), e a pesquisa é realizada por um pesquisador inserido dentro desse grupo (caracterizando-se por ser curitibano), pode-se dizer que os dados retirados das entrevistas foram analisados e conceituados como modelos culturais, ou não, conforme a vivência que o próprio pesquisador possui pelo fato de estar inserido nessa comunidade curitibana e viver as mesmas relações culturais que esses informantes.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise das categorias pesquisadas está delineada de acordo com o aparecimento das metáforas conceituais principais que caracterizam esse grupo pesquisado. Dessa forma, primeiramente, haverá as explicações das realizações metafóricas que trazem os conceitos mais básicos e mais utilizados que dão maior base do caráter metafórico para dessas categorias. Em seguida, o enfoque é desviado para os textos orais que apresentam essas metáforas de forma conjunta, o que realça os aspectos das interligações que elas realizam na língua refletindo as possíveis suas conexões que ocorrem no sistema cognitivo.

Durante as apresentações das metáforas que são expostas na análise, as características de cada uma delas é explicada de forma a se tornarem claras as escolhas daqueles termos, e qual a variedade, amplitude, que o mesmo abrange na caracterização da categoria analisada. Como um exemplo, é possível citar a utilização de TRABALHO É SENTIMENTO, em que SENTIMENTO abrange todo e qualquer tipo de afeto ou desafeto que o falante expressa sobre o trabalho. Além das análises individuais, há análises em grupo, dependendo de quais metáforas aparecem dentro da realização linguística descrita, bem como uma análise geral sobre todas essas que aparecem no grupo, ao final de cada capítulo.

4.1 TRABALHO

A primeira categoria a ser investigada será a do TRABALHO. É importante, nesse momento, enfatizar novamente que a análise será realizada por meio das metáforas conceituais, nas quais as realizações linguísticas serão mostradas a fim de se identificar as diferenças das execuções dessas metáforas.

Realizações linguísticas desse grupo são bastante ricas, e trazem variadas construções de metáforas, essa característica pode ser verificadas por conta da variedade de metáforas relacionadas a esse grupo. Em relação às realizações linguísticas que traziam as metáforas ligadas aos sentimentos à categoria, notou-se que houve grande recorrência no destaque de sentir algo em relação ao trabalho que foi muito transposto para a fala. Uma vez que os sentimentos variam, mas a significação em sentimentos é ampla, a escolha desse termo de SENTIMENTO (por ser algo mais repetido nas falas, mais prototípico) foi analisada como o melhor representante desse grupo. É importante destacar que essa é uma metáfora que está

muito presente nas três faixas etárias aqui analisadas, portanto, torna-se um dos pontos em comum que essa comunidade apresentou em relação à categoria do trabalho. Eis as realizações linguísticas que permitiram as constatações dessa metáfora conceitual **TRABALHO É SENTIMENTO**:

R.L.1.1 p.8 “ficar com as crianças, cuidar delas, *pra mim é a melhor coisa que tem*” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF1**;

R.L.1.2 p.16 “trabalho pra mim seria mais satisfação, porque se eu fico em casa eu fico louca, então, trabalho pra mim *é satisfação*” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF1**;

R.L.1.3 p.17 “ficar com as crianças *é um sentimento tão bom*, sabe? (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF1**;

R.L.1.4 p.21 “(um dos momentos de felicidade) seria o de *vir trabalhar*, também” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF1**;

R.L.1.5 p.22. (Uma boa rotina de trabalho...) “É quando eu saio antes” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF1**; (nesse trecho, destaca-se o “não gostar” do serviço realizado, o que destaca, também, um sentimento)

R.L.1.6 p.25 (em relação ao trabalho de dançarina) “aí quando a gente vai dançar, assim, nossa...*é muito bom, é muito gostoso*” (...) Aí quando a gente vai dançar eu nem bebo mesmo, daí eu só fico lá, dançando, *curtindo bem de boa*” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF1**;

R.L.1.7 p.5. “Não foi a primeira...o primeiro curso que eu pensei, né, mas acabou sendo a escolha quando eu fui fazer vestibular, e daí como eu me formei na área, eu procurei trabalhar na área, né, mas eu *gosto*.” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF2**;

R.L.1.8 p.9. “Eu fico feliz com as pessoas, já conheci pessoas muito bacanas, mesmo ali quando eu trabalhava no financeiro...eu *não gostava* muito do serviço, mas, assim, eu *gostava* muito do ambiente, das pessoas, então era muito legal de trabalhar. Mas aqui eu *gosto mais*, né, claro! E, assim, eu *gosto* muito de escrever, assim, mesmo! Então...quando a gente tem que fazer uma notícia, ou tem que ligar pras pessoas, e pegar aquele monte de dados incompreensíveis e transformar em uma coisa legal, *eu acho bacana* e, assim, às vezes ninguém comenta, né, mas já teve algumas vezes que um aluno ou algum professor, ou até mesmo alguém da diretoria mandou email pra gente ou falou por facebook: ‘Nossa, que legal...que notícia boa, que trabalho bacana’, então isso é legal, assim, algumas pessoas valorizam o (nosso) trabalho” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF2**;

R.L.1.9 p.9a “sim, aham...a *valorização é importante*” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF2**;

R.L.1.10 p.13- “um momento *bem feliz* aqui no trabalho foi logo que eu vim pra cá e daí eu ajudei a fazer duas repostagens no nosso jornal impresso e daí meu nome saiu no jornal, assim, como o registro, né? Porque eu tenho registro como jornalista, só que como eu nunca atuei como jornalista, até porque na época que eu estagiava, então eu nunca tive uma publicação com o meu nome, com o meu registro, mas eu nunca tinha tido uma publicação com o meu registro, e daí eu *fiquei bem feliz*” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF2**;

R.L.1.11 p.17- “eu acho que *um dia muito bacana* é quando eu chego e eu já tenho tal notícia pra escrever, e aí eu consigo falar com as pessoas que eu tenho que falar, assim, juntar os dados, e escrevo... e publico, e...enfim, sem muita dificuldade, mas também quando tem alguma coisa pra eu fazer, assim” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF2**;

R.L.1.12 p.19- “em relação ao trabalho, acho que é muito importante, assim, você...são duas coisas muito importantes, né, primeiro é você *ter um prazer no que você faz*, assim, né, ter também um reconhecimento, né, é bom você ter, por exemplo, assim (...) você ser uma referência, né, nem que seja num círculo pequeno, você ter o nome em algum lugar, e também (...) colher os frutos do trabalho. Poder comprar a tua casa, poder dar educação pros seus filhos com o dinheiro do seu trabalho, acho que isso pode fazer alguém *feliz no trabalho*, trazer um bem-estar pra ele fora do trabalho também.” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF2**;

R.L.1.13 p.5. “Não foi a primeira opção, não posso dizer que sou *infeliz*, mas poderia ser *mais feliz*, por isso que eu busco por algo melhor, aí” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IM2**.;

R.L.1.14 p.8 “bom, é uma posição de fatores (...) a minha alternativa de fazer (faculdade), conseguir fazer federal (estudar na UFPR) foi de escolher um curso que eu tivesse alguma *afinidade*, e que não tivesse uma concorrência tão grande assim. Então, basicamente, por essa razão, eu escolhi economia (TRABALHO É SENTIMENTO) **IM2**;

R.L.1.15 p.13 “Na vida profissional, quando eu fui aprovado num concurso público, foi um momento *feliz* (...) que é a profissão que eu exerço hoje. No passado, no momento que eu fui aprovado ...foi *gratificante*” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IM2**;

R.L.1.16 p.6 “A minha primeira opção seria ser professor de educação física. Hoje eu já não me vejo assim, *sou feliz com que eu faço*, mas não acho que seja a última coisa que eu vá fazer” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IM3**;

R.L.1.17 p.14 “ o melhor momento do trabalho é quando tem churrasco, mesmo (risadas) (...) que a gente consegue confraternizar, descarregar aquele *estresse*, aquela *tensão*.” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IM3**;

R.L.1.18 p.14a. “ Não, ótimo, ótimo...o *ambiente de trabalho*, são..são, na verdade, uma família, né, a gente tá lá junto (...) são *irmãos* que você conhece, e de dois a cada três meses você acaba trocando, e tem que ter essa união, senão, sem segurança, o bicho pega!” (TRABALHO É SENTIMENTO pelos colegas) **IM3**.

(nesse contexto, o ato de considerar os companheiros de trabalho como *irmãos* revela a grande proximidade de afeto e companheirismo que essas pessoas compartilham por meio do trabalho, o que é uma demonstração de sentimentos. E o ambiente de trabalho, tomado como efeito metonímico de TRABALHO, ser comparado com família, também representa ato sentimental desse falante, causando como efeito, portanto, a construção da metáfora conceitual analisada). (TRABALHO É SENTIMENTO);

R.L.1.19 p.20 “um dia feliz no trabalho é um dia que você (...) eu acho que é um dia que você consegue chegar, fazer o que você tem que fazer, que faz parte da profissão, da atribuição que você tem e voltar pra casa...acho que esse é o dia feliz...o normal, que você, de repente, tenha se *estressado*, mas acabou dando tudo certo, e você volta pra casa” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IM3**;

Essas construções (curiosamente ocorridas apenas na fala da informante feminina do grupo) demonstram que essa faixa etária tende a considerar o TRABALHO, e assuntos referentes a ele, de acordo com seus sentimentos.

Além dessa primeira construção metafórica, outra questão abordada pelas três faixas etárias tem relação com a pesquisa das questões referentes ao TRABALHO sendo caracterizado como algo que traga RETORNO FINANCEIRO, no caso, surge a metáfora TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO. Torna-se importante o destaque da escolha de RETORNO FINANCEIRO, nesse caso, ao invés de DINHEIRO, uma vez que essa também está bem explícita. As construções que focam nas questões financeiras aparecem em todos os grupos, e nem sempre se referem claramente ao dinheiro, mas aos elementos financeiros como um todo. A importância desse retorno tão esperado no conceito FINANCEIRO, nesse caso, por ser mais amplo, engloba as construções realizadas, faz surgir o termo aqui utilizado do RETORNO FINANCEIRO. Eis as realizações linguísticas em que essa metáfora aparece de forma isolada:

R.L.1.20 p.16 “trabalho é uma forma de ganhar dinheiro...é uma *forma de ganhar dinheiro*” (TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO) **IM1**;

R.L.1.21 p.6. “pelo trabalho que eu faço, sim, porque o trabalho que eu faço aqui é um trabalho que não...não exige muito, assim, mas...não é o suficiente pra mim. Eu, inclusive, faço outros concursos e tal, porque eu quero, pra mim, *ganhar mais*” (TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO) **IF2**;

R.L.1.22 p.6. “com certeza, não...não compensa. (Porque), bom, eu trabalho numa (empresa) de economia mista e meu plano de cargo e carreira não é muito bom. Então, a responsabilidade que eu acabei assumindo é um pouco maior do que efetivamente o plano de cargo e de carreira me permite ser *remunerado*” (TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO) **IM2**.

Nesse momento, destaca-se que foram apresentadas todas as realizações linguísticas do **Grupo 1** em relação à categoria TRABALHO. Destacando que os integrantes dessa faixa etária são estudantes de 17 a 19 anos que ainda não trabalham, e que estão estudando para ingressarem na universidade. A partir das entrevistas realizadas (cujo questionário desse grupo está disponível no anexo A), portanto, demonstraram as recorrências das metáforas conceituais relacionadas ao trabalho com foco nas questões dos sentimentos e retorno financeiro.

Além disso, o mesmo não ocorre com os outros grupos. Os **Grupos 2 e 3** realizam mais um compartilhamento metafórico, em relação ao conceito de NECESSIDADE dentro da categoria do TRABALHO, o que acabou por definir TRABALHO É NECESSIDADE. Eis suas realizações linguísticas em que aparece como a única metáfora conceitual dentro dos trechos:

R.L.1.23 p.21 “ah, não...eu priorizaria a família, assim, *eu não pretendo parar de trabalhar tendo filhos*, mas (...) eu não entraria num emprego em que eu tivesse que trabalhar a noite, ou não pudesse ter férias na época deles, assim, sabe. Então, assim, eu *continuaría trabalhando*, mas, por exemplo, tiraria as minhas férias pensando nas férias escolares deles, é ... trabalharia num horário que fosse compatível com o horário que eles estariam na escola, creche, pra passar...o máximo de tempo que eu pudesse com eles (TRABALHO É NECESSIDADE) **IF2**;

(nesse caso, por conta da ênfase na repetição de que a informante continuaria a trabalhar depois de ter filhos, isso mostra a importância de se ter um emprego, a necessidade do mesmo para a sua vida).

R.L.1.24 p. “Acho que foi mais por questão da *necessidade*, mesmo...se eu tivesse, se eu não tivesse optado por casar e constituir uma família, eu teria somente estudado, teria tomado outro rumo, né, tanto que eu cheguei a passar na Federal (UFPR), acabei desistindo, era Medicina veterinária, acabei desistindo, que eu não ia ter condições de levar até o final, né?” (TRABALHO É NECESSIDADE) **IF3**.

No entanto, em relação ao **Grupo 2**, especificamente, houve muitas realizações em que essas metáforas ocorrem dentro de textos em que outras construções metafóricas também estão presentes:

R.L.1.25 p.20 “eu, com certeza, priorizo a família (...) isso é uma das coisas, assim, até pelas quais eu escolhi, desde pequena, assim, trabalhar na área pública. Desde pequena não, desde que eu tava na faculdade! É...porque (...) eu admiro muito as pessoas que têm, assim uma *paixão* pelo trabalho, que tem aquela profissão que a *profissão realiza* a pessoa, *completa* essa pessoa, mas eu nunca tive isso, (TRABALHO É SENTIMENTO) assim, sabe, então, eu *trabalho mais por uma necessidade* (TRABALHO É NECESSIDADE), assim, né...tem momentos em que eu *gosto*, mas não muitos (TRABALHO É SENTIMENTO). Mas eu trabalho mais, assim, *porque tem que trabalhar* (TRABALHO É NECESSIDADE) (...) então, assim, eu vou pra uma área em que,

assim, eu não precise me desgastar tanto, né, que é mais a área pública do que a área privada, e eu possa ficar mais com a minha família, é, então eu priorizo mais a família” **IF2**;

R.L.1.26 p.23 “o trabalho eu que (...), assim, mesmo que você tenha muito dinheiro, eu acho *importante você ter uma atividade* (TRABALHO É NECESSIDADE), né...porque, assim, trabalho, ele faz você descobrir coisas novas. Eu acho que quanto mais você estiver realizado com o seu trabalho, melhor, né, *mas eu acho importante trabalhar, mesmo que você não precise trabalhar* (TRABALHO É NECESSIDADE) porque você conhece pessoas, você descobre coisas, você se sente *valorizado*, eu acho que acrescenta pra pessoa” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF2**;

R.L.1.27 p.19 “bom, primeiro, profissionalmente, eu vejo o *trabalho muito com um meio, não como um fim* (TRABALHO É NECESSIDADE). Eu *não vejo tanta realização* no trabalho como talvez a maioria das pessoas com quem eu convivo eu percebo que têm. (TRABALHO É SENTIMENTO) Então, o trabalho que eu busco é o trabalho que me dê *algum conforto* (TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO), algum recurso pra mim realizar outras coisas. Então, eu não tenho a ambição de (...) exercer cargos importantes, de ser chefe de ninguém, de ostentar poder (...) ou ser gerente, ser diretor, ser qualquer coisa assim. Mas eu busco, eu busco (...) *pra estar feliz* (TRABALHO É SENTIMENTO), *no futuro, um salário bom e uma aposentadoria boa* (TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO)...pra poder usar esse recurso pra fazer as coisas que são realmente importantes” **IM2**.

Portanto, as realizações linguísticas dessa faixa etária do **Grupo 2**, de curitibanos de 25 a 35, os quais possuem emprego estável, mas ainda não têm família constituída, apresentam foco na questão do TRABALHO com relação à SENTIMENTO, REALIZAÇÃO PROFSSIONAL e NECESSIDADE. Essa última metáfora já mostra diferença dos informantes desse grupo em relação às falas dos estudantes.

O **Grupo 3**, por sua vez, apresenta ainda mais duas características relativas ao trabalho. A primeira a ser destacada é a questão da importância da estabilidade dentro de suas carreiras. Em relação à sua realização singular dentro de trechos, houve apenas uma aparição, na qual se destaca por representar a metáfora TRABALHO É ESTABILIDADE:

R.L.1.28 p.8 “(o que me levou a exercer essa profissão) foi a *estabilidade*, em primeiro lugar” **IM3**.

Além disso, as suas aparições ocorrem em mais contextos, muitos deles também apresentando mais uma metáfora conceitual que caracteriza essa faixa etária de forma singular, a questão do reconhecimento dentro do trabalho (TRABALHO É RECONHECIMENTO), apresentando, dessa forma, bem como as metáforas conceituais relacionadas à estabilidade, realizações linguísticas que só aparecem nesse grupo. As realizações linguísticas que expressam essas metáforas são apresentadas a seguir:

R.L.1.29 p.6 “na verdade, não. Minha primeira opção era fazer medicina veterinária, e aí, minha vida, por questões até financeiras, e como eu conheci meu marido, a gente não ia ter condições de estudar em tempo integral. Daí, então, eu optei por fazer um concurso público, (TRABALHO É NECESSIDADE) eu passei no concurso público, a partir do concurso público eu defini minha carreira, tanto que eu fiz Letras pra atuar na parte que mais se encaixava na parte administrativa que eu *gosto e gostava*, né, e *gosto* dessa área da educação, e consegui alinhar as duas coisas” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF3**;

R.L.1.30 p.9 “gosto, gosto muito ...eu me encontrei, assim, gosto de ser servidor público, me dedico bastante na profissão, aqui, né, tanto que sou *reconhecida* aqui (TRABALHO É SENTIMENTO) (TRABALHO É RECONHECIMENTO), por todo mundo, e (...) eu sou uma verdadeira servidora pública, eu cumpro o meu horário, as oito horas, faço o meu serviço, porque a gente tá aqui, né, sendo pago pelo cidadão, então eu tenho consciência do meu trabalho” **IF3**;

R.L.1.31 p.11 “não, não ...eu *gosto* do que eu faço (TRABALHO É SENTIMENTO), a *remuneração* (TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO), eu já vi no mercado, é próxima do que eu ganharia se eu fosse lecionar no Estado, então, tudo o que eu *ganho* aqui pra mim compensa ainda, eu *gosto* do serviço, então (...) eu não mudaria, não penso em mudar” (TRABALHO É SENTIMENTO) **IF3**;

R.L.1.32 p.12 “olha, eu penso na parte financeira, como eu já falei, que o que eu *ganho tá bem acima do mercado*, é ..., a *estabilidade* que o serviço público traz, né, e eu acho que seria a parte financeira e a *estabilidade*, né, que *é o que mais conta*, assim, hoje” (TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO/ TRABALHO É ESTABILIDADE) **IF3**;

R.L.1.33 p.14 “no trabalho, eu acho que foi quando eu entrei aqui. Quando eu entrei na universidade, eu fiquei por muito tempo trabalhando diretamente com os estudantes, era um setor que eu *gostava* (TRABALHO É SENTIMENTO), mas ele era muito desgastante, e eu achava que nunca ia ser *reconhecida* (TRABALHO É RECONHECIMENTO). E, um dia, quando assumiu o Reitor anterior a esse, é...me chamaram pra trabalhar aqui, do nada, assim, então eu achava assim que (...) ninguém me via, e de repente estava *todo mundo me olhando*, então, desde então eles me convidaram pra vir trabalhar aqui, então, eu acho que foi assim um *reconhecimento* e uma *alegria* (TRABALHO É SENTIMENTO) muito grande aqui na universidade (UTFPR)” (TRABALHO É RECONHECIMENTO) **IF3**;

R.L.1.34 p.17 “eu me sinto *realizada* (TRABALHO É SENTIMENTO), aham ...apesar de...lá no fundo a gente sempre lembrar que podia ter trilhado outro caminho, né, mas eu me sinto realizada...eu *gosto* muito do que eu faço, né, *gosto* das pessoas que eu trabalho, *gosto* da instituição, né, que *é* uma instituição que conhece o servidor, pelo menos...eu *gosto* dos meus chefes, eles *reconhecem* o meu trabalho, então isso *é* que *é* importante” (TRABALHO É SENTIMENTO/ RECONHECIMENTO) **IF3**;

R.L.1.35 p.9 “não tem, não tem ...é só o *salário* (TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO), mesmo, e a *estabilidade* (TRABALHO É ESTABILIDADE) (...) você não vê resultado (em lidar com presidiários), não vai existir resultado.” **IM3**;

R.L.1.36 p.10 “não, não...*precisa* de uma segunda atividade, sem uma segunda atividade *é...não existe a possibilidade (de sustentar a família)*” (TRABALHO É NECESSIDADE/ TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO) (...) p.11(a pergunta 11 foi respondida na 10) *precisa* de um complemento (...) e não que *precisa* dessa segunda atividade...*pode ser lazer, ou uma atividade comercial, mesmo, pra manutenção da saúde, pela questão psicológica* (TRABALHO É NECESSIDADE)” **IM3**;

R.L.1.37 p.10a “gosto, eu *gosto* da atividade, acho...que *é* o meu *hobby* (TRABALHO É SENTIMENTO), na verdade, meu cano de escape. Eu *preciso* (TRABALHO É NECESSIDADE), pra que eu possa encontrar outras pessoas, discutir, conhecer outros assuntos, falar de outras situações, problemas. Como eu entro, normalmente, na casa de pessoas, conheço a família (...) sei como estão, como não estão.” **IM3**;

R.L.1.38 p.12 “a *felicidade* veio com que eu conquistei depois que eu entrei pro Estado (por meio do concurso público), né? (TRABALHO É SENTIMENTO) Com relação à profissão (...), não, não sei se tem alguma coisa positiva... não tem, não tem, *é* só a questão mesmo da *estabilidade*, do *valor* (TRABALHO É ESTABILIDADE/ TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO). Eu conquistei algumas coisas...mas isso *é* um trampolim pra uma outra situação, então...”**IM3**;

R.L.1.39 p.17 “sim, ela me trouxe algumas coisas materiais, né, me possibilitou algumas viagens (...), me trouxe ...o equilíbrio da família, né, que *é* o mais importante, né. E esse equilíbrio, queira ou não queira, *é* através do *dinheiro*, *é* através do estatus, do estatus não, mas sim do *dinheiro* (TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO). Sem dinheiro você não tem comida, você não... por mais que você tenha pouco momento de lazer, mas o que a gente tem dentro de casa *é* através desse trabalho, e sem essa *estabilidade* (TRABALHO É ESTABILIDADE), sem esse *trabalho*, as coisas são mais difíceis (...) não tem família que fique estruturada” (TRABALHO É NECESSIDADE) **IM3**.

Em relação aos dados apresentados, aqui, portanto, pode-se perceber maior número de uso de metáforas conceituais, bem como maior singularidade em seus usos, quanto mais velhos são os informantes. Os integrantes do **Grupo 1**, pelo fato de ser constituído de pessoas que tiveram pouca ou nenhuma experiência com o trabalho (e, além disso, estarem estudando para entrarem em cursos de graduação), observam e vivem (principalmente pelo que se percebe de pessoas já inseridas) o mercado de trabalho com expectativas voltadas às suas realizações de gosto e recompensa financeira.

Além disso, pode-se notar, de acordo com as realizações linguísticas desses informantes, que houve muita recorrência da metáfora TRABALHO É SENTIMENTO, enquanto a realização ao retorno financeiro teve apenas uma recorrência. A explicação, nesse caso, torna clara a grande expectativa em relação à realização da satisfação em relação aos sonhos (sentimentos) que eles têm em relação ao trabalho, a preocupação de um retorno no campo financeiro existe, porém como segundo plano. Dessa forma, as metáforas destacadas desse grupo refletem a vida dos falantes (reflexões essas, aliás, que ocorrem em todos os grupos), para os quais o trabalho serviria como mera satisfação pessoal.

Além disso, as mudanças que surgem em relação ao **Grupo 2** sugere uma importância mais pragmática do trabalho dentro da vida desses indivíduos. O fato dos informantes desse grupo terem o trabalho como parte de suas vidas, e por esse lhes trazer o sustento, faz com que eles o veja não apenas como uma realização de sonhos pessoais, mas também como necessidade. Esse aspecto tem sua importância destacada quando suas realizações ocorrem em textos orais de ambos informantes e, além disso, como um das metáforas conceituais desse grupo que caracterizam esse modelo. A metáfora TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO traz, como parte implícita em sua realização, a questão da necessidade de se ter uma renda, ou seja, essa metáfora complementa a questão da NECESSIDADE.

É importante destacar, também, que nos textos orais dos dois falantes desse grupo, houve momentos em que os sentimentos que possuíam relação com o trabalho eram os de insatisfação (ou não estarem realizados) pelos seus empregos, no entanto, eles continuavam (continuam) a exercer suas profissões. Pode-se destacar que a integração dessa última metáfora à representação do que seria a categoria TRABALHO para os informantes **IF2** e **IM2** está relacionada com a sua efetiva entrada no mercado de trabalho (NECESSIDADE), mudança nos aspectos de vida em relação aos seus anseios enquanto adolescentes (em comparação com o **Grupo 1**), embora ainda havendo a vontade de conseguirem obter mais retorno financeiro e sonhos a serem realizados.

O **Grupo 3**, por sua vez, apresenta não apenas as três metáforas até agora analisadas nos dois primeiros grupos, como também apresentam outras duas que os quatro falantes mais novos não mostram em seus textos. As questões do reconhecimento dentro do trabalho, bem como da estabilidade, se tornam importante em seus contextos.

Com relação às realizações linguísticas desse grupo, no qual se enquadram pessoas de 35 a 45 anos que já possuem emprego estável e família constituída, como anteriormente explicito nesse trabalho, é possível notar que também há as construções em relação ao **TRABALHO É SENTIMENTO**, bem como aparecem repetições recorrentes ao **TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO**, e há uma repetição significativa dessas duas metáforas. Além disso, a questão da necessidade também está presente nas suas construções dessa faixa e têm em comum o fato de que essas construções aparecem apenas a partir da segunda faixa etária. Portanto, torna-se importante o destaque, nesse momento, em relação do conceito da **NECESSIDADE** de se trabalhar apenas com relação aos informantes que já estão dentro do mercado de trabalho.

Algumas realizações citam **NECESSIDADE** com maior foco para o próprio sustento (o que se aproxima do aspecto do retorno financeiro, como é o caso da primeira aparição dessa metáfora conceitual na R.L. 36), porém, há também a necessidade da atividade (humana) do trabalho, a fim de simplesmente fazer com que o ser humano viva melhor (como é o caso da R.L.37). Essa característica da necessidade tem relação com a verdadeira entrada de uma pessoa no mercado de trabalho. Nota-se que, uma vez inserido, ele se torna necessário, portanto, faz e fará parte da vida desses indivíduos desse momento em diante. E, como exposto na fundamentação teórica, quando uma metáfora é descoberta dentro de um contexto, ela apresenta muitos aspectos, assim como esconde outros.

Partindo disso, pode-se analisar a relação entre os grupos, no fato de que as aparições das necessidades dentro dessas duas últimas faixas etárias esclarecerem que essa questão não se torna importante para os adolescentes. Essa é uma reafirmação da sistematicidade metafórica (como já citada na fundamentação teórica, cujo assunto está delineado no capítulo 3 , pg. 53, de Lakoff e Johnson, 2002), na qual o uso de uma metáfora, como as que foram constatadas até o momento, explicita relações como a dos sentimentos e retorno financeiro, mas podem encobrir outras áreas em que se enquadraria o trabalho (bem como a questão do tempo em que se despence nele, por exemplo). E também em relação à sistematicidade interna do grupo, da mesma forma que na análise entre as categorias, em que o aparecimento de uma Metáfora Conceitual em um grupo pode ter mais significação quando ela não é constatada em outros grupos.

Com isso, apesar de a aparição o trabalho, para esses falantes (do **Grupo 1**), serem relacionados aos sentimentos (e haver uma certa expectativa em relação ao retorno financeiro) ele não é visto como necessidade em suas vidas. Essa explicação se justifica pelo fato de que as metáforas representam experiências concretas que as pessoas utilizam para a fala (e vive-versa), conquanto não haja experiência desses falantes em relação ao trabalho, as suas utilizações metafóricas se tornam desnecessárias. O fato de não estarem inseridos dentro do mercado de trabalho, bem como não terem responsabilidades de pessoas que já possuem emprego, podem ajudar de forma na qual esses estudantes pensam na questão do trabalho.

O mesmo, portanto, pode-se analisar em relação às aparições das metáforas conceituais **TRABALHO É ESTABILIDADE** e **TRABALHO É RECONHECIMENTO**. Seus aparecimentos dentro do **Grupo 3** se mostram justificáveis. Nesse sentido, tenta-se destacar que essas realizações (por serem restritas a esse grupo), têm uma relação forte com os elementos que os diferem dos outros grupos, portanto, família constituída (casamento e filhos).

Em relação às metáforas voltadas à estabilidade, pode-se destacar que a sua importância surge em relação às suas preocupações com a família, como pode-se perceber em realizações linguísticas (como nas R.L. 32 e R.L. 35), com uma menção muito forte à segurança de sempre ter aquele trabalho que trará o retorno financeiro necessário para a família, pode-se perceber que esse é o motivo principal. Isso pode ser inferido ao se pensar no trabalho em relação, principalmente, ao **Grupo 2**. O **Grupo 1**, pelo fato de apresentar indivíduos que não têm o trabalho dentro de suas rotinas diárias (como já anteriormente explicado), não apresenta nenhuma surpresa em relação ao não aparecimento desse termo, uma vez que **ESTABILIDADE** pode ser facilmente relacionada com necessidade. Além disso, o Grupo 2, embora seja formado de pessoas que possuem empregos estáveis (são concursadas), não apresentam um dos elementos fundamentais que justificam exercer a profissão dentro funcionalismo público, que é justamente a estabilidade.

Em relação a isso se deve notar que, a partir da importância fornecida ao retorno financeiro e necessidade, a estabilidade só começa a ter valor, de fato, quando há sustento de dependentes dessas pessoas (filhos/marido/esposa). Essa afirmação surge mediante atestações de algumas realizações linguísticas, dando foco às R.L. 35 e R.L.38, nas quais a estabilidade é mais relacionada à segurança que esse tipo de serviço traz nas aquisições de bens materiais (aqui surgindo inferência desses ganhos serem utilizados em prol da família). Bem como e, principalmente, estão bem representadas nas R.L. 32 (em que a informante cita que o mais importante, dentro do trabalho, seria a estabilidade, por conta da implícita referência à

família), e, principalmente, na R.L.39, em que a estabilidade se torna base para a sustentação da família.

Em relação a esse último conceito analisado, é possível realizar uma ponte com a metáfora TRABALHO É RECONHECIMENTO. Deve-se, nesse momento, anteceder uma apresentação do capítulo posterior. Se encontra o conceito de RECONHECIMENTO dentro do **Grupo 2** em relação ao modelo da REALIZAÇÃO PROFISSIONAL, contudo, o mesmo não ocorre em relação ao TRABALHO. A coerência da estrutura metafórica, nesse caso, pode ser explicada pelo fato de que a ESTABILIDADE trazida pelos falantes da faixa etária mais velha (**Grupo 3**) tem muita relação com a profissão que exercem ser, provavelmente (uma vez que podem mudar de profissão, mas não têm isso como prioridade), aquelas em que irão se aposentar. E, uma vez que exercerão (mesmo que inconscientemente, o que foi mostrado através das metáforas, ou seja, já fazem parte de seu cotidiano), com grande probabilidade, essa profissão por um bom tempo, o reconhecimento em suas atividades é uma parte que começa a ter muita importância em seu trabalho, uma vez que essa atividade se torna algo permanente em sua vida, e o reconhecimento surge como uma necessidade (provavelmente como o último dos sentimento a ser conquistado nesse aspecto da vida) dessa área, uma vez que todas as outras preocupações mais urgentes já foram sanadas (ESTABILIDADE, NECESSIDADE). O próprio fato de que o **Grupo 2** apresenta esse RECONHECIMENTO no campo da REALIZAÇÃO PROFISSIONAL deixa implícito que essa é uma preocupação a ser considerada no futuro (pois a R.P., normalmente, vem associada ao futuro). E o fato de apenas a **IF3** ter realizações linguísticas com a metáfora do RECONHECIMENTO, faz com que seja possível encontrar a coerência na própria descrença do **IM3** em sua total permanência dentro do emprego que exerce, o que está explícito na R.L. 1.36, ao contrário da R.L.1.31, na qual a **IF3** explicita que não mudaria de emprego.

4.2 REALIZAÇÃO PROFISSIONAL

Em relação ao segundo modelo a ser analisado, o da REALIZAÇÃO PROFISSIONAL, torna-se interessante destacar, em um primeiro momento, que ele também apresenta metáforas que perpassaram os três grupos de análise, como o ocorrido com o TRABALHO (em relação aos sentimentos), nesse caso pode-se dar destaque, primeiramente, ao conceito da SATISFAÇÃO.

R.L.2.1 perg.8 “ Eu já trabalhei na área e eu sei que o que vai me dar mais *satisfação* é o trabalho mesmo, em si” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É SATISFAÇÃO) **IF1**;

R.L.2.2 (igual à R.L.1.6) perg.25 “(em relação ao trabalho de dançarina) “aí quando a gente vai dançar, assim, nossa...é *muito bom, é muito gostoso*” (infere-se que: REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É SATISFAÇÃO) **IF1**;

R.L.2.3 perg.8 “pra ter realização no trabalho é você tá *colaborando* e a parte de você fazer o que você *gosta* , se você faz alguma coisa que você *não gosta, você não vai conseguir fazer aquilo direito*” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É SATISFAÇÃO) **IM1**;

Essa metáfora se apresenta em conjunto com as duas outras metáforas conceituais encontradas na análise desse modelo, e em maior número com a REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO. Primeiramente, eis alguns casos em que as realizações ligadas ao conceito de reconhecimento ocorrem de forma isolada:

R.L.2.4 perg.17 “a minha realização seria o *carinho que eu recebo das crianças*” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO) **IF1**;

R.L.2.5 perg.10 “sim, aham...a *valorização é importante*” IF2) (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO, em que valorização é recompensa) **IF2**;

R.L.2.6 (igual à R.L.1.30) perg.9 “gosto, gosto muito ...eu me encontrei, assim, gosto de ser servidor público, me dedico bastante na profissão, aqui, né, tanto que sou *reconhecida* aqui (...)” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO) **IF3**;

Nesse momento, torna-se necessária a explicação desses dois conceitos. A começar pela SATISFAÇÃO. A realização profissional é um campo que sugere, em princípio, algo relacionado à realização (completude) do campo sentimental (na questão de projetos/ sonhos) de uma pessoa em relação à sua profissão. A valorização de sentimentos nesse campo, portanto, é bastante recorrente, e o uso da satisfação dentro da atividade exercida foi algo recorrente dentro dos discursos dos falantes, o que se destacou como sentimento prototípico

Uma vez que grande parte de seus usos (quando relacionados ao fato de colocar sentimento no caso de uma realização profissional) estar ligada às suas satisfações, os outros sentimentos acabaram por terem sido encobertos (e englobados) por esse. Pode-se, ainda,

destacar que o fato dos aspectos relacionados às utilizações de verbos (como é o caso de *gostar*) está inserido dentro do campo maior da satisfação pessoal. Porém, as insatisfações (efeitos relacionados às não realizações, ou alguns tipos de frustrações sentimentais em relação ao emprego) também foram colocadas sob o mesmo crivo, realizando a inclusão de todos os aspectos do conceito.

A satisfação, nesse caso, complementa os aspectos sentimentais, uma vez que quando se exerce uma atividade, a pessoa busca bem-estar consigo própria de maneira que, mesmo havendo problemas do trabalho, haverá o gosto pessoal e a complementação que essa atividade traz no indivíduo o fará estar realizado com a profissão. Apenas gostar, dessa forma, não completaria a magnitude de estar realizado profissionalmente (de acordo com as construções que esse verbo teve em suas falas). E, relacionar REALIZAÇÃO PROFISSIONAL com o conceito SENTIMENTO, seria uma tautologia.

Nesse sentido, observa-se que estar realizado na profissão seria ter gosto (ou algum tipo de desgosto) pela profissão exercida. O conceito do RECONHECIMENTO, por outro lado, traz um ato recíproco ao fato desses informantes colocarem sentimentos na atividade que exercem. Esse ato do reconhecimento seria a retribuição, de alguma forma (não relacionada às questões financeiras, uma vez que há um uso metafórico voltado exclusivamente para essas questões, a qual é representada pela REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RETORNO FINANCEIRO), na qual as outras pessoas retribuem o esforço empregado pelo falante com algum gesto que expresse uma boa ação para o mesmo, como, por exemplo, um elogio ou uma promoção.

O fato de que as suas realizações, que ocorrem de forma singular dentro do discurso, foram muito poucas, indica que esses sentimentos não vêm, normalmente, sozinhos quando o assunto é realização profissional. Como citado no parágrafo anterior, observa-se um grande relação entre a satisfação estar ligada à recompensa e vice-versa. Isso pode ser constatado através desses textos orais que trazem essas duas metáforas:

R.L.2.7 perg.18. “em relação a busca profissional, um grande momento foi quando recebi um elogio (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO), (...) a minha professora chegou e me elogiou e falou que eu consegui desempenhar muito bem (...) quando aconteceu isso eu falei: ‘poxa, tô vendo que tá dando certo, que eu tô conseguindo aprender certinho, que eu vou desenvolver certamente a profissão’” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É SATISFAÇÃO) **IM1**;

R.L.2.8 (igual à R.L.1.8) perg.9. “Eu fico feliz com as pessoas, já conheci pessoas muito bacanas, mesmo ali quando eu trabalhava no financeiro...eu *não gostava* muito do serviço, mas, assim, eu *gostava* muito do ambiente, das pessoas, então era muito legal de trabalhar (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É SATISFAÇÃO). Mas aqui eu *gosto mais, né, claro!* e, assim, eu *gosto* muito de escrever, assim, mesmo! Então...quando a gente tem que fazer uma notícia, ou tem que ligar pras pessoas, e pegar aquele monte de dados incompreensíveis e transformar em uma coisa legal, eu acho bacana e, assim, às vezes ninguém comenta, né?! Mas já teve algumas vezes que um aluno ou algum professor, ou até mesmo alguém da diretoria mandou email pra gente ou falou por

facebook: ‘Nossa, que legal...que notícia boa, que trabalho bacana’, então isso é legal, assim, algumas pessoas *valorizam o (nosso) trabalho*” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO/ SATISFAÇÃO) **IF2;**

R.L.2.9 (igual à R.L.1.10) perg.13- “um momento bem feliz aqui no trabalho foi logo que eu vim pra cá e daí eu ajudei a fazer duas matérias no nosso jornal impresso *e daí meu nome saiu no jornal*, (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO) assim, como o registro, né? Porque eu tenho registro como jornalista, só que como eu nunca atuei como jornalista, até porque na época que eu estagiava, então eu nunca tive uma publicação com o meu nome, com o meu registro, mas eu nunca tinha tido uma publicação com o meu registro, e daí *eu fiquei bem feliz*” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO/ SATISFAÇÃO) **IF2;**

R.L.2.10 (igual à R.L.1.33) perg.14 “no trabalho, eu acho que foi quando eu entrei aqui. Quando eu entrei na universidade, eu fiquei por muito tempo trabalhando diretamente com os estudantes, era um setor que eu *gostava* (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É SATISFAÇÃO), mas ele era muito desgastante, e eu achava que nunca ia ser *reconhecida* (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO). E, um dia, quando assumiu o Reitor anterior a esse, é...me chamaram pra trabalhar aqui, do nada, assim, então eu achava, assim, que (...) ninguém me via, e de repente estava todo mundo me olhando, então, desde então eles me convidaram pra vir trabalhar aqui, então, eu acho que foi assim um *reconhecimento e uma alegria* muito grande aqui na universidade (UTFPR)” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO/SATISFAÇÃO) **IF3;**

R.L.2.11 (igual à R.L.1.34) perg.17 “*eu me sinto realizada*, aham ...apesar de...lá no fundo a gente sempre lembrar que podia ter trilhado outro caminho, né, mas eu *me sinto realizada...eu gosto muito do que eu faço* (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É SATISFAÇÃO), né, *gosto* das pessoas que eu trabalho, *gosto* da instituição, né, que é uma instituição que conhece o servidor, pelo menos...eu *gosto dos meus chefes*, eles *reconhecem* o meu trabalho, então isso é que é importante” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO/ SATISFAÇÃO) **IF3;**

Nesses casos, ficam claras as adequações que essas duas metáforas conceituais possuem uma a outra, uma vez que foram encontradas muito mais realizações linguísticas dessas duas metáforas dentro de contexto orais, em conjunto, nesses casos, com a metáfora conceitual relativa ao conceito financeiro.

Essas metáforas têm uma base forte centrada na questão dos sentimentos valorizados por essas pessoas, nas quais a realização de uma atividade que lhes dê gosto é muito importante (ter a chamada satisfação dentro do serviço), Além disso, é muito importante que os informantes recebam algo em troca disso, e aqui surgem as metáforas de RECONHECIMENTO e RETORNO FINANCEIRO.

Como se pode analisar (e já citado anteriormente) aquela é voltada às relações com questões das atividades do trabalho. É uma forma de se valorizar o aspecto da atividade que se realiza por aquela pessoa, bem como reconhecer habilidades nesse profissional. Da mesma forma, o RETORNO FINANCEIRO é, também, uma forma de reconhecimento, contudo, que parte muito mais da pessoa informante (aquela que realiza o trabalho) e, ao contrário da primeira, busca uma realização pessoal (que não envolva mais ninguém, além de si próprio e da sua própria família), uma vez que seu uso será de cunho individual. A seguir estão dispostas as realizações linguísticas das metáforas relacionadas ao retorno financeiro:

R.L.2.12 (igual à R.L.1.27) perg.19 “bom, primeiro, profissionalmente, eu vejo o trabalho muito com um meio, não como um fim. Eu não vejo tanta realização no trabalho como talvez a maioria das pessoas com quem eu convivo eu percebo que têm. Então, o trabalho que eu busco é o trabalho que me dê algum conforto, algum recurso pra mim realizar outras coisas Então, eu não tenho a ambição de (...) exercer cargos importantes, de ser chefe de ninguém, de ostentar poder (...) ou ser gerente, ser diretor, ser qualquer coisa assim. Mas eu busco, eu busco (...) *pra estar feliz, no futuro, um salário bom e uma aposentadoria boa* (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RETORNO FINANCEIRO)...pra poder usar esse recurso pra fazer as coisas que são realmente importantes”) **IM2**;

R.L.2.13 (igual à R.L.1.39) perg.17 “sim, ela me trouxe algumas coisas materiais, né, me possibilitou algumas viagens (...), me trouxe ...o equilíbrio da família, né, que é o mais importante, né? E esse equilíbrio, queira ou não queira, é *através do dinheiro*, é através do estatus, do estatus não, mas sim do *dinheiro*. Sem dinheiro você não tem comida, você não...(.) por mais que você tenha pouco momento de lazer, mas o que a gente tem dentro de casa é através desse trabalho, e sem essa estabilidade, sem esse trabalho, as coisas são mais difíceis (..) não tem família que fique estruturada” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RETORNO FINANCEIRO) **IM3**;

R.L.2.14 perg.15- “eu acho que profissionalmente ela me realiza, mas não financeiramente (...) e assim, querendo ou não, você não poder comprar as coisas que você quer, que nem nós, por exemplo, a gente não consegue guardar dinheiro pra comprar uma casa, né? é triste...então, assim, eu acabo valorizando mais o lado financeiro, assim, então, até por isso, se eu tiver a oportunidade de ser chamada (...) por um concurso que ganhe mais, eu vou, mesmo que vá trabalhar com qualquer área ” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RETORNO FINANCEIRO) **IF2**;

R.L.2.15 (igual à R.L.1.21) perg.6. “pelo trabalho que eu faço, sim, porque o trabalho que eu faço aqui é um trabalho que não...não exige muito, assim, mas...não é o suficiente pra mim. Eu, inclusive, faço outros concursos e tal, porque eu quero, pra mim, *ganhar mais*” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RETORNO FINANCEIRO) **IF2**.

Também é possível notar que as realizações linguísticas dessa metáfora, de forma singular, foram encontradas em número bem menor do que quando comparadas ao seu uso em discursos com outras metáforas conceituais encontradas para descrever R.P. Inicialmente será feita uma apresentação das realizações linguísticas em que RETORNO FINANCEIRO aparece junto com SATISFAÇÃO:

R.L.2.16 (igual à R.L.1.22) perg.6 . “com certeza, não...não compensa (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RETORNO FINANCEIRO). (Porque), bom, eu trabalho numa (empresa) de economia mista e meu plano de cargo e carreira não é muito bom. Então, a responsabilidade que eu acabei assumindo é um pouco maior do que efetivamente o plano de cargo e de carreira me permite ser remunerado” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É SATISFAÇÃO) **IM2**;

R.L.2.17 (igual à R.L.1.31) perg.11 “não, não ...eu *gosto* do que eu faço (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É SATISFAÇÃO) , a *remuneração*, eu já vi no mercado, é próxima do que eu ganharia se eu fosse lecionar, no Estado, então, tudo o que eu *ganho* aqui pra mim compensa ainda, eu gosto do serviço, então (...) eu não mudaria, não penso em mudar”(REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RETORNO FINANCEIRO/ SATISFAÇÃO) **IF3**.

Coincidências dos usos das metáforas de RECONHECIMENTO e RETORNO FINANCEIRO nos mesmos textos orais também foram encontradas, como pode ser analisado a seguir:

R.L.2.18 perg.24- Ah, eu acho que pra eu me realizar profissionalmente, eu *precisaria ganhar mais*, (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RETORNO FINANCEIRO) e ... talvez, assim, tá...tá numa área mais de destaque, assim, mas eu acho que eu sou muito nova, né, pra chegar lá, né... mas quem sabe, né?!” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO) **IF2**;

R.L.2.19 perg.9 “o que me deixa feliz é (...) na verdade a gente busca *reconhecimento* e esse reconhecimento vem de diversas formas, né, tanto o *reconhecimento verbalizado* (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO), né, dos teus colegas, ou que você sinta isso como *financeiro*...ultimamente o financeiro deixa a desejar! Muito verbal e pouco financeiro.” REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RETORNO FINANCEIRO/ RECONHECIMENTO) **IM2**;

R.L.2.20 perg.15 “ definitivamente, não...eu não posso me dizer realizado com a profissão...porque , veja, não é a profissão, talvez o tipo de atividade que eu mais gostaria de fazer, mas, é uma atividade com a qual eu me identifico, e que eu aprendi a *gostar*, mas *financeiramente não me deixa* contente, principalmente pelas perspectivas de futuro, então hoje eu busco outra, outra coisa. Principalmente porque a gente olha pra frente e tem que ver caminhos a trilhar ainda, e eu não vejo isso .” REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RETORNO FINANCEIRO/ RECONHECIMENTO) **IM2**.

As ocorrências das três metáforas no mesmo discurso também apareceram com certa frequência. É importante lembrar que esses trechos ocorreram apenas nos discursos dos informantes das duas faixas etárias mais velhas, porque, como já explicado, os usos da metáfora conceitual relacionada ao retorno financeiro só é utilizada por eles, como se pode analisar nas realizações linguísticas a seguir:

R.L.2.21 perg.17 “sabê que você tá fazendo *algo bom*, colaborando com alguma coisa (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É SATISFAÇÃO)... que você tá ganhando um *salário* que você tenha esse *prazer de ganhar* (infern REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO, pelo fato de que você está sendo recompensado, de alguma forma, pelo fato de ter feito algo bom/ REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RETORNO FINANCEIRO) , e é o que você gosta de fazer, acho que assim você estaria realizado com o que você está fazendo” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É SATISFAÇÃO) **IM1**;

R.L.2.22 (igual à R.L.1.12) perg.19- “em relação ao trabalho, acho que é muito importante, assim, você...são duas coisas muito importantes, né, primeiro é você ter *um prazer* no que você faz, assim, né (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É SATISFAÇÃO) , ter também um *reconhecimento* , né, é bom você ter, por exemplo, assim (...) você ser uma *referência*, né, nem que seja num círculo pequeno, você ter o nome em algum lugar, e também (...) colher os frutos do trabalho (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RECONHECIMENTO) . Poder *comprar* a tua casa, poder dar educação os seus filhos com o dinheiro do seu trabalho, acho que isso pode fazer alguém feliz no trabalho, trazer um *bem-estar* pra ele fora do trabalho também.” (REALIZAÇÃO PROFISSIONAL É RETORNO FINANCEIRO/SATISFAÇÃO) **IF2**.

As realizações linguísticas, com relação ao modelo cognitivo da R.P., apresentaram construções voltadas, primeiramente, aos elementos de SATISFAÇÃO E RECONHECIMENTO (compartilhados pelos três grupos). Como já explicado anteriormente, a *satisfação* sugere um sentimento em que o ser humano alcança uma complementação em relação àquilo que o satisfaz (não há lacunas, incompletudes, pois o sentimento preenche o ser). Portanto, com o intuito de se conseguir integrar os sentimentos dos falantes em relação ao que sentiam quanto à realização, observou-se que esse conceito foi o que melhor se encaixa em seus discursos. Além disso, essa foi uma metáfora utilizada por todos os grupos, o que atesta uma necessidade de sentir-se satisfeito (preenchido) sentimentalmente, ou, quando não satisfeito (em que essa mesma realização é frustrada), deixando lacunas na pessoa.

Além disso, o fato de RECONHECIMENTO também estar presente dentro dos três grupos, sugere que a necessidade de ser reconhecido (recompensado), na qual as pessoas reconheçam suas atividades no trabalho, é muito difundida nessa comunidade. As pessoas, portanto, precisam ter um retorno daquilo que produzem para que se sintam realizadas (um elogio ou uma promoção, como alguns dos exemplos que podem ser citados). Portanto, a comunidade que integra o *corpus* de análise espera que haja o reconhecimento, de alguma maneira, dentro das suas atuações profissionais para as realizações nesse modelo cognitivo

Em relação ao **Grupo 1**, como já apontado em citações anteriores, pelo fato dos informantes desse grupo não estarem inseridos dentro do mercado de trabalho, suas significações discursivas metafóricas apresentam diferenças em relação aos outros grupos.

No caso da REALIZAÇÃO PROFSSIONAL, pode-se notar que essas questões relativas à inserção no mercado de trabalho continuam sendo relevantes para a diferenciação que esses falantes têm em suas formas de pensar. Os discursos claramente identificam as relações de expectativas de satisfação dos sentimentos que esses informantes colocam dentro dos seus futuros trabalhos são muitas, prova disso são os próprios números de realizações linguísticas desses falantes sobre esse conceito metafórico da satisfação.

Pode-se analisar, ainda, que houve mais realizações linguísticas singulares da metáfora sobre SATISFAÇÃO, dentro do grupo, do que as realizações singulares sobre RECONHECIMENTO (da qual houve apenas o aparecimento de um trecho). Além disso, a realização das duas metáforas no mesmo texto oral só ocorre uma vez. O pouco uso dessa metáfora relativa ao reconhecimento, ao mesmo tempo havendo maior uso do conceito SATISFAÇÃO, demonstra que os estudantes tendem a projetar, como forma de realização no campo profissional, os aspectos ligados aos sentimentos que possuem pela futura profissão. A satisfação de exercer a profissão se mostra como elemento muito importante. Além disso, a própria recorrência única do conceito SATISFAÇÃO em conjunto com RECONHECIMENTO demonstra que não há muita dependência entre esses dois conceitos nos usos dos informantes adolescentes, em particular.

Com isso, para esse grupo, é possível perceber que a satisfação é mais importante que a questão do reconhecimento, embora esse também tenha alguma importância. Quanto à essa questão, é possível analisar mais um detalhe curioso nas construções do grupo, pois, enfocar algum retorno do trabalho que se exerce é comum, e o enfoque do mesmo, nesse grupo, só teve relação com o retorno de ser visualizado como um bom profissional (que entra no campo do reconhecimento), ou não, dentro área em que se atua, não tendo enfoque na questão financeira. Uma vez que aparecem nas realizações linguísticas dos **Grupos 2 e 3**, é

possível visualizar que as questões relacionadas ao RETORNO FINANCEIRO não tem, dentro do grupo 1, nenhum uso por conta da não inserção dos falantes dentro do mercado de trabalho. E, dentro dos falantes das outras faixas etárias, o assunto torna-se pertinente já que eles convivem com o conceito de AUTOSSUTENTO, o que infere um retorno financeiro para que a sua sustentação seja possível.

Em relação ao **Grupo 2**, as mesmas metáforas que relacionam satisfação e recompensa estão inseridas em suas realizações, além do retorno financeiro. Mas há diferenças dentro de seus usos, bem como nos focos que os falantes dão a eles nas suas falas, quando as comparamos com seus usos do **Grupo 1** e do **Grupo 3** (que compartilha as mesmas três metáforas conceituais).

O primeiro aspecto a ser destacado é o fato de que SATISFAÇÃO é uma metáfora que não aparece sozinha nos textos orais desses informantes. Em relação a essa metáfora, nas falas dos informantes mais novos, ela tem sua aparição de modo singular (o que sugere importância, uma vez que, como é relevante comentar, os conceitos prototípicos podem ser destacados por meio de sua repetição), o que não sugere tanta importância quando pensada apenas em conjunto com as outras. As realizações linguísticas que privilegiam o RECONHECIMENTO também são poucas, observando-se apenas uma ocorrência dentro do grupo. Além disso, isso não se traduz em menor valor dessas metáforas dentro do grupo, apenas sublinham o fato de que, para esses falantes, elas têm importância quando esses dois conceitos ocorrem de maneira conjunta. As provas disso podem ser constatadas quando observadas as realizações linguísticas construídas por esses falantes. Se se considerar o número de aparições, pode-se observar que as vezes que os conceitos metafóricos aparecem em conjunto são maiores se comparados quando aparecem sozinhos.

Em conformidade com o que se apresenta nesse tópico, nota-se que ocorre apenas uma realização linguística (R.L.2.9), nesse grupo, em que apenas as metáforas SATISFAÇÃO e RECONHECIMENTO aparecem juntas. Realizando uma análise desse trecho, é possível notar que as duas metáforas têm a mesma importância nesse discurso, uma não se sobrepõe a outra, contudo, o mesmo não ocorre com o RETORNO FINANCEIRO.

Esse, como já citado, é o conceito que mais vezes aparece sozinho nas construções desse grupo, e o único que aparece nas falas desses dois informantes. Torna-se importante destacar esses fatos, o que sugere que RETORNO FINANCEIRO tenha um peso maior do que os outros conceitos metafóricos utilizados por eles. A sua importância pode ser ainda melhor visualizada dentro desse grupo pelo fato de que as realizações linguísticas que levam em consideração, ao mesmo tempo, retorno financeiro com reconhecimento são realizadas

apenas por esses informantes (e as que envolvem o retorno financeiro com satisfação ocorrem quase exclusivamente por falantes desse grupo, com apenas uma ocorrência do **Grupo 3**).

Essas ocorrências deixam claro que esse conceito é muito importante dentro desse grupo, principalmente quando está de alguma forma vinculado ao reconhecimento e a satisfação. Note-se que além de ser o elemento que mais aparece dentre essas três metáforas (quando consideradas suas aparições sozinhas e em conjunto), ainda pode-se observar que quando estão no mesmo discurso que trazem essas outras construções metafóricas, há uma valorização dos seus elementos àqueles que privilegiam os dos outros conceitos metafóricos. As R.L.2.16, 18, 19 e 20 deixam muito claro que as questões financeiras são muito mais importantes, para esses falantes, que a satisfação (no caso da R.L.2. 16) e que o reconhecimento (18 a 19).

Em R.L.2. 18 há uma clara referência de que a plena realização da R.P. depende do retorno financeiro, nessa realização aparece o trecho: “Ah, eu acho que pra eu me realizar profissionalmente, eu *precisaria ganhar mais*”, o qual será tomado como exemplo para se observar o quão importante é esse conceito na vida desses dois informantes. A R.L 19 torna explícita que a frustração do informante está relacionada ao fato do retorno financeiro não suprir suas expectativas. Portanto, pode-se observar que essa metáfora é o que guia o pensamento desses falantes quanto à categoria da R.P. Os textos orais desse grupo apresentam apenas uma ocorrência na qual as três metáforas aparecem. Nessa realização lingüística, por sua vez, a **IF2** coloca as três metáforas conceituais em um patamar muito próximo. Mesmo assim, pode-se obter essa certeza de que RETORNO FINANCEIRO é o elemento mais importante dentro desse grupo, justamente pelo fato de que, quando junto à apenas mais uma outra metáfora, sempre é a privilegiada, bem como pela grande repetição desse fenômeno. Essa constatação também é possível, obviamente, a partir das ênfases lingüísticas que os textos orais (os quais já foram citados aqui) dos falantes apresentam, e que comprova a importância desse conceito.

As mesmas três metáforas conceituais do **Grupo 2** também estão presentes no **Grupo 3**. Em relação a esse grupo, nota-se que, quanto à construção metáfora da satisfação, houve semelhanças com os falantes do grupo anterior, uma vez que nessa faixa etária também não aparece uma realização lingüística em que a metáfora conceitual de satisfação seja trazida como única metáfora. Com isso, fica muito clara a dispar importância que esse conceito apresenta para o primeiro grupo em relação aos outros. Além do fato de que, como já comentado, os adolescentes (por não estarem dentro do mercado profissional) colocam suas expectativas sentimentais na profissão a ser escolhida, pode-se dizer também que os falantes

dos dois grupos mais velhos não apresentam essas questões de satisfação de forma isolada porque esse conceito não tem importância significativa (dentro da R.P.) quando pensado de forma isolada (ou só tem essa relevância quando pensada em conjunto com as outras metáforas).

Em relação ao RECONHECIMENTO, também há semelhanças em termos do **Grupo 2**, pois ambos apresentam apenas uma realização linguística no que diz respeito ao seu aparecimento de forma isolada. Assim, é possível, nesse momento, destacar que através de seus discursos, os falantes dos **Grupos 2 e 3** não dão tanta importância para esses dois últimos conceitos de modo isolado.

Grande parte de suas realizações linguísticas vêm com mais de uma metáfora no texto oral. Isso indica uma mudança que o próprio trabalho coloca na visão da R.P. desses falantes, na qual as expectativas começam a ter necessidade de serem pensadas de forma integrada, uma vez que a rotina da vida das pessoas reflete isso. A relação entre esses dois conceitos dentro de textos orais também podem ser relacionadas entre esses dois grupos, uma vez que nas duas realizações que aparecem em que esses conceitos estão juntos, os textos orais são construídos pelas informantes femininas.

Contudo, enquanto há um equilíbrio na valorização entre esses dois conceitos nos textos do **Grupo 2**, como já comentado, o mesmo não ocorre nos textos do **Grupo 3**, uma vez que nas R.L.2.10 e 11 fica muito claro que a informante (**IF3**) dá mais valor ao reconhecimento do que a satisfação. No entanto, esse grupo apresenta algumas particularidades. Primeiramente, em relação à construção que relaciona o retorno financeiro com satisfação, na R.L.2 17, ocorre outra valorização da satisfação, no caso, também realizada pela **IF3**. Contudo, quando se analisa as construções do **IM3** sobre esses conceitos, percebe-se que esse padrão de valorização das questões não financeiras não é seguido.

A R.L.13 mostra de forma clara que o dinheiro é o elemento mais importante do trabalho para **IM3**, e é o que faz com que se realize a sua R.P. Dessa forma, e por conta desse desencontro, deve-se comentar que as justificativas para esses usos podem ser encontradas no que diz respeito ao pensamento quanto que esses dois falantes possuem quanto ao trabalho que estão exercendo (apenas nesse momento se fará uma análise individual, não em grupo, pelo fato de haver essa quebra de semelhança nas formas de pensar, o que ocorreu nos outros grupos).

O **IM3**, na R.L.1.16, deixa claro que não pensa que essa profissão que está exercendo será a última, isso mostra que ele enxerga esse trabalho como algo provisório, no geral (apesar de levar em conta aspectos como ESTABILIDADE, em relação ao modelo cognitivo do

TRABALHO). Nesse sentido, uma vez que esse não é o emprego que lhe traz satisfação, torna-se lógico o fato de ele ter como mais importante, no momento, a realização apenas no aspecto financeiro (uma vez que se pode notar, além disso, que a única realização linguística que esse falante produz em relação à R.P, só tem relação com o retorno financeiro). Além disso, se aproxima muito do pensamento dos falantes do **Grupo 2**, que buscam, ainda, novos horizontes profissionais.

Já no caso da **IF3**, houve grande uso da satisfação, e ela deixa claro que não trocaria de profissão, o que está disposto na R.L.2.17. Uma vez na profissão que gosta, ela tende a viver (e, conseqüentemente, metaforiza) o elemento da satisfação dentro do trabalho exercido. E, já que irá realizar essa profissão até a aposentadoria, não há mais a busca pelo financeiro (pelo menos não como primeiro plano), mas sim pelo reconhecimento dentro dessa profissão que ela exerce e continuará exercendo. Essa constatação se efetiva de maneira tão forte nas suas falas, que é possível analisar muitos aparecimentos de reconhecimento, mas apenas uma vez ela usa a metáfora do retorno financeiro (na própria R.L.2.17), na qual deixa claro que a satisfação é mais importante que essa questão financeira.

Portanto, as realizações desse último grupo conseguem expressar bem que as metáforas utilizadas levam em consideração o que as pessoas pensam e esperam sobre a profissão que exercem. Além disso, o padrão que foi seguido dentro dos dois primeiros grupos (1 e 2), em que os dois informantes têm pensamentos e, conseqüentemente, realizações linguísticas metafóricas bem parecidas, não foi seguido pelo último, pelo fato dessas expectativas diferentes entre os informantes **IF3** e **IM3**. Isso pode sugerir que pessoas dessa faixa etária tenham muitas diferenças quanto aos seus pensamentos e expectativas em relação aos trabalhos que estão exercendo. Além disso, tornou-se claro, principalmente pelas análises feitas com os outros grupos, que se as pessoas (dessa comunidade linguística, principalmente desse grupo) estão na profissão que lhes dá satisfação e um bom retorno financeiro, elas tendem a procurar mais o reconhecimento, uma vez que terão a “tendência” de se aposentar nela.

Essa conclusão, por sua vez, pode ser inferida pela fala de todos os grupos (até mesmo no Grupo 1, em que não há uso do RETORNO FINANCEIRO, apenas importando as questões da satisfação e, como conseqüência, o reconhecimento) principalmente nos dois grupos de idade mais avançada, os quais já estão inseridos no mercado de trabalho e deixam claro, a partir de suas realizações linguísticas, que a relação da satisfação em conjunto com o bom retorno financeiro faz com que a pessoa (pelo fato de ter alcançado seus objetivos mais urgentes) tenha necessidade de reconhecimento (ou seja, esse último conceito depende dos

dois primeiros, principalmente da SATISFAÇÃO), porque seria o último aspecto do campo profissional a ser alcançado para se ter a realização profissional.

4.3 FAMÍLIA

O terceiro modelo cognitivo a ser analisado é o da FAMÍLIA, o qual apresentou muitas realizações metafóricas por parte dos informantes. Dentro dessas realizações, foi possível encontrar construções metafóricas muito ricas, e metáforas conceituais que estão presentes nos três grupos de entrevistados, bem como ocorre com relação ao TRABALHO e à R.P.

Uma dessas construções metafóricas, que marcam as construções da família dentro dos três grupos dessa comunidade curitibana, é a do SENTIMENTO. A seguir estão dispostas as realizações linguísticas nas quais o SENTIMENTO está relacionado com família (em que essa metáfora é utilizada de forma singular nos textos orais dos informantes):

R.L.3.1 perg. 19. “ (...) só que quando ela nasceu, pra gente, também, foi a *melhor coisa*” (FAMÍLIA É SENTIMENTO) **IF1**;

R.L.3.2 perg.11 “*é bom ... é exatamente (isso)... não é ótimo, não é ruim, é bom!*” (FAMÍLIA É SENTIMENTO) **IM2**;

R.L.3.3 perg. 12a “bom, eu acho que problemas sempre existem...todo mundo tem(em relação a sentimentos) teve, sim, de *decepção*, acho que principalmente de *decepção*” (FAMÍLIA É SENTIMENTO) **IM2**.

Como se pode notar, nessa realização metafórica procurou-se enquadrar no conceito de SENTIMENTO todas as realizações que estivessem se relacionando a qualquer sentimento. Isso porque, da mesma forma como foi realizado com esse conceito dentro das construções do conceito de TRABALHO, notou-se que houve grande variedade quanto aos sentimentos que aparecem nos textos orais dos informantes, portanto, o conceito SENTIMENTO foi escolhido como elemento mais prototípico para representar essas realizações.

Além dessa, surge outra construção metafórica muito explorada dentro dos três grupos, e que está inclusa em muitas realizações linguísticas produzidas pelos falantes (no entanto, bem como no caso da metáfora SENTIMENTO, e as outras metáforas que aparecem nos três grupos, sua presença é bem maior dentro de textos em que apareçam mais de uma metáfora conceitual). Essa metáfora é a que relaciona a família com o conceito de SER VIVO. É muito comum, dentro da fala dos informantes, se relacionar família a um ser que realiza ações e, além de realizá-las, ter a necessidade de receber algumas ações (como, por exemplo, atenção). Com isso, foi privilegiado o uso do termo SER VIVO (e não entidade, ou outro conceito), pelo fato de que esse conceito aqui utilizado expressar, de forma mais clara (e

completa), o tratamento da família, pelos falantes, como um ser vivo que participa das ações da sua vida. Eis as realizações linguísticas que privilegiam essa metáfora:

R.L.3.4 perg.14“, Não, nenhuma dificuldade, a *gente* sempre se relacionou bem” (FAMÍLIA É SER VIVO) **IF1**;

R.L.3.5 perg. 18. “ agora, na família (o grande momento de felicidade), foi quando nasceu a minha irmazinha” (como se a família fosse um ser que sentisse felicidade (FAMÍLIA É SER VIVO) **IF1**;

R.L.3.6 perg. 12. “ah...no relacionamento a *gente expõe* bastante o que a *gente sente* (...) e todos, assim, é... *compartilham* o que passa na vida, então é uma relação harmônica bastante gostosa que tenho com a minha família, não tem segredo com ninguém” (FAMÍLIA É UM SER VIVO) **IM1**;

R.L.3.7 perg.14. “não, a *gente*...nunca aconteceu nada demais, assim, com a *gente*...algo, tipo assim, negativo, a *gente*, a *gente* sempre quando a *gente se vê*, a *gente mata a saudade e tal*, mas nunca aconteceu nada drástico assim entre a *gente*, a *gente* tem uma relação boa com a família externa, mas é poucas vezes que a *gente se vê*” (FAMÍLIA É UM SER VIVO) **IM1**;

R.L.3.8 perg. 19. “não teve um momento específico, foram vários, quanto às *nossas* viagens. Quando a *gente viajava*...um momento de felicidade, assim, estar perto um do outro, só nós quatro, muito bacana” (FAMÍLIA É UM SER VIVO) **IM1**;

R.L.3.9 perg. 19a. “uma vez, quando a *gente foi* pro Rio Grande do Sul (...) que além de (...) a *gente* brigou bastante, a *gente ficou mal* por causa do tempo, a *gente ficou bem mal* (...) mas, depois do sétimo dia a *gente viu* que tudo começou a dar certo, e daí a *gente ficou* mais uma semana, foi muito legal” (FAMÍLIA É UM SER VIVO) **IM1**;

R.L.3.10 perg. 20b. “Sim, conquista individual, e ver que eu tô, de que sozinho eu tô conseguindo me desempenhar, sem ter a *ajuda* da minha família, que passou a etapa, já que a minha família *precisava me ajudar*. Não que ela não vá me ajudar. (FAMÍLIA É UM SER VIVO) **IM1**;

R.L.3.11 perg. 24. “o momento em que a *gente sai* , eu acho, é um momento de felicidade, um momento em que a *gente conversa* mais” (FAMÍLIA É UM SER VIVO) **IM1**;

Como terceiro elemento metafórico utilizado por todos os grupos, é apresentado o conceito de família como UNIÃO. Quanto a ele, é importante destacar que muitas vezes a família é pensada como um grupo, isso apresenta uma ocorrência frequente nos textos orais. Além disso, esse grupo é muitas vezes referenciado como uma forma de união desses familiares e, além disso, o conceito de UNIÃO, em muitos aspectos, engloba esse conceito do grupo. Dessa forma, a escolha dessa metáfora a fim de representar esses fenômenos do conceito FAMÍLIA foi realizada por englobar, de maneira mais adequada, essas relações vividas pelos informantes, que os mesmos pretendem passar em suas realizações linguísticas. A seguir, estão apresentados os textos orais em que apenas essa metáfora conceitual aparece:

R.L.3.12 perg. 26. “Eu acho que felicidade é quando você está com quem você gosta, com a sua família, não importa se é *uma pessoa só a sua família* (FAMÍLIA É UNIÃO), ou seus amigos, mas é quando você se sente amado, também, pelas pessoas” **IF1**;
(Nesse caso, o fato da informante diferenciar família de uma pessoa, singular, pressupõe que, para ela, família é pensada como grupo, união de pessoas)

R.L.3.13 perg.15. “Família eu acho que é uma...um *grupo de indivíduos* que veio pra você pra você poder compartilhar o que você precisa. Mais do que o que tá no sangue, é...são amigos, né?!” (FAMÍLIA UNIÃO) **IM1**;

R.L.3.14 perg. 15a. “isso, sim, *união* alguém que, você pode contar com a pessoa, pode compartilhar o que acontece com você, as coisas ruins, as coisas boas” (FAMÍLIA É UNIÃO) **IM1**;

R.L.3.15 perg.17/p.17a “ pra mim hoje o ideal seria, primeiro, morar numa cidade que me proporcionasse uma qualidade de vida boa (...) de muitos brasileiros, principalmente da região sul, acho que seria Florianópolis, uma cidade bacana (...). trabalhar numa atividade que não sufocasse... não escravizassem como muitas escravizam, né...que fosse uma atividade que você conseguisse desenvolver com leveza. Poder almoçar, depois ir pra casa e poder almoçar com a sua família, é... com uma esposa, filhos, enfim, ou outros parentes próximos . E, completar o final do dia voltando pra casa pra ter uma rotina, um dia (...) poder voltar pra casa e ter *contato com todos os familiares com quem você vive.*” (FAMÍLIA É UNIÃO) **IM2**;

R.L.3.16 perg.15. “com relação à família, a minha maior felicidade hoje foi a minha primeira filha, né, agora também o meu segundo filho, que na verdade não tava planejado, né, mas eu acho que o pico de felicidade foi eu ter conseguido engravidar, porque eu tive um problema em conseguir engravidar da primeira filha, então conseguir engravidar, foi, assim, pra *todo mundo*, não só pra mim e pro meu marido, mas pras *duas famílias*, tanto a minha quanto a dele, (um grande momento de felicidade).” (FAMÍLIA É UNIÃO) **IF3**.

R.L.3.17 perg.21 “um dia feliz é aquele que todo mundo consegue se *reunir* no almoço, num jantar, e falar das suas atividades que tiveram, tavam tendo, e ninguém com problema de saúde, acho que é isso. Quando tudo tá no seu devido lugar é bacana, né?” (FAMÍLIA É UNIÃO) **IM3**.

E, como última metáfora compartilhada pelos grupos, torna-se foco o conceito da RESPONSABILIDADE. A família é vista como algo muito importante, no geral, para os informantes da pesquisa. As relações com essas responsabilidades mudam, uma vez que a própria responsabilidade muda de acordo com as diferentes formas de vida desses falantes. Além disso, esse conceito aparece em todos os grupos, o que indica que, de alguma forma, a valorização do bem-estar da família já está presente na vida dessa comunidade desde a fase da adolescência. Eis as realizações linguísticas em que essa metáfora aparece de forma isolada:

R.L.3.18 perg.10 “sim (...) eu acredito que sim, pelo menos eu tento, né. A gente faz o necessário, não faz muito daquilo que a gente gostaria, a gente faz o necessário, e eu acredito que vou poder prover os meus filhos até eles entrarem numa faculdade, se formarem, e caminharem pelos próprios pés” (FAMÍLIA É RESPONSABILIDADE) **IF3**;

R.L.3.19 perg.3 “é a *responsabilidade*, né...o aumento da responsabilidade. Antes eu não tinha, quando solteiro, agora eu tenho como pai. O *compromisso* com os filhos, educação, saúde deles (...).” (FAMÍLIA É RESPONSABILIDADE) **IM3**.

Em relação a essas metáforas, como já citado anteriormente, notou-se que elas apresentaram grande recorrência nos textos orais quando em conjunto com outras metáforas. Pode-se perceber que elas, muitas vezes, ocorrem em pares, o que pode suscitar proximidades nas relações entre essas construções metafóricas que aparecem nas realizações linguísticas. Apresenta-se, primeiramente, aquelas realizações que evocam as relações entre as metáforas do SENTIMENTO em conjunto com a de SER VIVO:

R.L.3.20 perg.13. “minha família é *tudo* pra mim (FAMÍLIA É SENTIMENTO), é um *amor incondicional* (FAMÍLIA É SENTIMENTO), sabe? Eu tenho *medo* de perder meus avós, sabe?” (...) depois que perdi meu pai, o medo (de perdê-los) aumentou. (...) ele (meu avô) já saiu do hospital, já tá em casa, tudo, mas ainda sim a *gente* tá meio abalado, assim (FAMÍLIA É UM SER VIVO). Nossa, é um amor, assim, incondicional” (FAMÍLIA É SENTIMENTO) **IF1**;

R.L.3.21 perg. 20. “E *todo o mundo* ansioso (FAMÍLIA É UM SER VIVO) pra ela nascer, e ela não nascia, não nascia, mas (minha irmã) Quando nasceu, também, nossa... aí foi uma *alegria*” (FAMÍLIA É SENTIMENTO) **IF1**;

A metáfora que traz o conceito do SENTIMENTO também é relacionada com UNIÃO e apresenta as seguintes realizações linguísticas em conjunto:

R.L.3.22 perg.11- “eu vou confessar que o relacionamento com a minha família não é muito bom, *não é muito próximo* (FAMÍLIA É UNIÃO), é...meu irmão e meu pai moram em Florianópolis, né? Então, tem essa distância geográfica, então às vezes eu fico bastante tempo sem ver eles, até porque pra mim ir até lá, às vezes é complicado, só nas férias mesmo, né?!...E com a minha mãe, apesar de ela morar aqui, a minha relação não é tão próxima, assim, porque ela casou de novo e eu *não me dou muito bem* com o meu padrasto (FAMÍLIA É SENTIMENTO). Com os meus tios, eu confesso que quase não vejo os meus tios e a minha madrinha, e a minha avó, eu vejo às vezes, assim” **IF2**;

R.L.3.23 perg.12- “eu acho que eu sinto...hummm, não sei explicar...mas é, talvez, um pouco de *decepção* (FAMÍLIA É SENTIMENTO), assim, é...primeiro pela questão do divórcio, né, que é difícil, que é clichê falar, mas é difícil, eu era criança...meus pais se *separaram* (FAMÍLIA É UNIÃO) eu tinha 11 anos, e daí logo meu pai foi pra Florianópolis, e também foi muito difícil porque e eu era bem apegada à ele (...) daí a minha mãe também casou de novo, daí foi complicado, assim acho complicado” (FAMÍLIA É SENTIMENTO) **IF2**.

E, ainda em relação às construções metafóricas do SENTIMENTO, observa-se que também apresentam uma realização linguística em que aparece em conjunto com o conceito da RESPONSABILIDADE:

R.L.3.24 perg.15 “ Hoje, é o nascimento do nosso filho (...) e quando, e eu acho que quando eu me apaixonei pela minha esposa. Foram dois momentos inesquecíveis, assim (FAMÍLIA É SENTIMENTO). Eu lembro de uma história, no caso, do Nicolas (primeiro filho), quando eu tava subindo a rampa da maternidade...tava com 24, 25 anos...nunca imaginava ter filhos, só pensava em ter filhos com 35 anos, daí quando eu subi a rampa eu senti, naqueles passos que eu fui dando, eu fui me transformando, assim...fui de jovem, adolescente, adulto, e daí pai, assim, deu pra sentir essa transformação, assim. A partir daquele momento, quando eu cheguei no plano da rampa, eu era uma pessoa adulta e com mais *responsabilidades*, com mais deveres. Que eu era pai, agora, não era mais filho” (FAMÍLIA É RESPONSABILIDADE) **IM3**.

Além desses conjuntos, há outros encontros que se repetem de maneira considerável, como é o caso de SER VIVO com o conceito da UNIÃO, como pode ser visualizado a seguir:

R.L.3.25 perg. 24.”Todo domingo a *gente almoça todo mundo junto* (FAMÍLIA É UM SER VIVO/ FAMÍLIA É UNIÃO), né, depois *todo o mundo* vai se preparando pra lavar a louça, depois já come a sobremesa, aí a *gente senta na frente de casa* e fica conversando assim. às vezes vem parente de longe visitar (FAMÍLIA É UM SER VIVO) (...) às vezes a gente passeia, mas agora tá bem difícil a *gente sair*, mas é assim o nosso dia feliz” (FAMÍLIA É UM SER VIVO) **IF1**;

R.L.3.26 perg. 21 “poxa, um dia feliz com a família, acho que é um...ah, o que a *gente faz* bastante é passear nos parques, sair de manhã, assim, fazer um pique-nique, que a *gente faz* bastante, assim, que é um dia...aproveitar mesmo, *curtir*, sem celular, sem horário pra voltar, né? (FAMÍLIA É UM SER VIVO) (...) é a *união* (FAMÍLIA É UNIÃO), assim, e a gente ter os nossos horários (...) é tá junto, né, a maior parte do tempo” **IF3**;

R.L.3.27 perg.13 “ bom ...bom, temos um relacionamento bom, mas hoje como o mundo é muito corrido, as crianças estudam, *todos trabalham* (FAMÍLIA É UM SER VIVO), eu, a minha esposa, realmente falta o tempo

da vida cultural, de você ter algumas atividades que sejam pro lazer da família. Além da televisão, um parque, um teatro, um cinema, né, isso acaba faltando...até mesmo *pra unir a família*, né.” (FAMÍLIA É UNIÃO) **IM3**.

E o conceito de RESPONSABILIDADE também aparece com o de SER VIVO, eis as realizações linguísticas:

R.L.3.28 perg. 25.”Ah, eu tento tratar tudo igual, ne?...(FAMÍLIA É RESPONSABILIDADE) Ontem mesmo meu vô veio falar comigo, que eu só quero sair, que não sei o que, que eu *não presto atenção na família* (FAMÍLIA É UM SER VIVO, que necessita de atenção)” **IF1**.

R.L.3.29 perg. 25. “eu priorizo mais os meus...na verdade eu priorizo mais os meus amigos (...) gosto muito dos meus amigos, gosto de sair bastante com eles, mas não que a família esteja em último lugar (...) eu faço com os meus amigos, mas também, colocando em peso pra fazer com a família (FAMÍLIA É RESPONSABILIDADE) (...) fico meio triste por saber que meu pai tá achando que tá me perdendo pros meus amigos (...) mas eu acho que não é bem assim, ele já teve o tempo dele (FAMÍLIA É UM SER VIVO), ele sabe que isso é normal” **IM1**. (No caso dessa metáfora conceitual, nota-se que ocorre uma metonímia em que o PAI representa a FAMÍLIA, e FAMÍLIA vem representada como UM SER VIVO pelo fato de que necessita de tempo)

R.L.3.30 perg.3 “as *responsabilidades* (FAMÍLIA É RESPONSABILIDADE), né, que agora a gente tem como pais, de poder encaminhar os filhos, né, provê a casa, né, a questão da educação, *conseguir passar pra eles os mesmos valores que a gente têm* (FAMÍLIA É UM SER VIVO), né...acho que são os mais importantes” **IF3**.

Esses são os encontros, em formas de pares, que essas metáforas conceituais, até aqui analisadas, apresentaram. Além disso, há, também, o encontro desses conceitos metafóricos onde aparecem três ou quatro metáforas, o que ocorre em apenas uma realização linguística:

R.L.3.31 perg.12 “só que com a minha família é tudo *tranquilo*, também.” (FAMÍLIA É SENTIMENTO) (...) só o meu pai que morreu, ele morava com a gente, tudo, então *a gente ainda está se acostumando*, tá se adaptando, tudo, né?” (FAMÍLIA É UM SER VIVO) (...) só que agora, agora a *nossa* situação familiar tá bem mais...a *gente* tá bem mais *unido*, né? pela perda também, daí agora a *gente* tá bem melhor (FAMÍLIA É UNIÃO), graças a Deus!” **IF1**.

(Nesse caso, pode-se notar que FAMÍLIA É UM SER VIVO, pois realiza ações)

Contudo, houve também realizações metafóricas que não abrangeram todos os grupos. E um caso desses tipos de metáfora ocorre em relação ao conceito de BASE. Nesse conceito foram integradas as realizações que se referiam à família como elemento estruturante da vida da pessoa. A escolha do termo BASE, ao invés de ESTRUTURA é o fato de que, na maioria das suas realizações em textos orais, as noções de estrutura são utilizadas pelos falantes no sentido em que eles dão o fundamento (base) pelos quais podem realizar as ações pretendidas, tendo a certeza de que a família será um “porto seguro”. O tema da estrutura, por sua vez, não passaria o mesmo sentido e não conseguiria abarcar o que os falantes tentaram representar através dessas construções metafóricas.

Em relação a essa metáfora, nota-se sua utilização apenas pelos **Grupos 1 e 2**. Eis a única realização linguística em que essa metáfora aparece isolada:

R.L.3.32 perg.22 “eu acho que família, ela é uma *estrutura muito importante pra formação do caráter das pessoas*, né, e da personalidade das pessoas, eu acho que é extremamente importante” (FAMÍLIA É A BASE) **IF2**.

Além disso, as suas aparições com outras metáforas são mais comuns, como pode ser visualizado a seguir:

R.L.3.33 perg. 15 “família é a base de tudo” (FAMÍLIA É BASE) sem a família...eu não sou nada,(FAMÍLIA É BASE) porque a família é que me apóia, minha família é que *sempre esteve comigo* (FAMÍLIA É UNIÃO) , então, é a minha base (FAMÍLIA É BASE)” **IF1**;

R.L.3.34 perg.20. “eu acho que conta bastante, assim, lidar com a família, mas...é, lidar com o individual é, assim, é...eu acho que é o *mesmo peso* porque você vai desenvolver o teu individual futuramente (FAMÍLIA É UNIÃO), com a família você vai ter alguém pra te *estruturar*, a tua *base*” (FAMÍLIA É A BASE) **IM1**;
(Nesse caso, o falante deixa claro que desenvolver o individual não é realizado dentro da família, o que pressupõe que família é uma união de pessoas).

R.L.3.35 perg.12 “ah, eu valorizo muito a minha família, né...então, pra mim, eles são muito importantes, eles são a minha *estrutura*, minha *base*, pra todo o resto” (FAMÍLIA É PRIORIDADE/ FAMÍLIA É BASE) (pela família mais distante): sinto bastante *carinho*, mas como são de outro estado, meu convívio não é tão próximo, então (...) fica uma distância natural (FAMÍLIA É SENTIMENTO) **IM2**.

Outra construção metafórica que engloba apenas dois grupos (nesse caso, o 2 e o 3), é o que se refere ao de família como CASAL. Sua ocorrência apresenta grande coerência em aparecer apenas entre as duas faixas etárias mais velhas, uma vez que o **Grupo 3** é formado de pessoas casadas, e o **Grupo 2** apresenta grande possibilidade de que os informantes estejam (ou que já estiveram) em uma relação à dois. Observou-se, também, que não houve realizações linguísticas em que essa metáfora apareceu sozinha, apenas em conjunto com outras metáforas conceituais, como é representado a seguir:

R.L.3.36 perg.14- “daí na minha família, assim (...) teve vários (momentos de felicidade) assim, mas eu acho que os mais felizes, assim, que eu posso dizer, é, na verdade foi o fato de *morar com o meu namorado* (FAMÍLIA É CASAL), assim, porque (...) a *gente se dá muito bem* (FAMÍLIA É UM SER VIVO) e é... ah, sei lá, me sinto em casa, assim, como eu te falei que a minha mãe se casou de novo (...) eu me sentia em casa, mas não sentia um lar, assim, hoje eu tenho um lar, eu posso dizer, assim, que eu tenho um lar” **IF2**;

R.L.3.37 perg.16- “eu acho que os dias que eu mais gosto é dos dias que a *gente fica* em casa (FAMÍLIA É UM SER VIVO) (...) então a *gente acorda*, daí a gente vai almoçar em algum lugar legal,daí a *gente vai no cinema*, daí a *gente volta* pra casa...assiste um filme, não sei, assim, eu gosto das coisas, sei lá, pequenas...e, às vezes eu acho que é tão legal, assim, que eu gosto, *fico feliz* por causa disso” (FAMÍLIA É SENTIMENTO/ FAMÍLIA É CASAL); **IF2**;

R.L.3.38 perg. 18. “eu acho que, a construção de uma vida familiar feliz, eu acho que, assim, acima de tudo é importante o respeito, né, o *companheirismo* (FAMÍLIA É CASAL). Então, eu acho que, assim, você encontrar uma pessoa que *compartilhe* de mesmos valores que você, e aí vocês formarem uma família na hora certa, né, quando tiverem uma estrutura física de, né...financeira, e *sempre tratar* (FAMÍLIA É UM SER VIVO) seus filhos com *amor*, com *respeito* (FAMÍLIA É SENTIMENTO), porque, assim, não é só porque ele é seu filho que ele vai te amar, e...assim, *educar* (FAMÍLIA É UM SER VIVO), também, educar as crianças, e assim, também ver que o teu filho, que é fruto do teu amor ali, né, com o seu companheiro, e ver que ele cresceu e que é uma pessoa responsável...acho que isso deve trazer muita *felicidade* ao fim da vida” (FAMÍLIA É SENTIMENTO) **IF2**;

R.L.3.39 perg.20. “eu, com certeza, priorizo a família (FAMÍLIA É PRIORIDADE) (...) isso é uma das coisas, assim, até pelas quais eu escolhi, desde pequena, assim, trabalhar na área pública, desde pequena não, desde que

eu tava na faculdade! É...porque (...) eu admiro muito as pessoas que têm, assim uma paixão pelo trabalho, que tem aquela profissão que a profissão realiza a pessoa, completa essa pessoa, mas eu nunca tive isso, assim, sabe, então, eu trabalho mais por uma necessidade, assim, né ...tem momentos em que eu gosto, mas não muitos. Mas eu trabalho mais, assim, porque tem que trabalhar (...) então, assim, eu vou pra uma área em que, assim, eu não precise me desgastar tanto, né, que é mais a área pública do que a área privada , e eu possa ficar mais com a minha família, é, então eu priorizo mais a família” (FAMÍLIA É RESPONSABILIDADE, no sentido de que é importante lhe dar prioridade) **IF2**;

R.L.3.40 perg.18 “Familiarmente, eu me sentiria realizado, completo, é (...) estando com uma mulher que valorize as mesmas coisa que eu valorizo (FAMÍLIA É CASAL). E, eu *gosto* de família grande, então com muitos filhos, quatro filhos, e(...) os netos são extensões disso, né?!” (FAMÍLIA É UNIÃO) **IM2**;

R.L.3.41 perg.4 “ah (...) eu acho que os eventos são reuniões, assim, de final de semana com os pais, familiares, almoços...em que a gente procura manter, ainda, tanto na família do meu marido como na minha família. Então, a gente ainda tem essa tradição, apesar dos irmãos casados, né (...) a gente consegue ainda manter essa tradição, sempre, pelo menos uma vez por mês a gente tá *reunido* (FAMÍLIA É CASAL) com os pais, pra manter essa *união* (FAMÍLIA É UNIÃO), na verdade, é, que era muito presente quando eu era solteira, e que agora, com o meu marido e meus filhos, a gente procura manter a mesma (...) sistemática, né?” (FAMÍLIA É UNIÃO) (em relação à antigamente) é...eu acho que tinha, assim, era a *união da família* (FAMÍLIA É UNIÃO), mesmo, né...que a minha mãe preservava, e que eu preservo até hoje (eu só tenho mãe, o pai já é falecido), mas é os batizados, as festas, né, principalmente as festas religiosas, natal , então é...o que eu me lembre, assim, né? ” **IF3**;

R.L.3.42 perg.13 “olha, a gente é bem *unido* (FAMÍLIA É CASAL/ FAMÍLIA É UNIÃO), assim, apesar de tanto tempo de casada eu ainda sou *apaixonada* pelo meu marido (FAMÍLIA É SENTIMENTO), nos damos bem, né, dificilmente a gente briga, com os filhos também, né, são pequenos, eu tenho uma filha de quatro anos e esse que vai nascer, né, optei por ser mãe bem mais tarde, né, pela questão de saúde e também por opção, investir na minha carreira, estudos. Eu fiquei dentro da universidade, fiz cursos, fiz tudo o que eu podia fazer, e agora eu tô colhendo os frutos. Mas, com relação ao meu marido, nós nos damos super bem, assim”. **IF3**;

R.L.3.43 perg.4 “(como pai) acho que é constituir família, né, de ver os filhos crescer, o dia-a-dia de *todos* eles (FAMÍLIA É UNIÃO), a *alegria* (FAMÍLIA É SENTIMENTO), e ver que você tá cumprindo com o papel de pai, né (FAMÍLIA É RESPONSABILIDADE) (...) quando você tem filhos você não tem noção, né, do que é viver junto com uma outra pessoa, né (FAMÍLIA É CASAL) (...) A gente casa, você consegue entender o quanto o ser humano precisa crescer, né, se desenvolver na parte afetiva, na parte humana, na sua humildade, na sua bondade, no seu conhecimento, acho que é isso.” **IM3**.

A última metáfora que não está integrada nos usos dos três grupos, também aparece apenas nos textos orais das duas faixas etárias mais velhas de falantes. Essa construção é o que relaciona família com PRIORIDADE. Eis as suas realizações em que essa metáfora aparece de forma isolada:

R.L.3.44 perg.20 “não, com certeza eu priorizo muito mais a família, priorizo muito mais as pessoas do que qualquer (...) outro aspecto. E eu estou feliz com a minha escolha, o que não te deixa nem sempre você conviver com pessoas que agem da mesma forma, e isso é uma via de mão dupla, pra ser completa tem que ter reciprocidade nesse aspecto, né?” (FAMÍLIA É PRIORIDADE) **IM2**;

R.L.3.45 perg.21 “eu valorizo as pessoas, então eu continuaria valorizando os meus filhos, a minha família em primeiro lugar, depois o resto” (FAMÍLIA É PRIORIDADE) **IM2**;

R.L.3.46 perg.8 “Acho que foi mais por questão da necessidade, mesmo...se eu tivesse, se eu não tivesse optado por casar e constituir uma família, eu teria somente estudado, teria tomado outro rumo, né, tanto que eu cheguei a passar na Federal (UFPR), acabei desistindo, era Medicina Veterinária, acabei desistindo, que eu não ia ter condições de levar até o final, né?” (FAMÍLIA É PRIORIDADE) **IF3**.
(Ela priorizou escolher a família, por conta disso, teve que abandonar os estudos)

R.L.3.47 perg.19. “nunca, jamais...(priorizar o trabalho em relação à família) sempre equilíbrio, no trabalho, na família, em qualquer atividade tem que ter equilíbrio, né...eu trabalho até o ponto que eu acho que é suficiente, pra mim e pra família, né” (FAMÍLIA É PRIORIDADE) **IM3**.

Além dessas realizações, essa metáfora também aparece em conjunto com outras construções metafóricas (já apresentadas):

R.L.3.48 perg. 21 “ ah, não...eu priorizaria a família (FAMÍLIA É PRIORIDADE), assim, eu não pretendo parar de trabalhar tendo filhos, mas (...) eu não *entraria* num emprego em que eu tivesse que trabalhar a noite, ou não pudesse ter férias na época deles, assim, sabe. Então, assim, eu continuaria trabalhando, mas, por exemplo, *tiraria* as minhas férias pensando nas férias escolares deles, é ... trabalharia num horário que fosse compatível com o horário que eles estariam na escola, creche, pra passar...o máximo de tempo que eu pudesse com eles” (FAMÍLIA É RESPONSABILIDADE/FAMÍLIA É PRIORIDADE) **IF2**;

R.L.3.49 perg. 19 “já priorizei...mais o trabalho, mas agora eu *priorizo mais a minha família* (FAMÍLIA É PRIORIDADE), então, deu meu horário, eu cumpro as minhas oito horas ... eu vou pra minha casa, *porque minha família depende de mim* (FAMÍLIA É RESPONSABILIDADE/ FAMÍLIA É UM SER VIVO), antes de ter os filhos, não ... eu ficava e não tinha horário, (isso aconteceu) mais por causa dos filhos. Depois que a minha primeira filha nasceu, eu sinto que eu consegui desvincular do trabalho, antes eu queria terminar tudo (...) deixar tudo em ordem (...) hoje, não, hoje eu faço o que dá, dentro do meu limite, dentro das minhas horas, não deu hoje, é urgente, é urgente, mas vai ficar pra amanhã!” **IF3**;

R.L.3.50 perg.17 “sim, ela me trouxe algumas coisas materiais, né, me possibilitou algumas viagens (...), me trouxe ...o equilíbrio da família, né, que é o mais importante (FAMÍLIA É PRIORIDADE), né. E esse equilíbrio, queira ou não queira, é através do dinheiro, é através do status, do status não, mas sim do dinheiro. Sem dinheiro você não tem comida, você não... por mais que você tenha pouco momento de lazer, mas o que a gente tem dentro de casa é através desse trabalho, e sem essa estabilidade, sem esse trabalho, as coisas são mais difíceis (..) não tem família que fique estruturada” (FAMÍLIA É RESPONSABILIDADE) **IM3**.

Dispostas as metáforas conceituais encontradas dentro das realizações linguísticas que se referem ao modelo conceitual de FAMÍLIA, pode-se analisar de que forma as ocorrência dessas metáforas transparecem algumas características dos grupos.

A começar pelo **Grupo 1**, pode-se destacar alguns aspectos característicos. Primeiramente, nota-se que, apesar de apresentar as quatro metáforas comuns, além da que é relativa à BASE (presente nos **Grupos 1 e 2**), apenas três delas aparecem de forma isolada em suas construções orais. Não há construções em que RESPONSABILIDADE e BASE apareçam de formas isoladas dentro desse grupo, além disso, as construções relativas à SENTIMENTO têm apenas um aparecimento singular. Apenas no caso de UNIÃO e SER VIVO começa a haver mais ocorrência de seus usos de forma singular, sendo três ocorrências daquela (R.L.3. 12 a 14) e oito vezes (R.L.3. 4 a 8) em que ralações de família como um ser vivo aparecem como única metáfora do texto oral.

É importante destacar, nesse momento, que o grande número de realizações, pelos falantes adolescentes, em que relacionam família com ser vivo, além de apresentar um número expressivo, ainda mostra que apenas os informantes desse grupo usam essa metáfora de forma singular. Perante isso, pode-se constatar que o uso exclusivo dessa metáfora é mais relevante, dentro desse grupo, do que nos outros. Considerando-se os aspectos do cotidiano desses falantes mais jovens, pode-se perceber que pelo fato de não trabalharem e, também porque necessitam da família para lhes auxiliar nas mudanças pelas quais estão passando

(devido à fase de suas vidas) demonstra que os atos rotineiros da família influenciam muito nas suas rotinas.

Ainda em relação a essa metáfora, pode-se perceber que ela foi a que mais ocorreu também quando se considera os textos em que as metáforas ocorreram de forma conjunta com outras. Ela apareceu sete vezes, duas delas vinculadas diretamente à união (R.L.3. 25), duas ao sentimento (R.L.3. 20 e 21) e também três à responsabilidade (R.L.3. 28, 29 e 30). Nota-se, além disso, que SENTIMENTO e RESPONSABILIDADE só ocorrem, em conjunto, com a construção metafórica do SER VIVO. Isso pode mostrar que as duas metáforas estão vinculadas a esse último conceito. Pode-se dizer que os sentimentos estão muito vinculados aos atos de seres vivos, uma vez que, para esses falantes, como a família tem um papel muito forte sobre seus eles, torna-se uma consequência que essas ações (realizadas pela família que é concebida como um SER VIVO) sejam vinculadas a sentimentos por parte desses falantes. Isso se torna claro ao se destacar, novamente, que a metáfora com relação ao sentimento tem apenas uma ocorrência de forma isolada, o que sugere que é mais relevante (para os adolescentes) quando pensada com a relação ao conceito metafórico SER VIVO.

Além disso, torna-se bastante interessante observar que a responsabilidade, por sua vez, só aparece (nesse grupo) em conjunto com a metáfora do SER VIVO, sem ocorrência de forma singular. Esse fenômeno mostra que os atos que esse falantes realizam podem ter consequências em relação à família, e que preservá-la é uma questão de ser responsável, para não perder algo que é muito importante para eles. Além disso, ao se considerar a família como um ser vivo, torna-se necessário cuidar dela, ser responsável por ela, uma vez que ela pode se magoar se não houver esse cuidado.

Ainda com relação às realizações desse grupo, percebe-se que o conceito de UNIÃO tem um número relevante de aparição dentro do grupo (R. L.3. 12, 13 e 14). Percebe-se que seu uso aparece com essa frequência e também pode estar relacionado ao fato de que esses adolescentes dependem muito da família. Uma vez que não se auto-sustentam e, ainda, passam por uma fase da vida que lhes traz muitos questionamentos, pode-se notar que sentem a família como algo unido (um grupo de pessoas) que lhes ajudará a passar por essas dificuldades (esse aspecto aparece em todas essas realizações citadas acima, principalmente nas (R. L.3. 13 e 14).

Em consideração às realizações em que esse conceito aparece em conjunto com outra metáfora, é importante destacar que a construção metafórica da BASE só aparece nesse grupo em junto com UNIÃO (R.L.3. 33 e 34). Essa ocorrência deixa clara a dependência, para esse grupo, da base de apoio fornecida pela família, a qual é muito vinculada à sua união. Como

está explícito dentro das R.L. 3. 33 e 34, é só através da união que a família possui que ela consegue dar a estrutura necessária para esse indivíduo (vale destacar que toda essa importância que esses informantes dão para a família só comprova mais o fato de sua necessidade dela, o que já foi discutido anteriormente).

E é por esse conceito metafórico da BASE que inicia a análise do **Grupo 2**. Dentro desse, por sua vez, observou-se que há apenas uma ocorrência de forma isolada nesse grupo (R.L.3. 32), Além disso, o mesmo fenômeno não ocorreu no grupo anterior. O seu aparecimento (mesmo que apenas um) já demonstra de que esse elemento, por si, já significa algo dentro do grupo. E, como se pode analisar dentro dessa realização linguística, é possível notar que a visão dessa metáfora é de que, como base para uma pessoa, a família é aquela que lhe dá caráter (bem como ensinamentos) para seguir de maneira correta em outras áreas da vida.

Uma vez que a informante que realizou essa entrevista já mora com o namorado (possuindo, com isso, uma visão sobre a família diferenciada em relação aos adolescentes), além do fato desse uso exclusivo no texto (o que indica maior importância de concretização dessa metáfora dentro do cotidiano dos falantes) percebe-se que é uma visão de quem já passou pela fase de relacionar a BASE como dependência (como ocorrido no **Grupo 1**), e que agora se vive uma etapa que observa como essa base ajudou em sua formação de personalidade e como poderá ajudar na sua nova família (no caso, marido e filhos). Por conta desse último elemento, a importância desse conceito pode ser maior, uma vez que, agora, a informante terá o papel de colocar em prática algo que, anteriormente, seus pais proporcionaram (ou não) a ela.

Esse conceito ainda aparece uma vez (nos textos orais dos informantes desse grupo) em conjunto as metáforas da PRIORIDADE e SENTIMENTO (R.L.3. 35). Dentro dessa realização, é possível destacar que o elemento do SENTIMENTO como importante complemento à noção de família como entidade que dê uma BASE para a pessoa seguir em frente nos desafios que encontrar na sua vida cotidiana. A PRIORIDADE surge como consequência direta, uma vez que, como a importância da família é muita, é natural que ela se torne uma prioridade, algo sem o qual não se pode viver (uma vez que é a base).

O conceito SENTIMENTO também se destaca nas realizações desse grupo. O seu aparecimento de forma isolada está descrito nas R.L.3. 2 e 3. Nessas realizações, é perceptível uma característica importante do grupo, na qual, muitas vezes, esses informantes se referem à família com algumas lembranças relacionadas a sentimentos de decepção (alguma frustração do passado), e projetam melhores situações quando forem formar suas famílias. Esse é um

reflexo claro de suas rotinas, e é um elemento que influencia nas construções metafóricas que carregam esse conceito.

As construções em que essa metáfora do SENTIMENTO aparece em conjunto com outras são variadas, destacando-se, primeiramente, que em duas realizações ele aparece em conjunto com UNIÃO (R.L.3.22 e 23). Nesses textos orais, é bem clara a relação de como a união (ou desunião) da família pode interferir de forma muito forte nos sentimentos que essa pessoa carregará, por um longo período de tempo, em relação a esse grupo familiar. Além disso, é importante destacar que esses elementos estão bastante integrados, haja vista que UNIÃO só aparece em mais um texto oral sem relação com sentimento.

Além disso, SENTIMENTO apresenta, ainda, mais duas realizações linguísticas em que aparece (nessas duas vezes) com os conceitos de SER VIVO e CASAL (R.L.3. 37 e 38). Nas análises desses textos, é possível notar que as relações entre casal e ser vivo são muito fortes, uma vez que o casal é facilmente transposto para a fala como uma pessoa que realiza ações de maneira muito concreta. É possível notar, nesse sentido, que os informantes que vivem com companheiros (**Grupos 2 e 3**), vivenciam o casal de forma que fossem uma só pessoa, perdendo o caráter individual e privilegiando as ações conjuntas. Esse aspecto pode ser mais uma vez comprovado quando se analisa a R.L.3. 36, na qual aparecem apenas os dois últimos conceitos (sem o do SENTIMENTO), e em que a informante enxerga a família como sendo o casal (ela e o namorado), e esse, por sua vez, formando uma entidade viva que realiza ações.

Os sentimentos, no caso das R.L.3 37 e 38, portanto, complementam esses fenômenos que ocorrem entre os conceitos acima, e surgem como consequência da relação que essas pessoas possuem umas com as outras. É característico desse grupo a boa convivência e bons sentimentos com relação ao casal e a futura família a ser formada. Lembrando que, em grande parte das vezes, os informantes colocam essas expectativas no casal, bem como na família a ser formada (com filhos) por conta das suas frustrações (que levam a incompletudes nas relações) com a família em que foram criados.

O conceito CASAL mostra que essa complementação entre as pessoas é muito importante dentro da R.L.3. 40, uma vez que o casal pressupõe adequação de gosto (valores), o qual também pressupõe essa união da família, principalmente em relação à criação de uma nova família (com filhos). Bem como as construções metafóricas relativas ao casal, é importante destacar que a metáfora da PRIORIDADE também só apresenta ocorrência dentro das duas faixas etária mais velha. Observa-se que essa metáfora aparece isolada dentro de textos orais, as realizações linguísticas em que aparece (R.L.3. 44 e 45) deixam claro que a

família tem um papel muito importante dentro da vida desse indivíduo. O fato desse grupo priorizar a família (o que não ocorre no **Grupo 1**) demonstra uma mudança do olhar desses indivíduos em relação a esse modelo conceitual analisado. E, uma vez que esse conceito só aparece nos **Grupos 2 e 3**, pode-se dizer que família, para essa comunidade, só se torna prioridade (em relação às ações que os indivíduos realizam) quando seus falantes integram à ela as noções de casamento (CASAL) e filhos (mesmo que ainda não os tenha, mas que isso já faça parte de seus planos).

Esse argumento se confirma nas R.L.3. 39 e 48, nas quais PRIORIDADE ocorre em conjunto com a metáfora da RESPONSABILIDADE. É importante destacar que essa noção de responsabilidade, dentro desse grupo, não tem aparecimentos de forma isolada, e só surge em conjunto com PRIORIDADE. A razão disso pode ser explicada pelo fato de que, sendo a família algo muito importante, tornando-se, assim, prioridade, traz consigo muita responsabilidade em como se lidar com ela. Ainda mais, como já discutido acima, quando os pensamentos desses indivíduos estão voltados para a formação da sua própria família, a noção de responsabilidade aumenta e, o fato desse conceito só aparecer com construções relativas à prioridade significa, para esse grupo, que as noções de responsabilidade só aparecem quando os informantes mencionam a importância da família, uma vez que terão de cuidar daquilo que lhes é tão precioso.

Essa noção de responsabilidade aqui analisada pode ser ressaltada quando se observa o mesmo conceito em relação ao primeiro grupo, no qual a RESPONSABILIDADE era usada no sentido de se cuidar da família, algo importante (com sentimentos, um SER VIVO). O cuidado com a família continua a ser usado por esse elemento de RESPONSABILIDADE, no entanto, o foco muda na relação de se cuidar de algo que, no primeiro grupo, influenciava o informante (que lhe dava a chamada BASE, e que esse não queria a magoar também por conta de ter uma dependência dessa família), para uma relação em que os informantes passam a se tornar os provedores, tendo essas responsabilidades como elemento indispensável no cuidado da família.

Como já citado, o conceito PRIORIDADE também está presente no **Grupo 3**. Da mesma forma que ocorreu no grupo anterior, esse conceito apresenta duas aparições de forma exclusiva dentro de duas realizações linguísticas (R.L.3. 46 e 47). Ao se analisar essas construções linguísticas, nota-se, primeiramente, que há significativa relevância desse conceito dentro do grupo, uma vez que também é um dos poucos conceitos que aparece de forma exclusiva nos textos orais desse informantes. Além disso, dentro de seus discursos, os

informantes deixam claro ser a família a sua primeira escolha, e deixam transparecer que já realizam (ou realizam) atos nos quais puderam provar essa prioridade da família.

Esse é um aspecto importante, pois, apesar de ser compartilhado com o **Grupo 2**, o foco no uso dessa metáfora é diferente, uma vez que, pelo fato do **IM3** e **IF3** vivenciarem as questões de família de forma diferente, eles dão mais enfoque nas mesmas do que os falantes do grupo anterior. Os informantes do **Grupo 2** tratavam família como prioridade, contudo, não era a família que eles formaram (com filhos), e muitas de suas prioridades de atitudes de referiam à situações que tomariam, no futuro, com relação à suas novas constituições familiares.

O conceito de PRIORIDADE ainda aparece em mais duas realizações linguísticas, nas quais está em conjunto com a metáfora da RESPONSABILIDADE (R.L.3.50) e, na outra, com RESPONSABILIDADE e SER VIVO (R.L.3.49). Dessa forma, chama-se atenção ao fato da PRIORIDADE aparecer sempre ao lado de RESPONSABILIDADE.

Esses dois últimos conceitos mantêm um padrão, uma vez que as ocorrências dessas duas metáforas ocorrem de maneira conjunta no grupo anterior. Dessa forma, é possível notar, mais uma vez, que família é algo muito importante, e pelo qual é preciso haver muito cuidado, principalmente da forma que esses informantes se referem às suas responsabilidades de cuidado da família (principalmente na ação de prover os filhos). Nesses discursos do grupo, o foco da responsabilidade muda da questão do tratar bem a família (para ter uma boa relação com eles), para as ações de sustentá-los (já que estão sob suas responsabilidades, inclusive no cuidado dos companheiros).

Além disso, se nota que na R.L.3.49 o conceito do SER VIVO aparece no discurso e que, ao analisá-lo, notou-se uma diferença entre as significações do **Grupo 1**, que tratam da família como um ser vivo que os provê muito suporte (no campo sentimental e financeiro), contudo, nessa realização linguística, a família passa a ser a entidade viva que precisa ser provida pelo falante. Dessa forma, percebe-se um encaixe grande entre os discursos do **Grupo 3**, em que pais que sustentam filhos falam sobre família, com os do **Grupo 1**, nos quais filhos que são sustentados pelos pais falam e pensam sobre a mesma.

Com relação, ainda, ao conceito da RESPONSABILIDADE, percebe-se, durante a análise das metáforas desse grupo, que ela é a mais utilizada por esses falantes. Além das duas vezes que aparece junto com PRIORIDADE (como já discutido acima), apresenta mais três aparecimentos com outras construções metafóricas, bem como duas aparições de forma isolada (R.L.3.18 e 19). Quanto a essas duas realizações, os discursos deixam claro, mais uma vez, que as responsabilidades estão muito relacionadas ao provimento e cuidado dos filhos

(principalmente). Dessa forma, como já pode ser notado anteriormente, o foco dessa responsabilidade é algo muito importante e concreto dentro de suas vivências, até porque, as ações de provimento da família dependem deles.

A importância dessa metáfora é muito visível pelo número de repetições com outras. Observa-se que na R.L.3. 30 esse conceito é realizado em conjunto com a metáfora do SER VIVO. As duas metáforas já aparecem anteriormente (em que estão juntas com prioridade), e tanto na R.L. 3.49, quanto nessa que está sendo analisada, é possível notar que a família é um ser vivo que precisa de cuidado (precisa ser provido nos campos financeiros e sentimentais), e mais uma vez se refere aos filhos. A R.L.3.24, por sua vez, apresenta justamente uma associação do conceito da RESPONSABILIDADE com a metáfora do SENTIMENTO, na qual fica explícito que o sentimento pela família é muito forte, portanto, a noção de responsabilidade aparece com muita relevância dentro de seu discurso.

A conexão entre questões relativas à RESPONSABILIDADE e SENTIMENTO também aparece dentro da R.L.3. 43. Em verdade, nessa realização aparecem também os conceitos da UNIÃO e CASAL, se caracterizando por ser a construção em que mais aparecem metáforas dentro das realizações linguísticas desse grupo. Na análise desse texto, pode-se notar que a noção de SENTIMENTO pela família continua se apresentando como algo muito forte e que esse sentimento faz com que a responsabilidade em se cuidar da família possa ser suprida, também, pela sua união (já que seria uma forma melhor para criar os filhos). Além disso, o casal, que está dentro da família, também precisa de união, e que haja o cuidado do seu relacionamento a dois, uma vez que está à parte quando se considera a família pensada com relação aos filhos.

O conceito do SENTIMENTO, portanto, pode ser considerado como forte elo para o que os informantes dessa faixa etária mais velha considerem muito o elemento da união dentro da família (bem como a responsabilidade, como já foi discutido), principalmente por parte do casal. Isso porque, além do aparecimento na última realização linguística discutida, SENTIMENTO, UNIÃO e CASAL também aparecem na R.L.3 42 e, dentro dessa, mais uma vez se reafirma que o grande sentimento afetivo entre os familiares (principalmente os pais) faz com que haja muita união desses membros familiares, bem como em relação ao casal.

Nesse momento, torna-se importante o destaque de algumas constatações que puderam ser visualizadas em relação a esses conceitos metafóricos aqui analisados. Primeiramente, é importante destacar que a metáfora do SENTIMENTO não aparece de forma isolada dentro das realizações desse grupo e, em suas realizações em conjunto, só aparecem vinculadas com RESPONSABILIDADE e UNIÃO. A relação com a

RESPONSABILIDADE já foi bastante explorada nas análises, e pode-se dizer que a sua conexão com a UNIÃO evoca, de fato, a necessidade de manter juntos esses membros familiares a fim de poder cuidar deles melhor.

Uma segunda constatação dessas construções tem relação com a metáfora CASAL. Observa-se, em uma análise mais profunda, que ela não apresenta aparecimento exclusivo dentro das realizações linguísticas desse grupo e, além disso, só aparece em discursos em conjunto com a metáfora da UNIÃO, como pode ser constatados nas R.L.3. 42 e 43. Além disso, a R.L.3. 41 é constituída exclusivamente dessas duas metáforas, e nela é possível reafirmar (como já exposto nas R.L.3. 42 e 43) que a noção de CASAL já traz em si o conceito de UNIÃO (pois é uma união em que duas pessoas passam a agir e pensar, muitas vezes, como uma só). E que a UNIÃO, dessa forma, seria uma consequência interna do uso desse conceito de CASAL, bem como, ao se pensar no casal (casamento), os informantes acabam fazendo referência à questão da importância da família estar unida, muitas vezes com o intuito de se referir a ela como base para, principalmente, dar suporte para os filhos.

O conceito de UNIÃO é bastante explorado por esse grupo. Pode-se notar que aparece com exclusividade em duas realizações metafóricas, R.L.3.16 e 17. Essas duas realizações são respostas a perguntas de momentos de felicidade com a família, portanto, pelo fato do sentimento ter sido induzido logo na pergunta, a metáfora SENTIMENTO não foi considerada. Contudo, tornou-se claro, a partir das análises que a UNIÃO dentro da família é algo muito desejado (quando falta algo para realizá-lo) e bom (quando realizado). As próprias realizações metafóricas que ocorrem de maneiras exclusivas dentro das realizações linguísticas indicam que os falantes vivem e realizam algumas ações com base nesse conceito de UNIÃO.

Quanto às realizações em que esse conceito aparece em conjunto com outras metáforas, contabiliza-se um total de cinco aparições, das quais três já foram citadas até aqui (R.L.3. 41, 42 e 43). Contudo, as duas realizações que serão abordadas trazem o a UNIÃO em conjunto com o elemento do SER VIVO (R.L.3.26 e 27). É importante destacar, nesse momento, que essa última metáfora, por sua vez, também não apresenta aparições de forma isolada nas realizações linguísticas do grupo, e só aparece com as construções metafóricas da RESPONSABILIDADE e PRIORIDADE, além da UNIÃO. O fato de aparecer apenas com outras metáforas sugere que a família só é pensada como um ser que realiza ações quando em contextos específicos com outras metáforas, e acabam enquadrando esse conceito de SER VIVO dentro dos mesmos.

Nessas realizações em que UNIÃO aparece junto com SER VIVO, por sua vez, é notável que os membros da família (incluindo cônjuge e filhos) realizam ações de atividades cotidianas que fazem parte de suas rotinas. No entanto esses membros são pensados, primeiramente, como um grupo (família), uma entidade que realiza essas ações (um SER VIVO). Além disso, esses informantes sentem a necessidade de que haja essa união da família, o que pode demonstrar as preocupações dos entrevistados, enquanto pais, em querer fazer com que a família sempre esteja unida. Essa preocupação se estende ao cuidado da família, uma vez que, ao ser uma entidade viva, precisa de cuidado (por isso há uma forte relação entre SER VIVO com RESPONSABILIDADE, como já citado anteriormente).

5. ANÁLISE DOS MODELOS COGNITIVOS A PARTIR DOS GRUPOS DE INFORMANTES

Nesse capítulo são realizadas as análises dos modelos conceituais TRABALHO, FAMÍLIA e REALIZAÇÃO PROFISSIONAL a partir das metáforas conceituais encontradas nas análises das realizações linguísticas dos entrevistados. Cada grupo é analisado de forma separada, e dentro deles são abordados como são representados esses três modelos conceituais através dessas metáforas utilizadas, Além disso, destacando os Modelos Culturais (MC) que podem ser inferidos, para cada grupo, dentro desses usos. Ao final, tanto as análises dos grupos são sobrepostas, podendo-se, assim, verificar quais MCs caracterizariam essa comunidade com relação aos temas de trabalho, família e realização profissional.

Abaixo está uma tabela que ilustra as metáforas conceituais que aparecem em cada grupo quando se referem aos modelos conceituais analisados. Na última coluna, foram destacadas as relações metafóricas que podem ser obtidas a partir das análises das metáforas de cada modelo conceitual:

Tabela 1- Metáforas conceituais constatadas nas realizações linguísticas dos falantes curitibanos em relação aos modelos conceituais FAMÍLIA, TRABALHO e REALIZAÇÃO PROFISSIONAL – os dados constam do ano de 2013.

	TRABALHO	REALIZAÇÃO PROFISSIONAL	FAMÍLIA
GRUPO 1	SENTIMENTO RETORNO FINANCEIRO	SATISFAÇÃO RECONHECIMENTO	SENTIMENTO SER VIVO BASE UNIÃO RESPONSABILIDADE
GRUPO 2	SENTIMENTO RETORNO FINANCEIRO	SATISFAÇÃO RECONHECIMENTO	SENTIMENTO SER VIVO

	NECESSIDADE	RETORNO FINANCEIRO	BASE UNIÃO RESPONSABILIDADE CASAL PRIORIDADE
GRUPO 3	SENTIMENTO RETORNO FINANCEIRO NECESSIDADE RECONHECIMENTO ESTABILIDADE	SATISFAÇÃO RECONHECIMENTO RETORNO FINANCEIRO	SENTIMENTO SER VIVO UNIÃO RESPONSABILIDADE CASAL PRIORIDADE
RELAÇÕES METAFÓRICAS	As realizações metafóricas de TRABALHO se modificam em relação à inserção no mercado de trabalho e de acordo com as responsabilidades familiares dos indivíduos.	As realizações metafóricas de R.P. são, em grande parte das vezes, projeções (pode-se fazer exceção dos membros do Grupo 3), por conta disso não há muita variação entre os conceitos utilizados pelos grupos. Também são muito dependentes dos conceitos de TRABALHO e FAMÍLIA.	FAMÍLIA se apresenta como modelo cognitivo mais rico entre os analisados. As suas realizações variam conforme o nível de relacionamento de vida com a família, bem como se o falante já tem família constituída. Além disso, esse modelo influencia as realizações metafóricas dos outros dois.

A começar pelo **Grupo 1**, percebe-se que, em relação ao conceito TRABALHO, os falantes só apresentaram duas realizações metafóricas, TRABALHO É SENTIMENTO e TRABALHO É RETORNO FINANCEIRO. Como já explicado anteriormente, a primeira realização tem recorrência muito maior dentro de seus textos orais. Esse fenômeno sugere que esses informantes pensam (vivem, de acordo com as metáforas) o trabalho, primeiramente, de acordo com a realização de seus sonhos (suas vontades, seus desejos) e, apesar de haver essa noção de recompensa financeira (para o sustento), ela está em segundo plano.

Essas aparições metafóricas dentro desse modelo conceitual podem ser analisadas de forma a destacar a não inserção desses adolescentes dentro do mercado de trabalho. E o fato desses informantes estarem fora do mercado influencia também nas representações metafóricas da REALIZAÇÃO PROFISSIONAL. Observou-se, no capítulo de análise desse modelo cognitivo, que os informantes desse grupo apresentaram as metáforas com relação aos

conceitos de SATISFAÇÃO e RECONHECIMENTO. A SATISFAÇÃO, dentro desses modelos, está muito ligada ao SENTIMENTO (do TRABALHO), uma vez que está relacionada às questões sentimentais dos indivíduos, bem como ambos os conceitos apresentam, nesse grupo, o elemento de projeção da expectativa nos futuros trabalhos. A noção de reconhecimento aparece, mas as suas realizações linguísticas ocorrem em menor quantidade, o que sugere que para o grupo, mais uma vez, as questões de projeções de sentimentos prevalecem.

E, como a utilização da metáfora reflete a vivência da pessoa, pode-se dizer que essa comunidade adolescente curitibana carrega em suas falas apenas projeções em relação ao TRABALHO e à REALIZAÇÃO PROFISSIONAL, com quase nenhuma experiência (ou muito pouca, como em algumas realizações da **IF1**) sendo vivenciadas. Observa-se que isso é o que as realizações metafóricas sugerem, que, Além disso o fato desses jovens não terem essas vivências, está respaldado socialmente, uma vez que grande parte dos adolescentes (nas faixas de classe média à classe alta) são direcionados (pela família) a não trabalhar, e apenas estudar. Com isso, pode-se afirmar que a própria cultura dessa comunidade (de privilegiar o estudo até certa idade) favorece que as noções de trabalho e realização profissional, para falantes nessa faixa etária, sejam projeções sentimentais e, em segundo plano, financeiras.

Em relação à FAMÍLIA, esse grupo apresenta mais realizações metafóricas (uma vez que é o único conceito com o qual os falantes têm vivência concreta, o que sugere mais referência a ele). Há menção ao conceito SENTIMENTO, mas pode-se notar, por meio de suas construções orais, que essas experiências sentimentais são mais concretas, relacionadas com o que esses jovens já experienciaram. Além disso, também são mostradas as metáforas que mantêm o padrão da dependência financeira que esses adolescentes vivem.

Durante a análise do **Grupo 1** dentro do modelo FAMÍLIA houve a constatação do uso recorrente da metáfora que relaciona esse modelo a SER VIVO, utilizada, principalmente, de maneira isolada, o que demonstra que as ações desse ser vivo (família) afetam muito a vida desses informantes. Além disso, as construções metafóricas com relação sentimentos vêm associados com essa noção de ser vivo, o que demonstra que seus sentimentos variam em conformidade com os atos realizados pela família, ou seja, é uma dependência em nível sentimental.

A UNIÃO também está muito presente em suas falas, o que reafirma que o grupo familiar é deveras importante para eles, o mesmo ocorre na recorrência de RESPONSABILIDADE. Quanto a esse último conceito, o cuidado dessa família é muito importante, uma vez que representam (dentre os três modelos conceituais analisados) a parte

mais importante da vida desses adolescentes. O uso da metáfora da BASE (que é apenas utilizada em conjunto com a construção metafórica UNIÃO) destaca que FAMÍLIA é o que de fato dá sustentação na vida desses indivíduos.

Em conformidade com as metáforas aqui visualizadas, é possível destacar que a família vem a ser o centro da vida desses falantes, e que é o modelo (dentre os analisados) que mais os influencia. A dependência nas áreas financeira e profissional fica exposta dentro de algumas realizações linguísticas dos informantes desse grupo quando perguntados sobre FAMÍLIA, o que demonstra (pelo fato de não serem informações induzidas), maior confiabilidade dos dados para se afirmar (e destacar) a grande influência que a família (nessa cultura) tem sobre aos adolescentes, sendo esses dependentes do grupo tanto nas questões profissional (abrangendo a financeira) e sentimental.

Além disso, o poder desses familiares é tão forte que os conceitos TRABALHO e REALIZAÇÃO PROFISSIONAL se tornam projeções de realização sentimental (que é o conceito, SENTIMENTO, que mais aparece de maneira isolada nas realizações metafóricas desses falantes em relação à FAMÍLIA) e, em segundo plano, projeções de realização profissionais. E, salvo poucas experiências vividas pelos dois falantes no nível profissional, pode-se afirmar que, do mesmo modo, na análise de suas realizações linguísticas, observam-se mais elementos de expectativa do que a vivência efetiva das construções metafóricas, concluindo-se que esses dois conceitos estão praticamente no mesmo patamar (o de projeções) para esses informantes.

O **Grupo 2**, por sua vez, é formado por falantes que já estão inseridos no mercado de trabalho, possuem um emprego estável, mas ainda não constituíram suas famílias (não casaram e tiveram filhos, o que de fato significa constituir sua própria família). Os mesmos apresentam o modelo de TRABALHO a partir das metáforas do SENTIMENTO, RETORNO FINANCEIRO e também com o conceito de NECESSIDADE.

Destaca-se que a metáfora relativa ao SENTIMENTO é a que mais possui realizações linguísticas, o que mostra que há grande relação sentimental desse grupo em relação às suas profissões. No entanto, há muitos desprazeres dentro deles, o que infere a vivência de uma rotina mais concreta do que aquela vivenciada pelos adolescentes. Há muita vontade, nos falantes **IF2** e **IM2**, em realizar suas satisfações sentimentais por meio de trabalho, mas nem sempre os pensando como realização de um sonho, apenas como forma de estar em um trabalho que eles gostem, de maneira geral, uma vez que as realizações desses informantes mostram que eles dão mais importância às questões relacionadas aos aspectos financeiros.

O retorno financeiro, como se pode perceber, guia as construções desses informantes, uma vez que ambos têm a expectativa de mudar de emprego e ganhar melhor em um próximo, o que é um reflexo muito forte da grande rotatividade que muitas empresas possuem com seus funcionários jovens. Mais uma vez, portanto, percebe-se que as questões sociais estão muito refletidas dentro das metáforas que aparecem dentro desse grupo.

A sociedade demanda do jovem que esse possua um emprego, além disso, e de maneira mais forte, demanda que o mesmo busque nesses trabalhos um retorno financeiro cada vez melhor. O discurso da comunidade (como está representado dentro dos seus textos orais) faz com que o trabalhador consiga, de alguma forma, uma forma de ganhar muito dinheiro enquanto jovem para aproveitar melhor a aposentaria (ou se aposentar melhor). Esse aspecto está sendo vivenciado dentro da sociedade de trabalho brasileira (curitibana), tanto em nível público quanto privado. E, a grande rotatividade de pessoas nos serviços, na maioria das vezes, ocorre por causa da busca de melhores condições financeiras.

Em conjunto com a melhoria financeira, a sociedade espera desse jovem que ele adquira a experiência que será necessária para as fases futuras da vida, e que esse sempre busque fazer algo que goste (com o qual tenha identificação). É fato que as metáforas do SENTIMENTO refletem isso, mas os discursos também deixam claro que isso pode ser postergado para ser alcançado em etapas futuras (ficando em segundo plano, nessa fase da vida), pois a situação financeira, nesse momento, é mais importante. Também é visível que o trabalho é importante para a sociedade (não se pode deixar de trabalhar), como pode ser visto pelo conceito de NECESSIDADE nos discursos dos jovens entrevistados, mas esse emprego é apenas um meio de se conseguir experiência (que se relaciona com as questões sentimentais) e dinheiro. Esse fenômeno pode ser facilmente constatado quando se analisa que a noção de necessidade aparece pouco sozinha, no entanto, de forma muito mais rica quando pensada com as outras duas metáforas, inferindo-se que o maior papel desse trabalho é fazê-los atingir os dois objetivos já dispostos acima.

O fenômeno de se ter o trabalho como uma forma de ganhar dinheiro está muito destacada nas realizações linguísticas que esses falantes jovens produziram em relação aos modelos REALIZAÇÃO PROFISSIONAL (R.P.). A disparidade na importância que os informantes colocam em relação a esse conceito, RETORNO FINANCEIRO, é muito maior do que as suas considerações aos conceitos de SATISFAÇÃO e RECONHECIMENTO (os quais complementam o quadro de realizações metafóricas quanto à esse modelo). Isso se reflete, primeiramente, nos usos singulares que essas metáforas possuem, uma vez que o conceito que possui apelo financeiro é o que mais aparece como única realização metáfora

nos textos orais, bem como é privilegiado nas realizações lingüísticas em que aparece em conjunto com alguma dessas outras metáforas.

O próprio conceito de se R.P. é um aspecto que a sociedade relaciona como algo a ser concretizado apenas a longo prazo, a qual normalmente se cumpre na última metade da vida profissional de uma pessoa, quando ela já possui experiência em campos profissionais, e se dedica a fazer o que gosta. Portanto, é muito perceptível dentro da análise desse modelo conceitual na fala desses jovens, que a procura de uma estabilidade financeira (para que não haja preocupações futuras quanto a isso) torna-se o foco. E que apesar de a satisfação e reconhecimento existirem em suas construções metafóricas, e serem importantes para os eles, estão em segundo plano. Ademais, nos próprios discursos, os falantes deixam claro que têm a intenção de trocar do emprego que exercem para buscar melhores condições financeiras, o que torna claro que SATISFAÇÃO e RECONHECIMENTO são conceitos que só terão sua realização efetivada futuramente, conforme está impregnado na cultura dessa sociedade.

Além disso, o modelo da FAMÍLIA também se destaca pelo grande número de construções metafóricas desse grupo. Esses dois jovens são os que apresentam o maior número de realizações metafóricas dentro do modelo de FAMÍLIA dentre todos os grupos. Isso se explica pelo fato de que, por ser uma fase de transição na questão familiar, nas quais os jovens não são mais dependentes das famílias que os criaram, e vivem um momento no qual pretendem iniciar a construção de uma nova família (na qual eles serão os provedores), eles trazem conceitos relacionados com a fase em que eram sustentados, bem como apresentam construções relativas aos projetos futuros relacionados às suas construções familiares. Deve-se destacar que esse é um encaminhamento que a sociedade exige dos jovens dessa faixa etária (montar a família em que são os provedores), bem como os próprios anseios pessoais fazem com que ensejem por essas realizações.

As construções metafóricas conseguem destacar de forma substancial essas mudanças. O conceito de BASE aqui utilizado se refere à noção de família em que esse informante cresceu, no entanto, no uso desse conceito dentro desse grupo, não há o enfoque na família ser a base no sentido de dependência desses informantes. Pelo contrário, BASE é aqui utilizado para se referenciar aos valores aprendidos, e sentimentos vividos, com a família de criação, os quais serviram de lição para as suas aplicações dentro da família a ser constituída.

Na mesma linha de pensamento, também é apresentado o conceito de SER VIVO, no qual o grupo familiar já é visualizado como um indivíduo a ser cuidado (família que esse jovem irá prover), e com o do SENTIMENTO, o qual é muito enfocado com referência às

muitas decepções que esses informantes tiveram em relação à sua família de criação, e que agora querem melhorar quando casarem e passarem os mesmos sentimentos aos filhos (nota-se que essa fase de descontentamento é muito típica, socialmente, por parte dos jovens, uma vez que é o momento no qual muitos deles saem da casa dos pais e procuram uma nova família pelo fato de muitas de concepções não se adequarem mais aos de seus progenitores).

Além disso, os conceitos de UNIÃO e RESPONSABILIDADE também apresentam citações muito explícitas no que se refere à construção de uma nova estrutura familiar e, principalmente, os conceitos que se referem a CASAL e PRIORIDADE. Isso ocorre, pois o casamento já demonstra uma fase de nova constituição do núcleo familiar, e ambos os informantes se referem a CASAL como sendo um grupo familiar. Além disso, as ações que esses curitibanos realizam (ou pretendem realizar) deixam a PRIORIDADE também com referência clara para a família que se pretendem constituir a partir do casal, principalmente quando há referência aos filhos. Deve-se atentar que as questões concernentes ao modelo cognitivo da FAMÍLIA, também para esse grupo, influenciam em muitas realizações nos outros modelos aqui pesquisados, uma vez que esses jovens deixam claro que certas atitudes (inclusive algumas já realizadas), no trabalho (e, conseqüentemente, com relação à R.P.) são realizadas com o pensamento futuro voltado para se aproveitar mais os momentos com essa família.

Já o **Grupo 3**, por sua vez, apresenta algumas particularidades bastante específicas socialmente. Os integrantes do grupo são pais de família e, uma vez inseridos nessa sociedade em que vivem (juntamente com o papel social em que estão adequados), é esperado deles algumas atitudes até então não esperadas pelos outros entrevistados, principalmente com relação ao sustento da família e com alteração de alguns focos em relação ao trabalho.

A começar por esse mesmo conceito, TRABALHO é representado de forma muito rica dentro das realizações linguísticas dos falantes **IF3** e **IM3**. Eles abordam as metáforas já inclusas nos outros grupos, como SENTIMENTO, RETORNO FINANCEIRO e NECESSIDADE, as quais têm importância concretizada para esses falantes. O destaque na representação desse modelo, para esse grupo, são os usos da ESTABILIDADE e RECONHECIMENTO. Em relação à ESTABILIDADE, uma vez que é de fundamental importância que esses falantes, como provedores da casa, possam estar sempre fornecendo sustento para seus dependentes, esse conceito se torna relevante para ambos falantes. Obviamente imposto pela sociedade esse status de provedor, percebe-se que a metáfora apenas reflete essa imposição.

O RECONHECIMENTO aparece pelo mesmo fenômeno social, anteriormente citado, no qual a sociedade apregoa que cabe aos jovens experimentar no campo profissional, a fim de obter experiência, já para os mais velhos (nesse caso, com família, o que também muda o foco), é mais aconselhável a segurança profissional (que se encontra na valorização da ESTABILIDADE). Dessa forma, o RECONHECIMENTO que foi deixado para ser realizado no futuro, como analisado no caso dos falantes do **Grupo 2**, encontra agora sua hora para realização. Uma vez assegurada a questão financeira profissional, pode-se pensar no reconhecimento do trabalho, uma vez que esse seria um estágio subsequente a se querer ter um alcance concreto dentro das relações profissionais. Além disso, esse alcance de reconhecimento é algo muito colocado na questão do futuro, pela sociedade, principalmente na relação da contribuição social, pois que há toda uma grande construção a ser levada em consideração (todo um caminho já trilhado) para que haja o efetivo reconhecimento. Os últimos anos de trabalho, bem como se chegar à terceira idade, seriam os períodos para haver esse retorno interpessoal.

Observa-se que as construções metafóricas desse grupo fazem paralelo muito forte com que é mostrado em REALIZAÇÃO PROFISSIONAL. Dentro das realizações linguísticas, os conceitos de SATISFAÇÃO e RECONHECIMENTO aparecem muito mais em conjunto do que em usos singulares. Esses dois elementos se demonstram frequentemente mais pensados de maneira conjunta, o que reflete a forma que esse grupo pensa. No entanto, nota-se que há grande valorização, no geral, também do conceito do RECONHECIMENTO. O fato de o falante **IM3** não ter grande satisfação pelo trabalho é o que o faz ter planos de mudar de emprego, contudo, ele não deixa de realizar essa atividade pelo fato de que a estabilidade conta (tanto que o retorno financeiro é muito focado por ele), sendo uma exigência social muito importante para o mesmo. Com isso, nota-se que é a SATISFAÇÃO completa no trabalho o que leva a se buscar a realização do RECONHECIMENTO. Apesar de a satisfação estar em um segundo plano nas realizações metafóricas, ela é de fato importante para se ter a espera de um reconhecimento, pois só se espera uma valorização quando se realiza algo que se gosta.

Em relação ao modelo da FAMÍLIA dentro do **Grupo 3**, a noção de responsabilidade exigida dos pais, socialmente, é ainda mais explícita. Nota-se que há um grande uso de metáforas conceituais (é um modelo focado de maneira rica), além disso, os conceitos são muito relacionados ao cuidado com esse grupo. Pode-se perceber que o conceito do SER VIVO é percebido como um indivíduo que precisa ser cuidado, a RESPONSABILIDADE também evoca muito essas construções. Percebe-se que muitos dos conceitos que ainda

tenham projeções de realização dentro do Grupo 2, agora são realizados de maneira concreta. Em relação a isso, o conceito de SENTIMENTO é muito considerado, uma vez que a família se torna, para o grupo, (dentre os modelos analisados) o elemento mais importante considerado.

Os conceitos e realizações lingüísticas de UNIÃO e CASAL também revelam um pensamento muito voltado à família (e, em particular, o casamento), como algo que precisa ser unido, no qual as pessoas precisam muito próximas. O elemento da PRIORIDADE tem muita ênfase nos usos dos falantes, é importante destacar que dentre todos os modelos, a família é mais considerada, além de haver a observação de realizações de ações efetivas que comprovam tal fato. Com isso, é possível notar que esses falantes se adéquam ao papel de pais que a sociedade lhes pede, e em seus discursos há uma grande satisfação em poder exercê-los.

Mediante as análises desses grupos de informantes dentro dos três modelos cognitivos analisados, é notável a grande valorização que há em consideração à FAMÍLIA. Além de ser o modelo que mais apresenta realizações metafóricas pelos falantes, também se percebe que é o mais priorizado entre os três. As escolhas em prol desse fazem com que decisões em relação aos outros dois modelos sejam mudadas para se adequar a alguma necessidade familiar, ou são deixados em segundo plano. Além disso, também é possível notar que ocorre, na análise desses conceitos, ocorre o fenômeno no qual, quanto mais concretos são esses modelos para as pessoas (quanto mais elas vivenciam esses modelos em seus cotidianos), mais uso e prioridade elas terão. Com isso, é possível notar que a família é muito priorizada por contar também (mas, não apenas) dessa vivência mais longa que os indivíduos têm com esse grupo. Dessa forma, ainda é possível notar que os conceitos em relação à R.P. acabam sendo, na maioria das vezes, os que contêm mais o fator da projeção, uma vez que são expectativas de um futuro que demorará a chegar (exceto para os membros do **Grupo 3**). Ademais, em relação ao TRABALHO, é possível perceber que apenas o **Grupo 1** apresenta essas projeções, pois, uma vez inserido dentro dele, o indivíduo só o deixa de priorizar, de fato, quando se lida com algum elemento familiar, caso o contrário, até a R.P. fica em segundo plano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pôde notar durante as análises, as metáforas estão muito presentes nos discursos das pessoas. E essas metáforas deixam transparecer a forma pelas quais os falantes observam, pensam e, principalmente, vivem as mais variadas experiências. Essa pesquisa, por sua vez, apresentou uma análise das metáforas produzidas em relação aos modelos cognitivos FAMÍLIA, TRABALHO e REALIZAÇÃO PROFISSIONAL a partir de um pequeno *corpus* de informantes curitibanos. E, uma vez que, a partir dessas realizações metafóricas também é possível analisar quais os modelos culturais (visto que as metáforas são reflexos dessas relações culturais) dessa comunidade que influenciam nesses conceitos, eles também foram apresentadas.

Pelas análises, tornou-se explícito que, em consideração aos três modelos cognitivos estudados, essa pequena comunidade de informantes mostrou suas atitudes, experiências e projetos muito voltados ao modelo da FAMÍLIA. Além de ser o modelo com mais realizações metafóricas, é o mais privilegiado nas ações desses indivíduos, concretizando-se como prioridade, de maneira geral, para esses curitibanos. Ademais, as construções metafóricas encontradas nos modelos cognitivos de TRABALHO e R.P. são determinadas a partir das relações familiares que esses informantes possuem.

O TRABALHO também se mostra como elemento bastante importante dentro dessa comunidade, observando-se que a entrada no mercado de trabalho causa muitas alterações nas realizações linguísticas desses curitibanos em relação a esse próprio modelo e à R.P. Quanto à REALIZAÇÃO PROFISSIONAL, por sua vez, mostra-se que é importante, socialmente, ter essa concepção, mas sua realização só é buscada quando questões como satisfação financeira e profissional são realizadas.

Essa análise, além disso, apresentou um rico campo de investigação da linguagem, uma vez que, as análises metafóricas, como já mencionadas, estão presentes nas mais variadas situações comunicativas, podendo ser inseridas em muitos estudos com outras áreas relacionadas às linguagens. E, além disso, a ponte realizada para as análises de modelos culturais demonstra que os estudos com essas realizações metafóricas podem, também, ser estendidas para pesquisas com outras áreas científicas.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvona S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. e col. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.p.15-41.

FAUCONNIER , Gilles. Methods and generalizations. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela . (eds.) **Cognitive linguistics: foundations, scope, and technology**. New York: Mouton de Gruyter, 1999.p.95-127.

FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

GEEARAERTS, Dirk. Introduction: prospects and problems of prototype theory. **Linguistics**, v.27, n.4, p.587-612, 1989.

GRANZOTTO, Carina Maria Niederauer. **Semântica cognitiva aplicada: a radialidade da categoria RELIGIÃO nos discursos dos imigrantes italianos (de 1875 à década de 1950)**. 2007. 325f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Universidade Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

KEARNEY, A.R.; e KAPLAN, S. Toward a methodology for the measurement of knowledge structures of ordinary people: the conceptual cognitive map. (3CM). **Environment and Behavior**. N 29, p. 579-617, 1997. (1997)

KULLMANN, Niuana. Modelos Culturais e categoria TRABALHO. In: **ENCONTRO DE JOVENS PESQUISADORES**, 14, 2006, Caxias do Sul, 2006.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

_____. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LINTON, Ralph. **O Homem: Uma Introdução À Antropologia**. São Paulo: Martin Fontes, 2000.

McCAULEY, Robert. The role of theories in a theory of concepts. In: NEISSER, Ulric (ed.) **Concepts and conceptual development: ecological and intellectual factors in categorization**. New York: Cambridge University Press, 1987

ROSCH, Eleanor. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, Timothy E. (Org.). **Cognitive development and the acquisition of language**. New York: Academic Press, 1973. P. 111-114.

SÄGE, Morgana Larissa. **Modelos cognitivos na categorização de VIOLÊNCIA: estruturas e processos no discurso de sujeitos urbanos, rurais e rurbanos**. Caxias do Sul. 2010. 251 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Universidade Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

STRAUSS, Claudia; QUINN, Naomi. **A Cognitive theory of cultural meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

TONIOLLI, Jovane. Modelos Culturais de PROPRIEDADE, TRABALHO, FAMÍLIA e RELIGIÃO nas antigas colônias de imigração italiana-configuração geral. In: **ENCONTRO DE JOVENS PESQUISADORES**, 12, 2004, Caxias do Sul, 2004.

WITTGENSTEIN, LUDWIG. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: Edusp, 2001.

ANEXO A- QUESTIONÁRIO DO GRUPO 1

- 1- Com quantas pessoas você vive em sua casa? Quem são elas?
- 2- Você mora em casa ou apartamento? É própria ou alugada?
- 3- Em que bairro você mora? Morou sempre nesse bairro?
- 4- Você já terminou o Ensino Médio? Em que ano? Em que instituição?
- 4a- Você faz algum curso à parte (curso técnico, de idiomas)?(IM1)
- 5- Que curso universitário você pretende seguir?
- 6- Porque escolheu essa profissão, qual seu sentimento por ela?
- 7- De que maneira você analisa os estudos do Ensino Médio e como que eles vão contribuir para a sua formação na faculdade?
- 8- Imaginando o sua escolha profissional que irá exercer depois de formada, o que te daria mais satisfação no trabalho? A profissão exercida?O papel dessa profissão para a sociedade? A remuneração?
- 9- Dentro do curso universitário que está disposto a fazer, que área específica (sub-área) você pretende escolher?
- 10- O que você pensa sobre o mercado de trabalho dentro da área escolhida?
- 11- Você namora/ está ficando com alguém? Conhece a família dessa pessoa?
- 12- Como é o seu relacionamento com a sua família?
- 13-Que sentimento vem à tua cabeça quando você lembra (pensa) sobre a sua família? O que é família pra você nesse sentido?
- 14- Você tem alguma dificuldade (problemas) de relacionamento com alguém da sua família mais próxima ? Ou até mesmo com a família mais distantes?
- 15- Poderia definir o que seria Família para você?
- 15a- Seria algo assim, mais relacionado à união, algo desse gênero? (IM1)
- 16- Poderia definir o que seria Trabalho para você?
- 17- O que seria Realização Profissional para você? O que é estar realizado profissionalmente?
- 18- Você poderia me descrever um momento muito grande de felicidade (um pico) dentro dos seus estudos?
- 19- Você poderia me descrever um momento muito grande de felicidade (um pico) dentro da tua família?
- 19a. Pode descrever um desses momentos? (IM1)
20. E tem como você comparar esses sentimentos, você acha que um é muito mais forte que o outro?
- 20a. Você poderia descrever o nascimento da tua irmã com algum sentimento, assim?(IF1)
- 20b. Poderia, com isso, dizer esses sentimentos da realização profissional seria a conquista individual?(IF1)
21. Agora eu gostaria que você descrevesse como seria, no geral, a rotina de um dia feliz?
22. Agora eu gostaria que você descrevesse como seria, no geral, a rotina feliz de um dia de trabalho para você?
23. Agora eu gostaria que você descrevesse como seria, no geral, a rotina de um dia de estudo que fosse bom (que trouxesse felicidade)?
24. Agora eu gostaria que você descrevesse como seria, no geral, a rotina de um dia feliz com a família?
25. Você acha que prioriza mais os amigos e/ou os estudos do que a família (ou vice-versa)? A tua rotina demonstra isso de alguma forma? Você está satisfeito (a) (feliz) com isso?
- 25a. Gostaria que você me descrevesse qual a sensação de quando você sai com os amigos. Onde vocês vão? O que vocês fazem?(IF1)
26. O que seria felicidade para você?

ANEXO B- QUESTIONÁRIO DO GRUPO 2

- 1-Com quantas pessoas você vive em sua casa? Quem são elas?
- 2- Você mora em casa ou apartamento? É própria ou alugada?
- 3- Quantas horas você trabalha por dia ou por semana?
- 4- Qual é a sua profissão?
- 5- Essa profissão foi a sua primeira opção de escolha?
- 6-Você acha que a remuneração que você recebe é justa (boa) o suficiente tendo em vista o trabalho que você exerce?
- 7- Em que você trabalhava antes desse seu trabalho atual?
- 7a. Mas qual era o problema que você via nas outras profissões que você exercia que te fizeram mudar, te fizeram ir para a essa profissão que exerce agora?
- 8- Porque você escolheu essa profissão?
- 9- O que te deixa feliz dentro do trabalho que você exerce?
- 9a- Isso tra dá prazer no trabalho? (IF2)
- 10- Você namora, é noivo (a), casado (a)? Há quanto tempo?
- 11- Como é o seu relacionamento com a família?
- 12- E qual o sentimento que você tem em relação à sua família?
- 12a- Você tem alguma dificuldade (problemas) de relacionamento com alguém da sua família mais próxima ? Ou até mesmo com a família mais distantes?
- 13- Você poderia me descrever um momento muito grande de felicidade (um pico) dentro do seu trabalho?
- 14- Você poderia me descrever um momento muito grande de felicidade (um pico) dentro da sua família?
- 15- Você acha que essa profissão que você escolheu (e que exerce atualmente), ela te completa, te realiza profissionalmente?
- 16- Agora eu gostaria que você descrevesse como seria, no geral, a rotina de um dia feliz para você?
- 17-Agora eu gostaria que você descrevesse como seria, no geral, a rotina feliz de um dia de trabalho para você?
- 17a-Agora eu gostaria que você descrevesse como seria, no geral, a rotina feliz com a família para você? (IM2)
- 18- Agora eu gostaria que você descrevesse como seria a construção de uma vida na qual você possa dizer que foi feliz, tem felicidade, com a sua família.
- 19-Agora eu gostaria que você descrevesse como seria a construção de uma vida na qual você possa dizer que foi feliz, tem felicidade, com no seu trabalho.
- 20- Você acha que prioriza o trabalho em relação à família, ou vice-versa? A tua rotina demonstra isso de alguma forma? Você está satisfeito (a) (feliz) com isso?
- 21- Você acha que se tivesse filhos, iria priorizar mais o trabalho (para conseguir sustentá-los),ou priorizaria mais a própria família?
- 22-O que é família para você?
- 23- O que é trabalho para você?
- 24-O que é se realizar profissionalmente para você?

ANEXO C- QUESTIONÁRIO DO GRUPO 3

- 1- Há quanto tempo é casado (a)?
- 2- Com quantas pessoas você vive em sua casa? Quem são elas?
- 3- Qual a principal diferença que você nota em relação à família comparando quando você era filho (a) com o momento atual em que você é pai (mãe)?
- 4- O que considerava como maiores alegrias que você se lembra, em relação à família, quando estava na posição de filho (a), e as maiores agora no papel de pai (mãe)? Conseguiria compará-los?
- 5- Qual é a sua profissão?
- 6- Essa profissão foi a sua primeira opção de escolha?
- 7- Em que você trabalhava antes desse seu trabalho atual?
- 8- Por que escolheu essa profissão?
- 9- Você gosta da profissão que exerce?
- 10 - Você acredita que com o seu trabalho conseguirá sustentar a família, principalmente em relação aos filhos, provendo tudo o que eles precisam?
- 10a E quanto à segunda atividade que você exerce, você a realiza porque gosta ou porque precisa? (IM3)
- 11- Você pensa em trocar de serviço por conta dos filhos (para ganhar mais), ou por vontade própria mesmo?
- 12- Qual o sentimento que vem à sua cabeça quando a você pensa no seu trabalho?
- 13- Como é o seu relacionamento com a família?
- 14- Você poderia me descrever um momento muito grande de felicidade (um pico) dentro do seu trabalho?
- 14a- Como é o relacionamento com os seus colegas de trabalho? (IM3)
- 15- Você poderia me descrever um momento muito grande de felicidade (um pico) dentro da sua família?
- 16- E tem como você comparar esses sentimentos, você acha que um é muito mais forte que o outro?
- 17- Você acha que essa profissão que você escolheu (e que exerce atualmente), ela te completa, te realiza profissionalmente?
- 17a- O que te realizaria profissionalmente?(IM3)
- 18- Quantas horas você trabalha por dia ou por semana?
- 19- Você acha que prioriza o trabalho em relação à família, ou vice-versa? A tua rotina demonstra isso de alguma forma? Você está satisfeito (a) (feliz) com isso?
- 20- Agora eu gostaria que você descrevesse como seria, no geral, a rotina feliz de um dia de trabalho para você?
- 21- Agora eu gostaria que você descrevesse como seria, no geral, a rotina feliz com a família para você? (IM2)